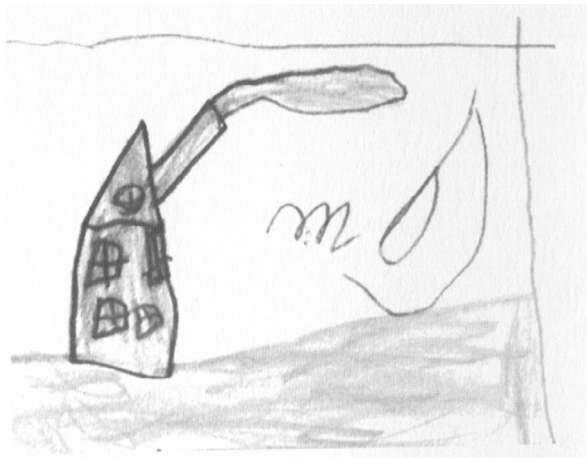


**DISSERTAÇÃO DE
MESTRADO INTEGRADO
EM ARQUITECTURA**

Apresentada por Luca Bosco e orientada por José Gigante
no Ano Lectivo de 2015/2016





[...] el dibujo dibuja, expone, sueña sin resolverlo aun, como pueden vivir juntos el hombre con su propia imagen, con la tierra, con el cielo, con los demás. ¿Como pueden vivir juntos? Aprecien cuánto, con la casa, la arquitectura convertirá en exclamación esta pregunta.

Luis Martinez Santa-Maria, *Intersecciones*

Estrutura

Resumo

Abstract

-

- [1] - A Casa na Rua de Dom João IV
- [2] - Introdução
- [3] - Um almoço entre amigos
- [4] - E-mail nº1 / E-mail nº1 (Anexo)
- [5] - A primeira conversa
- [6] - E-mail nº2
- [7] - Fernando Távora
- [8] - L'homme qui plantait les arbres
- [9] - Um conjunto por organizar
- [10] - E-mail nº3
- [11] - O conjunto organizado (ou quase...)
- [12] - E-mail nº4
- [13] - Studio Errante
- [14] - A Casa de Cima
- [15] - Álvaro Siza
- [16] - E-mail nº5
- [17] - A Casa do Meio
- [18] - E-mail nº6
- [19] - José Gigante
- [20] - A Ruína
- [21] - Le Corbusier
- [22] - E-mail nº7
- [23] - Peter Zumthor
- [24] - A Casa do Lado
- [25] - Le Corbusier
- [26] - E-mail nº8
- [27] - A Casa da Floresta
- [28] - E-mail nº9
- [29] - Smiljan Radic
- [30] - Desenhos vermelhos e azuis
- [31] - E-mail nº10
- [32] - Por uma consciência construtiva
- [33] - E-mail nº11
- [34] - Desejos
- [35] - E-mail nº12

Resumo

Partilho aqui uma experiência pessoal. Um caminho que atravessa um projecto.

A narração que apresento tem como objecto de estudo a Quinta dos Vinhais, em Rebordelo, no distrito de Amarante. Trata-se de um aglomerado de habitações vernaculares que pertence ao Ricardo e à Francisca, um casal que, numa certa fase das suas vidas, decidiu abandonar a cidade mudando para o campo.

Necessita-se de um projecto de reabilitação e ampliação do conjunto edificado com o objectivo de criar as circunstâncias para que o lugar se transforme numa comunidade auto-suficiente, dedicada à actividade rural.

Convida-se o leitor a percorrer os momentos mais significativos do projecto, na tentativa de o aproximar ao enredo de acontecimentos que envolveu os protagonistas desta aventura, ajudando a compreendê-lo na sua totalidade.

Numa apresentação que experimenta um formato pouco convencional, reconstrói-se uma sequência (crono)lógica dos eventos que condicionaram o trabalho, fragmentada em fascículos que não impedem ao leitor, a

liberdade de subvertê-la, tornando a narrativa única, individual.

Marca-se um momento fundamental de transição entre a aprendizagem académica e a profissão, encarando um projecto que abrange uma realidade mais complexa, condicionada por vontades externas que enriquecem e reforçam as soluções adoptadas. O projecto carrega-se de um sentido mais humano. No fundo... para que serve a Arquitectura?

Abrem-se aqui as portas para o caminho. Boa viagem.

Abstract

I'm sharing here a personal experience. A path across a project.

The story that I'm presenting develops around "Quinta dos Vinhais", a farm in Rebordelo, district of Amarante. It is a cluster of vernacular dwellings belonging to Ricardo and Francisca, a couple who, at a certain moment of their lives, decided to leave the city moving to the countryside.

The need for a rehabilitation and extension of the building complex asks for a project, with the aim of creating the circumstances to turn the place into a self-sufficient community, dedicated to rural activity.

The reader is invited on a journey through the most significant moments of the project, an attempt of approaching him to the events that involved the protagonists of this adventure, in order to understand it more deeply.

In a presentation that experiments an unconventional format, a (chrono)logical sequence of the events that conditioned the work is reconstructed, but fragmented into several booklets, which gives the reader the

freedom to subvert it, making the narrative unique, individual.

A moment of transition between the academic world and the profession is materialized here, by facing a project which covers a more complex reality, conditioned by external wills that enrich and reinforce the adopted solutions, a project that drives through a certain humanism. In that way... what is the purpose of Architecture?

The doors to the path are open. Have a good journey.

Bibliografia / Notas de rodapé / Créditos de imagens

- as imagens estão sempre indicadas na ordem em que aparecem nos fascículos e não se referem, na lista, imagens produzidas pelo autor, quais fotografias, desenhos ou esboços

02 - Introdução

imagem:

_imagem fornecida pelos requerentes

_Ibidem

notas de rodapé:

_ * ZUMTHOR, Peter. *Pensar a arquitetura*. Editorial Gustavo Gili, SA, Madrid, 2005 (p.17)

05 - A primeira conversa

imagem:

_Bruchhäuser, Axel / Karlshafen, Bad - fotografia digitalizada no livro "From the house of the future to the house of today" (p. 284)

_Plantas de evolução do conjunto edificado em Ansty Plum - digitalizada do livro "From the house of the future to the house of today" (pp. 254 - 255)

_Meller-Marcovicz, Digne - digitalização do livro "La cabaña de Heidegger" (p. 35)

_Ibidem (p. 38)

_Ibidem (p. 30)

_Ibidem (p. 34)

notas de rodapé:

_ * TANIZAKI, Junichiro. *Elogio da Sombra*. Relógio D'Água Editores, Lisboa, 1999 (p. 49)

_ ** VAN DEN HEUVEL, Dirk / RISSELADA, Max. *Alison and Peter Smithson. From the house of the future to the house of today*. 010 Publishers, Rotterdam, 2004 (p. 217)

bibliografia:

_SHARR, Adam. *La cabaña de Heidegger*. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2008

07 - Fernando Távora

imagem:

_imagem disponível em <http://miesarch.com/portal/site/miesarch/work-detail>

notas de rodapé:

_ * TRIGUEIROS, Luiz. *Fernando Távora*. Editorial Blau LDA, Lisboa, 1993 (p. 162)

_ ** Ibidem (p. 162)

08 - L'homme qui plantait les arbres

imagem:

_Back Frédéric - ilustrações do video

notas de rodapé:

_ * video disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Klx8UBMRrMA>

13 - Studio Errante

imagem:

_imagem disponível em <http://studioerrantearchitettura.com/wood-and-the-dog/woodandthedog0.html>

notas de rodapé:

_ * textos dos autores da obra disponíveis em <http://studioerrantearchitettura.com/wood-and-the-dog/woodandthedog0.html>
_ ** Ibidem
_ *** Ibidem

15 - Álvaro Siza

imagem:

_ imagem disponível em https://guiadacidade.pt/empresas/fotos/20079_1204729814.jpg

notas de rodapé:

_ * CIANCHETTA, Alessandra / MOLTENI, Enrico. *Álvaro Siza. Casas Privadas 1954-2004*. Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2004 (p. 72)
_ ** Ibidem (p. 78)
_ *** ESPOSITO, Antonio / LEONI, Giovanni. *Fernando Távora. Opera Completa*. Edizioni Mondadori Electa, Milano, 2005 (p. 330)

(neste caso, como os textos de autores portugueses estavam escritos em espanhol e em italiano, o autor decidiu traduzí-los todos para a língua portuguesa)

16 - José Gigante

imagem:

_ imagem disponível em <https://www.facebook.com/josegigantearquitecto/photos>

17 - A Casa do Meio

notas de rodapé:

_ * MARTINES SANTA-MARIA, Luis. *Intersecciones*. Editorial Rueda, Madrid, 2004 (p. 23)

20 - A Ruína

notas de rodapé:

_ * MARTINES SANTA-MARIA, Luis. *Tierra Espaciada. El arbol, el camino, el estanque, ante la casa*. Fundación Caja de Arquitectos (Colección Arquithesis), Madrid, 2004 (p. 83 vol. 2/3)
_ ** MARTINES SANTA-MARIA, Luis. *Tierra Espaciada. El arbol, el camino, el estanque, ante la casa*. Fundación Caja de Arquitectos (Colección Arquithesis), Madrid, 2004 (p. 2 vol. 3/3)

21 - Le Corbusier

imagem:

_ imagem disponível em <https://it.pinterest.com/>

pin/475974254341459579/

notas de rodapé:

_ * citação disponível em <http://www.villalelac.ch/fr/introduction.html>

23 - Peter Zumthor

imagem:

_ imagem disponível em <http://www.serpentinegalleries.org/exhibitions-events/serpentine-gallery-pavilion-2011-peter-zumthor>

notas de rodapé:

_ * ZUMTHOR, Peter. *Peter Zumthor 1983-2013*. Verlag Sheidegger & Spiess AG, Zurich, 2014 (p. 131 - Vol. 5/5)
_ ** Ibidem (p. 131 - Vol. 5/5)
_ *** citação disponível em <http://www.archdaily.com/146392/serpentine-gallery-pavilion-2011-peter-zumthor>

25 - Le Corbusier

imagem:

_ imagem disponível em <http://www.designplayground.it/2015/08/le-corbusier-appartamento-sugli-champs-elysees-nel-1929/>

notas de rodapé:

_ * MARTINEZ SANTA-MARIA, Luis. *Tierra Espaciada. El arbol, el camino, el estanque, ante la casa*. Fundación Caja de Arquitectos (Colección Arquithesis), Madrid, 2004 (p. 83 vol. 2/3)

29 - Smiljan Radic

imagem:

_ imagem digitalizadas pelo autor da revista monografica El Croquis, n°167 (pp. 46 -54)

34 - Desejos

imagem:

_ imagens fornecidas pelos requerentes (primeira sequência)

Obrigado,

aos meus Pais, aos quais dedico esta dissertação, pela confiança e pelo contributo que tornou possível esta magnífica experiência, nesta maravilhosa e hospital cidade;

à Irene, que representa um apoio constante e fundamental na minha vida e à qual dedico também este trabalho que põe fim à imensa distância que nos separou durante quatro anos;

ao Francisco Ascensão, ao Giuseppe Verterame, ao João Pauperio, ao Jorge Correia, ao Marco Formenti, à Maria Rebelo, ao Pedro Barbeitos, à Sara Feio, por terem sido, sempre, um ponto de apoio e de referência;

a todos os Amigos de cá, que se cruzaram comigo durante este caminho e a todos os meus Amigos de Itália.

Ao Ricardo e à Francisca, por me terem dedicado uma quantidade de tempo incalculável para que este trabalho se concretizasse, mas também para terem partilhado comigo momentos de vida, pensamentos e excelentes banquetes na Quinta dos Vinhais.

Enfim, ao José Gigante, por ter acompanhado com imensa disponibilidade esta dissertação, e mais uma vez ao Francisco Ascensão, pelo entusiasmo dedicado na notável revisão e correção de todos os textos.

Maio 2016, Porto











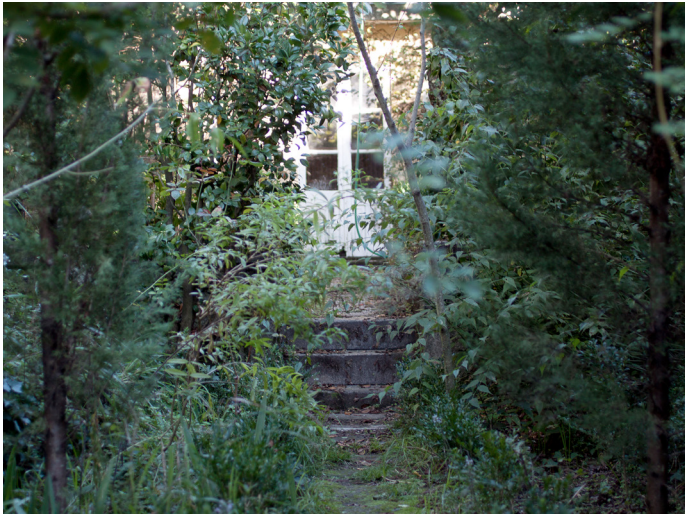














Estar em Casa, regressar a Casa, sentir-se em Casa, são todas expressões que indicam o quanto a Casa representa num profundo sentido de conforto e de bem estar com si próprio e com o mundo exterior.

As paredes têm o significado fundamental de segurança desde os tempos remotos das cavernas, quando os nossos ancestrais se abrigavam procurando protecção e pontos de referência nos lugares para eles mais facilmente acessíveis.

Como sabemos, os homens das cavernas começaram por encher as suas Casas com marcos e desenhos que contavam as próprias histórias, testemunhando o grau de evolução pessoal e social que tinham alcançado. Ao significado de abrigo acrescentam assim o de espaço onde podem expressar o que para eles será mais importante: as paredes das cavernas tornam-se rapidamente expressão, narração, espelho dos conteúdos afectivos, simbólicos, comunitários, e portanto, reflexo do mundo interior e exterior.

De uma forma mais articulada e complexa, mas não muito diferente, hoje a Casa é o lugar que melhor representa a personalidade de quem a habita, desde as suas partes mais íntimas até às mais partilhadas com os outros.

Poderia fazer-se um retrato psicológico de uma pessoa ou de uma família, observando com atenção, sem juízo, mas com um olhar receptivo, a disposição do mobiliário, os quadros nas paredes, os inúmeros tipos de objectos, as cores, a ordem e a desarrumação, as divisões mais cuidadas, os cheiros, a iluminação...

É então um lugar seguro, é a expressão do eu, espaço vital, pessoal mas também de partilha com os outros.

Nesta Casa burguesa do séc. XIX viveram o Ricardo e a Francisca com a família, antes de se mudarem para Rebordelo. Hoje moro eu aqui, e comigo as memórias que foram deixando. Fotos de família, antigos objectos, livros, instrumentos musicais. Uma estratificação de objectos, que foram servindo para construir a própria domesticidade, permaneceu. Fazem parte do meu espaço, do meu quotidiano, e mesmo que não me pertençam, fazem-me sentir em casa.

A sequência narrativa que apresento procura comunicar a minha viagem, de fora para dentro, num confronto natural e empatia com aquelas memórias que de certa forma se foram também tornando minhas. De repente aquele sorriso a preto e branco, sem contexto, é-me bastante familiar.

Introdução

Não foi acidental a escolha de abrir esta apresentação com a sequência de imagens que acabamos de ver. Seria legítimo que o leitor se interrogasse, inicialmente, sobre a relação entre o objecto de estudo central desta dissertação e a Casa na Rua Dom João IV. Desperta dúvidas, e transporta-nos para uma outra dimensão por alguns instantes.

Ao mesmo tempo, sem esta Casa, não se teria realizado o restante trabalho, ou talvez não se compreenderia o seu significado. Foi uma experiência pessoal que me aproximou aos futuros requerentes sem ainda saber o que se viria a concretizar, e, acima de tudo, foi marcante pela construção de uma primeira relação que se foi tornando uma amizade.

O lugar do projecto que se vai apresentar é, de facto, uma Quinta. A Quinta dos Vinhais, em Rebordelo, poucos quilómetros a norte da cidade de Amarante, junto ao rio Tâmega.

A Casa de cima, o celeiro, a Casa da lenha, a Casa do meio, a Casa, a ruína e a Casa do lado “[...] *parecem simplesmente estar lá. Uma pessoa não lhes dá nenhuma atenção especial. E, no entanto, é quase impossível imaginar o lugar onde estão sem elas. Estas obras parecem estar*

*firmemente ancoradas ao chão. Funcionam como parte integrante do seu espaço envolvente e parecem dizer: eu sou tal como tu me vês e daqui faço parte.”**

Trata-se de um conjunto de antigas Casas camponesas, implantadas no ponto mais alto do terreno, dominando o vale do Tâmega. No agrupamento de Casas podem ser distinguidas com facilidade as dos antigos caseiros, caracterizadas pelo aspecto ainda primitivo que a construção nos transmite, e a antiga Casa senhorial que actualmente se encontra em ruína. Desta, mantiveram-se só os restos das paredes periféricas e alguns muros interiores que permitem compreender vagamente a antiga organização. Hoje está completamente habitada por uma camada verde de silvas que se agarra à ruína, construindo uma cenografia onde o artificial e o selvagem convivem tranquilamente face à paisagem.

A intervenção que se propõe aborda situações diferentes sendo que as Casas pré-existentes se encontram em estados de degradação distintos. Haverá então uma transformação dos interiores quando as Casas tiverem a estrutura totalmente consolidada, desde as paredes portantes até

a cobertura. Na ruína, será necessário fazer o esforço de leitura e interpretação atento, para responder de forma adequada às pistas que os restos das paredes de xisto nos deixaram. A proposta para os novos espaços, que aqui se situam, terá que encontrar então soluções que permitam criar um diálogo subtil e equilibrado com a pré-existência, respeitando assim a memória do que foi sem limitar a criação de uma nova vivência. É fundamental saber que o Ricardo é arquitecto, mas deixou a profissão para dedicar-se, com a Francisca, a uma actividade que eles próprios definem como jardinagem agro-florestal.

Uma das Casas do conjunto foi recuperada por eles há cinco anos, e foi quase um dever para mim tomar esta Casa como referência para o trabalho.

Por fim, afastado do núcleo habitado e inserido na área florestal da Quinta implantar-se-á um novo espaço, um abrigo dedicado à contemplação e ao repouso.

Longe de querer construir um método de trabalho universal, pretende-se, com esta investigação, construir simplesmente uma colecção de momentos, ou fragmentos, de uma experiência que se tenta aproximar à practica

projectual num contexto real.

Como tal, a forma de apresentar o trabalho respeita a ordem cronológica dos eventos que foram condicionando o decurso do projecto. Apesar de tudo não se conduz o leitor rigidamente numa ordem fechada e única. Subdivide-se a narrativa em pequenos volumes tornando a leitura mais flexível, permitindo a liberdade de cruzar o material de forma a garantir uma compreensão mais profunda do objecto de estudo. É-nos possível então associar os fascículos livremente, criando assim uma narrativa mais pessoal, única, propondo novas sequências.

Sem exclusão de partes, decidiu-se incluir também todos aqueles factores que não foram directamente decisivos para a elaboração da proposta, mas que foram necessários para que esta pudesse acontecer. As circunstâncias, ou intersecções, referem-se a situações/factores que foram relevantes para a construção de uma relação íntima e de confiança recíproca com os requerentes, mas não só. Incluem-se também anedotas, reflexões pessoais, inspirações e troca de referências que juntos permitiram esclarecer diariamente a visão do projecto.

Sem a profunda compreensão da forma de viver dos requerentes, e sem, em certos momentos, a convivência com eles, teria sido impossível pensar o projecto desta forma. O Ricardo e a Francisca viveram durante muitos anos em Lisboa, e mais tarde no Porto, mas o regresso ao campo caracteriza uma parte fundamental das suas vidas, já que numa determinada fase decidiram instalar-se em Rebordelo, na Quinta dos Vinhais.

Foram várias as motivações que os levaram tomar esta decisão, mas fica, no fundo, o desejo de criar, com este projecto, as condições para que a Quinta dos Vinhais se torne um dia uma comunidade aberta, exemplo, nos tempos que correm, da importância que o património natural representa para a vida do homem. Exclui-se, neste sentido, o objectivo de transformá-la num lugar de turismo e de lazer. A vontade deles é, pelo contrário, a de transmitir este sentimento e de sensibilizar as pessoas para que se aproximem à actividade rural na sua totalidade.

Uma forma de viver que não se afasta muito da ideia monástica do “Ora Et Labora”, onde o acto de rezar entende-se aqui como um momento de contemplação da natureza e do resultado que o trabalho de campo produziu.

A dedicação constante à natureza, com amor e paixão, a economia de meios e de recursos, o auto-sustento, são factores imprescindíveis para a maturação da sensibilidade que permitiu encarar esta tarefa e elaborar a proposta desta forma.

Foi fundamental o diálogo, sempre presente, com o Ricardo e a Francisca para que o projecto fosse pensado e portanto desenhado para eles, de acordo com as suas necessidades. Além das reuniões, houve também uma troca continua de e-mails, já que a distância que me separava deles (quando me encontrava em Italia) não nos permitia um encontro presencial. Esta correspondência será documentada sob forma de papéis cor de rosa que, ao longo da sequência, vão intervalando a leitura para dar ao leitor uma breve aproximação aos diálogos constantes com os protagonistas desta experiência.

Uma série de papéis azuis, por outro lado, alternar-se-á também na narrativa, para documentar as referências que serviram para estruturar o projecto. Afastam-nos por um momento da Quinta dos Vinhais introduzindo-nos noutras realidades, para regressar depois, em Rebordelo, mais consciêncientes das decisões

que foram tomadas.

A dedicação e o carinho que a Francisca e o Ricardo incutem no trabalho manual para cuidar a própria terra foi sem dúvida inspirador para o processo de trabalho que originou este projecto. Produziu-se uma certa quantidade de desenhos a lápis, esquiços que serviram como base para construir diariamente a proposta. O resultado deste confronto acompanhará a leitura cruzando-se com textos, fotografias do lugar e desenhos mais rigorosos num percurso que nos vai conduzindo pelo projecto, esclarecendo e carregando de sentido as soluções adoptadas.

Assim como fez Fernando Távora, em Briteiros, uma *Casa à bengala*, fez também o Ricardo a sua própria Casa em Rebordelo. As obras de recuperação foram executadas por empreiteiros locais, artesãos, que dominando as técnicas tradicionais, foram conduzindo os trabalhos com um esquema de planta desenhado num papel A4.

Neste aspecto não faria sentido desenhar este projecto no computador, já que a fase de construção será sempre uma aproximação mais sensível ao problema, resultado de um acompanhamento muito próximo e diário

da obra, onde as anotações nas paredes se vão sobrepor a qualquer representação mais rigorosa que venha a ser feita.

Por esta razão decidiu-se representar o trabalho com desenhos feitos à mão levantada, relativamente rigorosos, que servirão apenas como guia para uma fase posterior, mais emotiva, temperamental, na tentativa também de transportar para o desenho a expressividade natural que o lugar possui.



O meu lugar de trabalho na Casa na Rua Dom João IV e os papéis com os esquiços e as fotografias do terreno pendurados na parede.



Fotografia antiga da quinta quando, ainda, a Casa senhorial estava habitada. A vegetação à volta indica o estado selvagem que caracterizava a paisagem. As coberturas em colmo das Casas são um marco do carácter rural do conjunto.



Fotografia mais recente da quinta, mas não actual. A casa senhorial já se encontra em ruína e as coberturas já não levam colmo, mas telha. A vegetação mais aberta indica o uso do território para actividade agrícola.



27.10.2014

Tinham passado treze meses desde que cheguei pela primeira vez à Casa na Rua Dom João IV. Nunca, até então, tínhamos visitado o Ricardo e a Francisca na sua Quinta, em Rebordelo. Dois ou três dias depois, o voo estava marcado para um regresso definitivo a Itália. Ainda não era bem claro quando ia voltar. Ainda não sabia como teria sido o meu futuro mais próximo. Ainda tinha que escolher o tema da minha tese.

Decidimos então organizar um almoço de despedida com o pessoal que vivia comigo na Casa na Rua Dom João IV. Eu, o Marco, que também se ia embora, a Laura e a Flora. Saímos do Porto com o carro da Flora e tínhamos connosco algumas indicações dadas pelas Francisca para poder chegar - Rebordelo, Caminho da Aldeia - mais nada.

A caminho.

Saímos em Amarante, a cidade mais próxima a Rebordelo e apanhámos a estrada que vai até Fridão, ladeando o rio Tâmega. A paisagem vai sendo cada vez mais natural, as construções mais dispersas. Chegados a Fridão, desviámos para o cimo do monte. O caminho percorre a dorsal, ladeado de pinheiros e eucaliptos. O gps diz que não estamos longe.

Chegámos a Rebordelo, passámos pela Igreja da Aldeia e descemos para o caminho que em princípio nos leva até a Quinta. A primeira impressão que tenho é que as construções nos arredores, Casas principalmente, têm raízes muito antigas, mas actualmente têm um carácter ambíguo, resultado de um “pastiche” entre arquitectura vernacular e intervenções especulativas, sem juízo.

Chegámos à porta da Quinta. A Francisca e o Ricardo estão à nossa espera. A impressão que tive há pouco mudou. Parece que o tempo aqui não passou. As Casas têm ainda uma expressividade rústica, as pedras revestidas de uma patina amarelada, líquenes suponho eu. O percurso de entrada conduz-nos até um patio onde se abre a vista sobre o vale do rio. O Espigueiro tem uma presença forte. Um monumento. Uma celebração da actividade rural que aqui ainda se mantém viva.

Conversámos.

Ajudámos a Francisca a terminar o almoço que já estava no fogão enquanto o Ricardo preparava a mesa. Está pronto.

Almoçámos. Conversámos. A seguir, quando o Sol ainda não se tinha posto, os donos levaram-nos a visitar os campos. Fiquei sensibilizado ao ver como arquitectura e natureza convivem tão sossegadamente no lugar. Algo aconteceu em mim. Não sei explicar. Apenas percebi que o dia da despedida se tinha tornado um até já.








*“Porque como todo sueño es una construcción, todo soñador tiene un proyecto guardado que desea materializar.
Y el fondo de su sueño está hecho por un deseo de estar en otro, en lo otro, lo que no se encuentra aquí...”*

*Y es por lo que el arte arquitectónico entra de lleno en el ámbito de esta energía de la ensoñación que siempre se proyecta: pues su asunto es traer lo otro, entrar en el otro, acapararlo; es ese precisamente su gran tema metafísico: el de la intersección de lo uno en lo otro...” **

Da: Bosco Luca [REDACTED] 
Oggetto: -uma carta e uma prenda-
Data: 17 gennaio 2015 16:49
A: [REDACTED]

Olá Francisca e Ricardo,

envio-vos em anexo uma carta e uma pequena prenda. Gostava muito podê-los imprimir e entregar pessoalmente, mas queria que vocês pudessem tomar visão disto antes de eu chegar no Porto.

*A prenda é um pequeno pensamento que vos queria deixar. Um trabalhito fotografico que fiz durante o ano passado duramente a permanência em casa. Uma vez no Porto vou imprimi-lo. Tem que ser. Esta é só uma antecipação.

*Relativamente à próxima visita à Quinta, podiam-me esclarecer quando vocês estarão disponíveis? Eu e Irene chegaremos no Porto no dia 25 de manhã com boas probabilidades e ela ficará até dia 31 de manhã, mas passaremos 3 dias viajando, por isso se soubesse a vossa disponibilidade, organizava a viagem para poder encaixar à visita em Rebordelo.

Agradeço desde já pela vossa atenção e mando-vos os meus melhores cumprimentos,
um grande abraço.

Luca

Arcene, 15-01-2015

Queridos Francisca e Ricardo,

espero que tudo esteja a correr muito bem. Já passaram dois meses e meio desde que deixei Portugal mas agora tenho de admitir que tenho muitas saudades do Porto... e dos portugueses!

O concurso pelo qual estava a trabalhar já foi entregue a meio de dezembro e agora estamos à espera dos resultados, que saldrão provavelmente no fim deste mês. Fizemos o possível, vamos ver como corre. Desde então andei a pensar na tese. É o ultimo “step” que falta e o mais importante para acabar.

É tão importante que estou a demorar imenso para chegar a uma decisão definitiva mas há uma semana acendeu-se uma luz no meu cérebro e pensei: “*O que é que ultimamente, no âmbito da arquitectura, me fascinou a tal ponto que poderia ser o tema de investigação para a minha dissertação?*”. Sem estar a procurar muito nas gavetas da memória pensei logo que no dia em que estivemos na vossa Quinta houve algo que ficou bem guardado em mim. Foi uma experiência espectacular a tal ponto que quando voltamos ao Porto durante a noite pensei... “*Eu vou pedir-lhes para me deixar um quarto numa das casas e vou trabalhar a terra com eles!*”. Pensem que no dia seguinte quando contei-o ao meu melhor amigo, ele também ficou tão entusiasmado que queria reservar já um quarto para si! Mas pronto, talvez exagerei... mas no momento em que entramos na vossa propriedade senti-me uma criança em frente a um rio de chocolate!

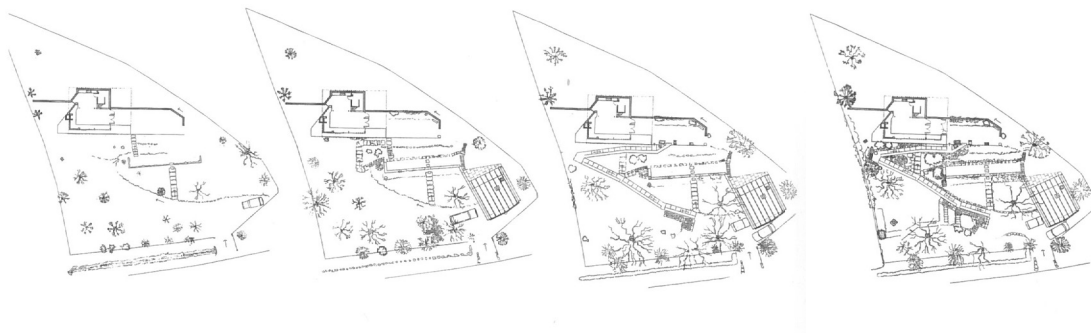
É admirável a vossa paixão pela natureza e como óbvio pela arquitectura! Como arquitecto tinha já expresso a minha melhor estimação pela sensibilidade do Ricardo em matéria, mas chegamos ao ponto. Lembro-me que durante a visita que vos fizemos falaram que a vossa intenção, no dia em que haurão disponibilidades económicas suficientes para alcançar a ideia, era de recuperar todo o conjunto de casas que pertencem à Quinta para transformá-la num lugar de Bio-Turismo e sensibilização ambiental... ou alguma coisa deste género. Não quero entrar no específico porque sinceramente lembro de ter ouvido falar disso mas como não tratamos do assunto não quero dizer asneiras!

Em síntese, dito isto, a minha proposta seria então de poder participar no projecto de recuperação da Quinta porque gostaria imenso tratar este tipo de tema no trabalho final do curso. Poderia pôr encima da mesa imensas questões interessantes, como paisagem, agricultura, organização do território, economia (na ideia de uma quinta autosustentável), e arquitectura. Seria assim, para mim, uma oportunidade para entrar em contacto com uma realidade que não conheço, por exemplo tudo o que está ligado à agricultura e à paisagem, e para vocês para poder já pensar numa futura requalificação daquele lugar incrível onde vivem.

Sei que depois de ter lido tudo isto poderão pensar “*E pá, este miúdo está completamente maluco!*”, mas senti em mim a necessidade de o dizer porque durante este tempo todo passaram-me pela cabeça muitíssimas ideias que passado um dia desvaneciam, mas esta, é realmente a ideia que mais me daria estímulos para trabalhar na dissertação com vontade desde já. Como óbvio, a sua concretização dependeria da vossa disponibilidade em empenhar parte do vosso tempo em algo que se calhar nem estavam a pensar, mas fica o desafio. A única resposta que gostava de ter era só saber se estivessem minimamente interessados de modo que, em caso contrário, irei arranjar outro tipo de tema. Poderemos discutir disto quando nos encontrarmos pelo Porto no fim do mês, onde se calhar poderão finalmente conhecer a minha namorada que vêm passar uns dias na cidade.

Com isto agradeço-vos imenso pela atenção e desejo-vos tudo de bom. Até breve.

Um abraço,
Luca



Evolução do conjunto em Ansty

Alison Smithson e o cliente Axel Bruchhäuser a medir a estereotomia do pavimento exterior na Hexenhaus. Peter Smithson assiste ao lado.

06.02.2015

Nenhum de nós tinha ainda discutido sobre o projecto até então. Realmente não houve ainda momentos para que isso pudesse acontecer. Foi o primeiro encontro, agora conscientes de que havia uma tarefa comum por cumprir.

O Ricardo e a Francisca convidaram-me para almoçar com eles à Quinta. Durante o almoço não se falou de trabalho; acabámos de comer e fizemos o café. Foi nessa altura que abrimos a conversa.

Foi uma espécie de declaração de intenções de ambas as partes. Nenhum de nós tinha ainda pensado um programa, não havia um programa. Nem no fim do dia houve um programa. Foi uma conversa informal mas densa de informações que permitiram apontar uma direcção. Trazia comigo um livro, “From the House of the Future, to the house of today” de Alison e Peter Smithson. Havia dois projectos que queria mostrar-lhes. A “Hexenhaus” ou Casa das Bruxas, nos arredores de Essen, na Alemanha, e “Ansty Plum” localizado em Ansty, Inglaterra. Estas Casas inserem-se numa fase experimental dos A. P. Smithson; fazem parte de um período muito amplo que começou em meados dos anos oitenta, onde formularam o conceito de “conglomerate ordering”. Os projectos que caracterizam esta época têm como objectivo o de melhorar qualidades inerentes e conectar as casas existentes com os seus espaços contíguos. O tema fundamental é a ideia de lugar e de como a arquitectura deve colaborar com a construção do território. Tecer, conectar, entrelaçar, a ideia corporal da arquitectura, do mover-se através do espaço, mas não só. A intenção de criar uma relação especial, de proximidade com os clientes, é também uma característica fundamental destes projectos que entreteram os Smithson durante dezenas de anos, ideias que ficaram também latentes em mim.

Não foi propriamente pela linguagem dos projectos da “Hexenhaus” e “Ansty Plum” que quis trazê-las como referência inicial para o projecto em Rebordelo, mas também pelas fascinantes plantas gerais de conjuntos edificados feitas por este casal de arquitectos.

Percebe-se um crescimento e uma complexidade que se vai criando pouco a pouco, enquanto as intervenções vão ser feitas, e portanto, dando lugar a uma ocupação constante do território. É extremamente interessante comparar os planos de levantamento dos terrenos e das próprias Casas em Essen e Ansty com os planos de intervenção executada, e ver como ao longo do tempo o território envolvente se foi ocupando e tornando sempre mais complexo, ou no fundo, mais organizado.

Aqui não há pressa. Pelo contrario, há quase uma fuga à rapidez que a burocracia normalmente pede. Dá-se espaço ao pensamento, lento, para que o lugar ganhe sentido ao longo do tempo.

Cabe nas intenções a vontade de poder transformar a Quinta de Rebordelo em algo que se aproxima à “Hexenhaus”. Talvez não se tenha conseguido agora essa complexidade, mas na fase sucessiva, havendo

um dia essa fase, a da construção, não se exclui a possibilidade de haver algumas alterações à proposta que se vai apresentar nesta dissertação. Citando as palavras do Ricardo e da Francisca, *“estamos completamente abertos ao que poderá vir a surgir”*.

Também eles quiseram trazer para o trabalho duas referências, dois livros fundamentais, pistas para que eu pudesse encarar o projecto sem esquecer as guias que os ajudaram outrora a definir o projecto da própria Casa.

“La cabaña de Heidegger” de Adam Sharr e “Elogio da Sombra”, obra do escritor japonês Junichiro Tanizaki.

O primeiro documenta a construção da Casa do filósofo em Todtnauberg, e foi importantíssimo para a definição da linguagem que caracteriza o espaço interior da Casa em Rebordelo. O segundo é uma referência que permite esclarecer de certa forma uma maneira de ver as coisas, herdada de Tanizaki, e da qual se apropriaram na concretização desta tarefa. Foi quase instintivo tomar a Casa do Ricardo e da Francisca como referência para o projecto, dando continuação às suas vontades.

A Casa

A Casa mede uma área total a cerca de 120m² e está organizada em dois pisos separados, sem ligação interior. O rés do chão serve em parte para o armazenamento das ferramentas de trabalho agrícola, sendo que o restante espaço está ocupado pelo lagar, onde se produz o vinho.

O piso de cima é o da habitação. Entra-se pela cozinha. A mesa está no centro da sala e a mobília a toda à volta. Não há aqui uma hierarquia. É um espaço unitário onde não há distinção entre o momento de preparação e o ritual do comer. É um lugar sagrado onde se apreciam os produtos que a terra nos devolveu. Conservas de tomate, doces caseiros, especiarias, licores, que a Francisca preparou cuidadosamente, transformam-se aqui em peças de museu, participando na criação da atmosfera que envolve o espaço.

A estrutura da cobertura, uma asna que atravessa a cozinha longitudinalmente, torna-se um dispositivo de secagem das ervas aromáticas, que, penduradas acima de nós, libertam fragrâncias no espaço, ficando à espera de nos aquecer com um chá durante os invernos frios que aqui se passam.

Um núcleo, que separa a cozinha da sala de estar, torna-se ao mesmo tempo biblioteca, armários, quarto, quarto de banho, estante, banca da cozinha, um dispositivo que acolhe múltiplas funções e que organiza o espaço.

A materialidade da Casa caracteriza-se, no fundo, por dois elementos principais: a pedra, que fica à vista nas paredes periféricas; e a madeira, presente na estrutura da cobertura, no revestimento do tecto, nas paredes que constituem o núcleo central da Casa, nos pavimentos e por fim no mobiliário.

Dizem eles, mas com olhar bem atento se compreenderia, que nas obras de recuperação se tentou conservar o máximo possível do que na altura se tinha encontrado. A estrutura do telhado e os pavimentos, além das paredes portantes, são originais. Nas asnas e nas vigas é ainda visível aquela patine negra dos fumos da lareira que antigamente servia para aquecer a casa e a comida. Limpou-se o mínimo necessário, mas guardou-se cuidadosamente a sua autenticidade. Os materiais usados não levam tratamentos especiais. Valorizam-se então as suas qualidades próprias. Neste sentido, também na gestão da luz se actua da mesma forma. Dado o número limitado e o tamanho das janelas pré-existent, organiza-se o espaço de modo a garantir uma iluminação em todos os ambientes, aceitando no entanto, a inevitável presença da penumbra.

Mas se de certa forma, as palavras de Tanizaki coincidem com o pensamento do Ricardo e da Francisca, então não posso deixar de as citar. Qual poderá ser a origem de um gosto tão radical? *“Pensando bem, é porque nós, [...] procuramos acomodar-nos aos limites que nos são impostos, que desde sempre nos satisfizemos com a nossa presente condição: consequentemente, não sentimos repulsão alguma pelo que é obscuro, resignamo-nos a ele como a algo de inevitável: se a luz é fraca, pois que o seja! Mais, afundamo-nos com delícia nas trevas e descobrimos-lhes uma beleza própria.” **















Ervas aromaticas
penduradas na estrutura
do telhado. Cozinha da
Casa



Vista da estrutura do
telhado. Encontro entre a
preexistência e o novo



Varanda vista
desde a entrada
da Casa



O forno a lenha e
outros elementos na
cozinha

Objectos à espera

Pedra de fundo.
Objectos. Madeira
suspensa

Heidegger e a mulher
na cozinha da Cabana.



Entrada da casa.
Lúcia lima e cebolas
penduradas.

A mesa depois do
pequeno almoço.

O corredor que une
a cozinha com a
sala. Transições.



Cortina de transição entre a
cozinha da Casa e sala de estar.





A cozinha vista desde a sala



Puxador da porta do quarto de banho

Núcleo visto desde a sala. A cozinha ao fundo.

A cozinha da Cabana do Heidegger vista desde o quarto.



O quarto do Ricardo e da Francisca.

O quarto do Heidegger na sua Cabana.

Quarto de banho.
Luz zenital
“Banho de luz”



Namoradeira na sala.



O fogo na sala.
Espaço de recolha.
Calor domestico.

Heidegger e a
mulher na Cabana.





Em honra das portas dos armarios

Esse pensamento surgiu enquanto estava a olhar para duas simples portas do armario da cozinha da Casa do Ricardo e da Francisca.

Atrás destas portas do armario da cozinha há:

um frigorífico...

um rolo de papel de cozinha...

toalhas de diferentes tamanhos...

um frasco de marmelada...

uma garrafa de vinho...

ovos...

uma vassoura...

o cilindro da água quente...

um cesto que contem frascos vazios...

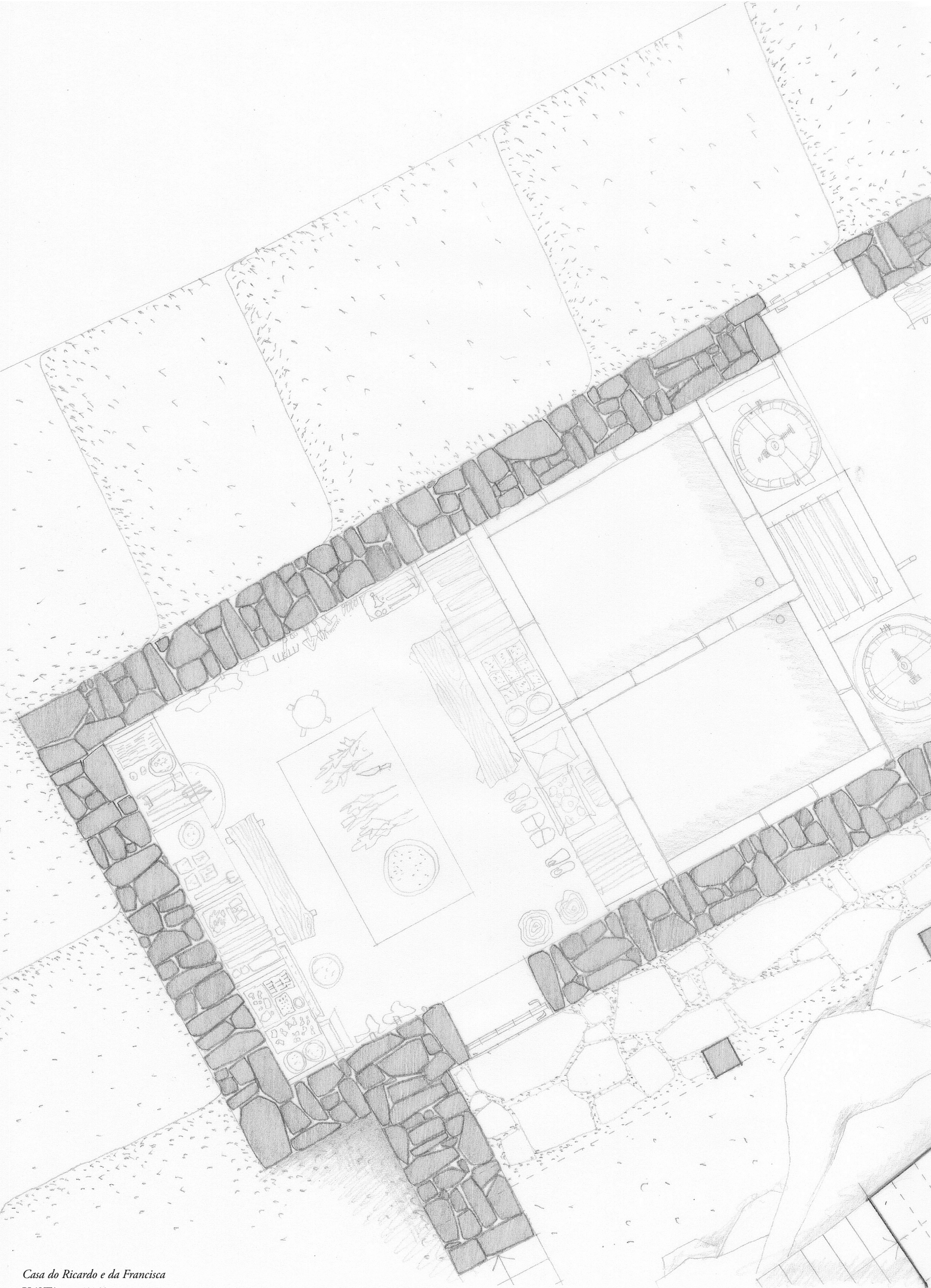
Ferramentas para limpeza... e supostamente mais, muito mais!

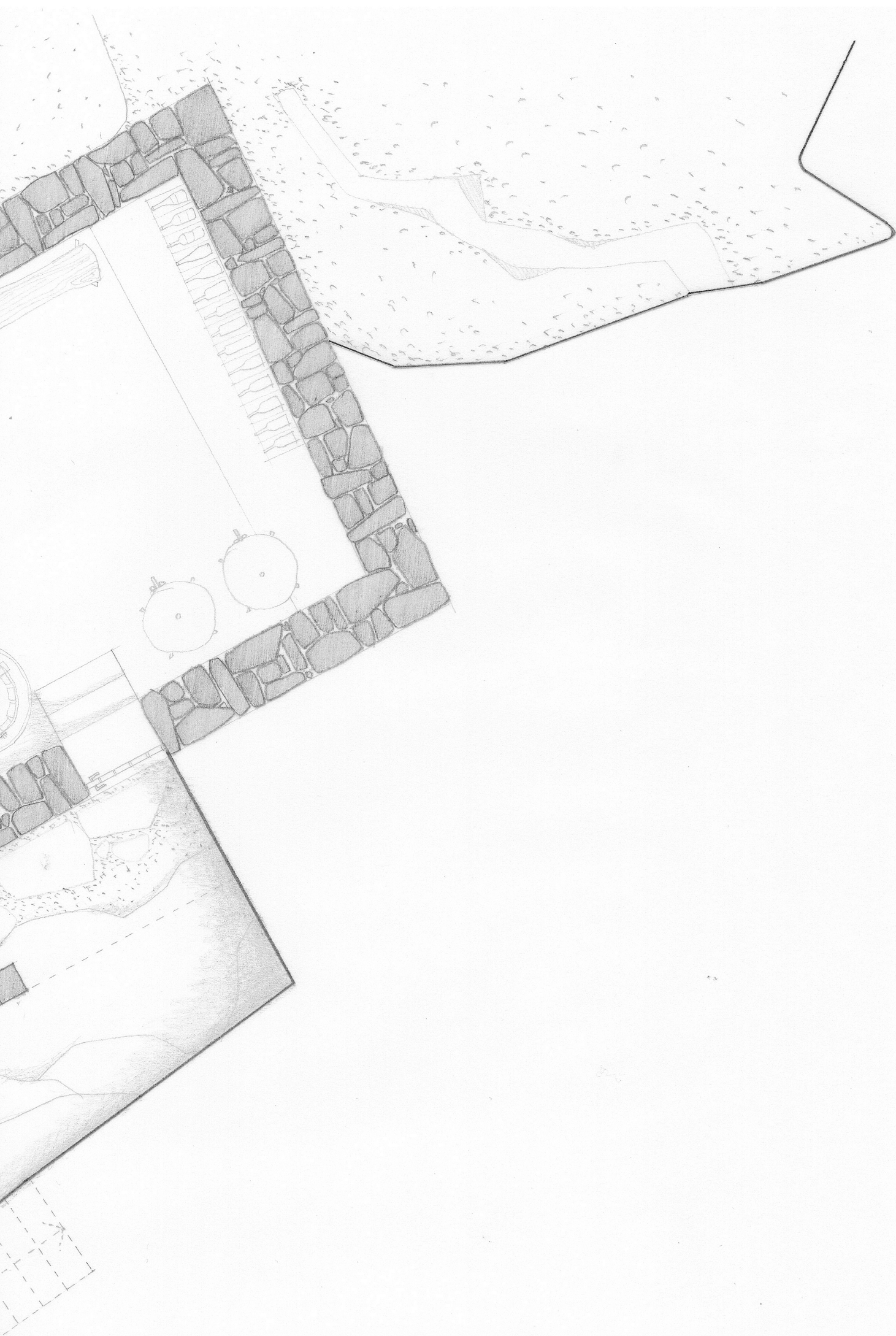
"Suddenly I thought what a marvellous invention is the cupboard door.

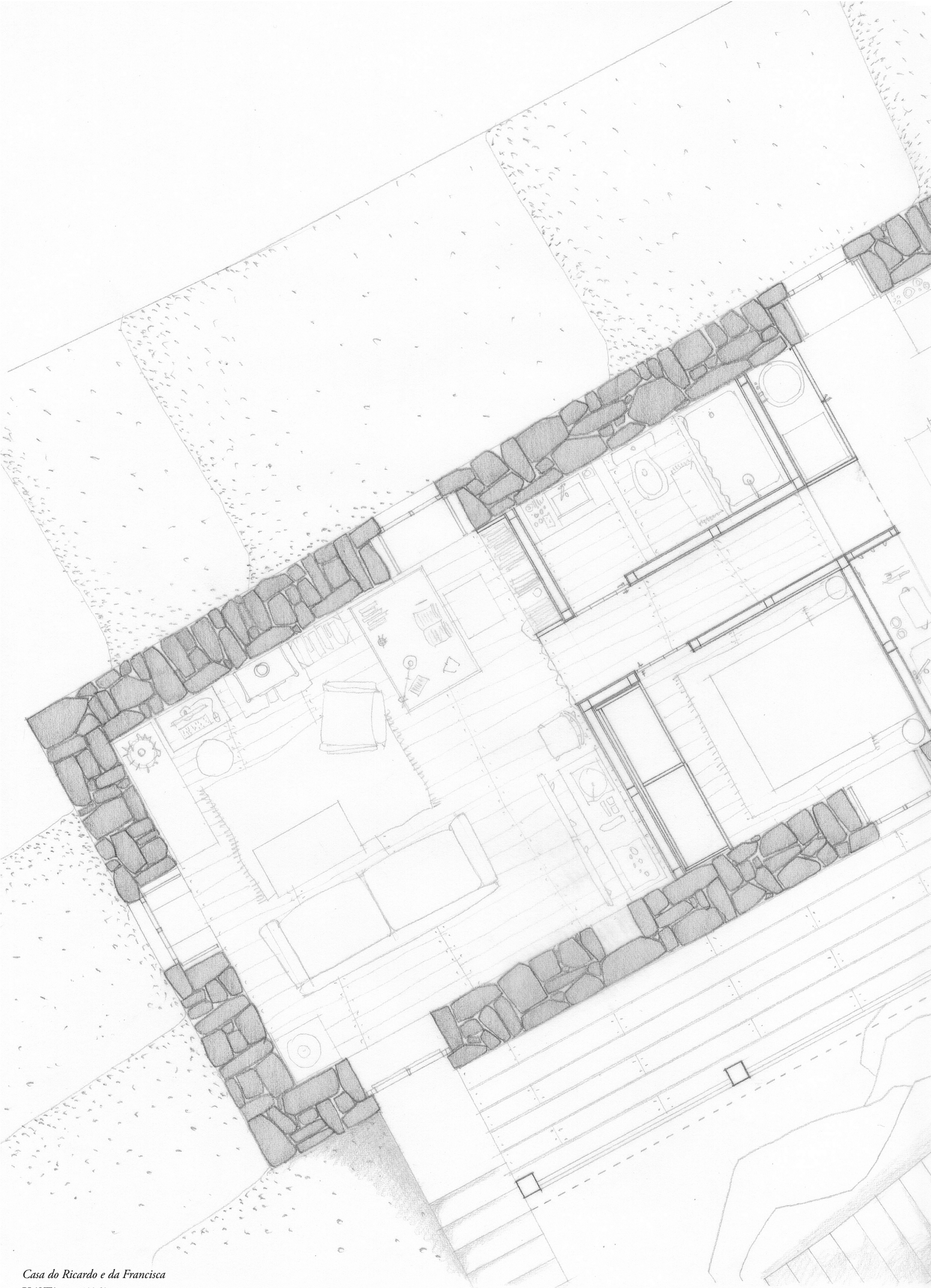
Cupboards are necessary since they bring simplicity of retrieval and ease of handling of miscellaneous contents.

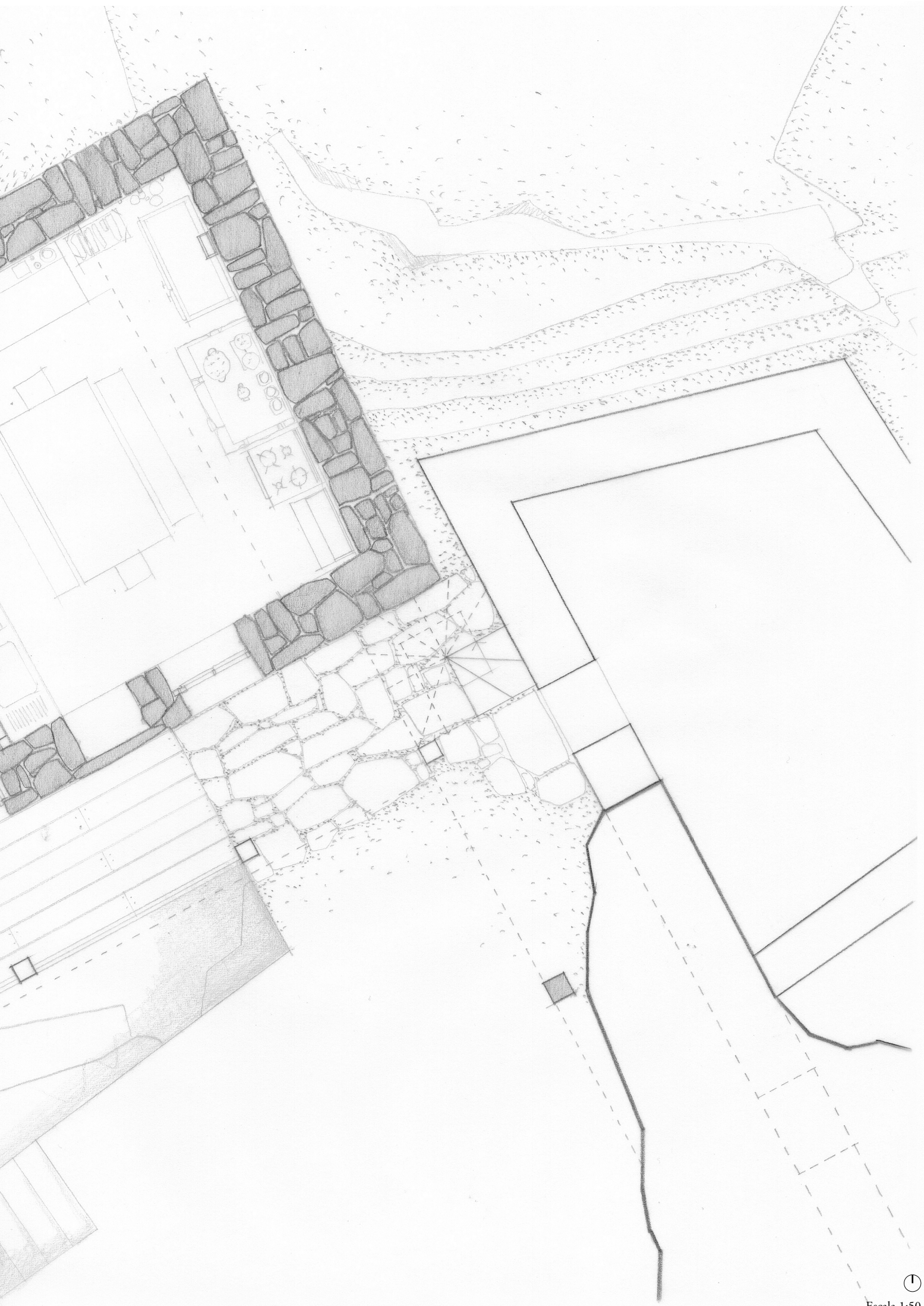
Cupboards doors are necessary to bring these miscellaneous contents to the right level of attention amongst the thousands of things that surround us inside and outside the house: for even if we throw away most of our possessions, the eye can travel through the open door or the window; and the brain - and sometimes also the heart - follows it.

*Behind cupboard doors there can be secrets... concealed future pleasures. And the pleasure of anticipation are the sharpest of all: sweets for children, birthday present. Christmas things." ***









Da: Francisca Beirão [REDACTED]
Oggetto: FW: -uma carta e uma prenda-
Data: 18 gennaio 2015 11:07
A: Bosco Luca [REDACTED]

Olá Luca,

Ficámos muito enternecidos e sensibilizados com as tuas palavras, na realidade é apenas necessário acreditar e depois esperar que as coisas aconteçam. Estamos completamente abertos ao que possa vir a surgir.

A prenda é maravilhosa e o trabalho fotográfico é excelente (observação do Ricardo). Muito obrigada!

Em relação a marcação de uma data, talvez seja melhor vocês programarem a vossa viagem por Portugal e dizerem-nos qual o dia que vos dá mais jeito. O único dia que não teremos possibilidade é 28. Vais ficar com o mesmo número de telemóvel em Portugal? Contactamo-nos nessa altura.

Um beijo grande e abraço

Francisca e Ricardo



Casa de férias em Briteiros, Guimarães, Portugal, 1989-1990 - Fernando Távora

A Casa na Quinta da Cavada terá sido construída por volta de 1650. Constitui-se por várias peças arquitectónicas que gradualmente, quer por necessidades determinadas pelo tempo, quer pelo lugar, fizeram com que se tornasse um edifício único e compacto. O arquitecto Fernando Távora foi chamando a intervir na sua transformação, de casa rural para casa de férias.

O que levo desta Casa como referência para a Quinta dos Vinhais é certamente à abordagem ao projecto. Substitui-se o rigoroso trabalho de estirador por um processo menos ortodoxo. Faz-se um levantamento sumário da obra pré-existente e contrata-se um empreiteiro local, que dominando as técnicas tradicionais, dirige a obra com base nos esboços que o arquitecto vai produzindo.

Sem dúvida uma aproximação à obra pouco consensual, mas que a carrega talvez de um sentido mais prático, empírico.

*“A nova casa de férias nasceu, assim, de um acto projectual bem diferente do comum: visitas intensas aos trabalhos, decisões circunstanciais sobre sempre novos problemas com paralelo esforço de manutenção da unidade do trabalho, pouco desenho de atelier, relação permanente com o dono de obra e com as várias artes da construção.” **

A documentação gráfica que se encontra hoje, corresponde a um levantamento feito posteriormente à construção da obra, que foi feita *à bengala*. Daqui a ausência de elementos desenhados do projecto, que *“correu como clandestino”**** no atelier de Fernando Távora.

em data incerta

Eu e os amigos que comigo moram na Casa na Rua Dom João IV, recebemos uma visita do Ricardo e da Francisca.

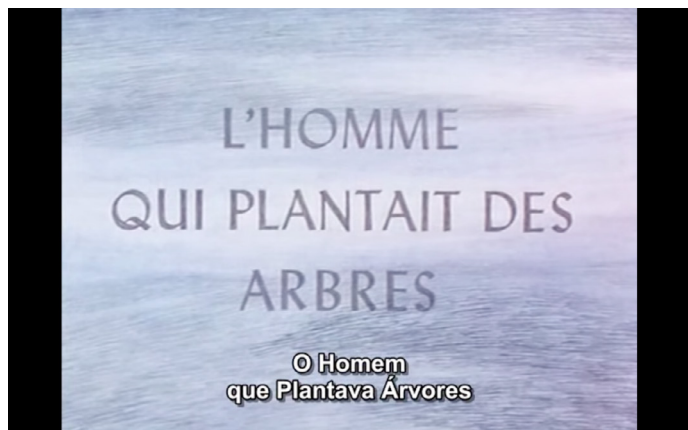
Sentámo-nos todos à mesa da cozinha. Lembro-me que aconteceu durante um pequeno almoço mas não recordo bem o assunto principal da conversa. Sei que o Ricardo e a Francisca sugeriram-nos para ver uma curtametragem, disponível no You Tube.

Trata-se de uma reprodução video de um texto escrito por Jean Giono, “L’homme qui plantait les Arbres.” *

O Ricardo em síntese disse que neste video: *“está aqui tudo”*.

A sequência que se apresenta a seguir, representa fragmentos da curtametragem e tenta resumir, brevemente, a história.

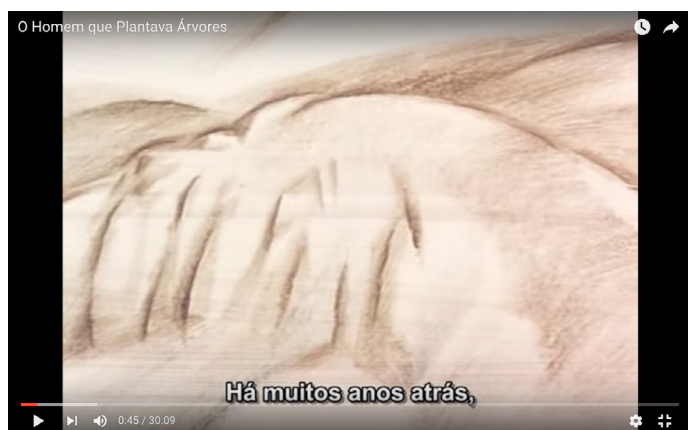
Achei que fosse interessante partilhá-la para traçar o perfil dos requerentes e para entrar em contacto com a filosofia de vida deles.



1



2



3



4



5



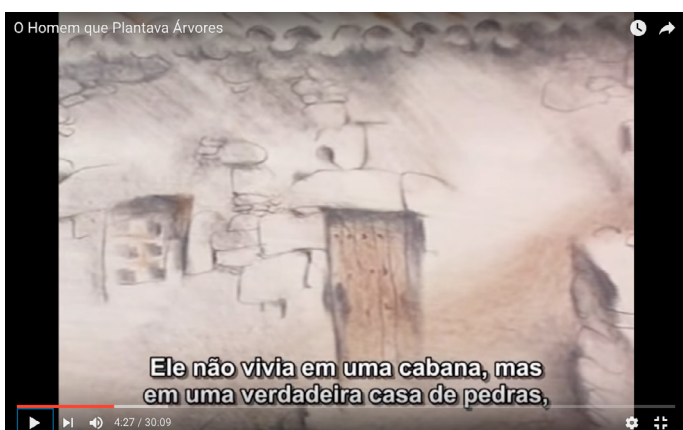
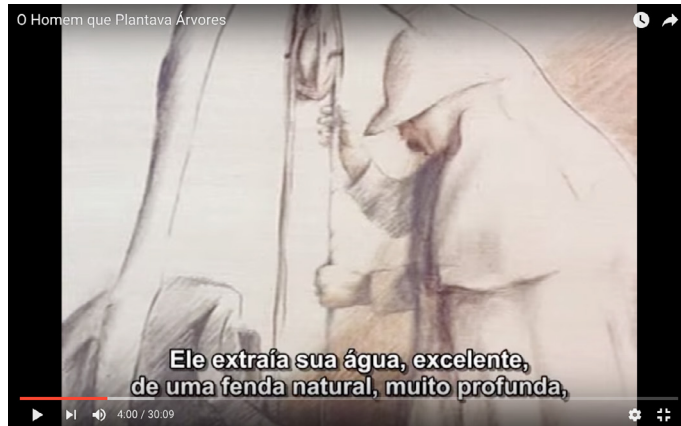
6



7



8



O Homem que Plantava Árvores

O vento atingindo as telhas
pareciam ondas quebrando na praia.

O Homem que Plantava Árvores

Sua casa estava em ordem:
o chão varrido, a arma polida.

O Homem que Plantava Árvores

A sopa fervia no fogo.

O Homem que Plantava Árvores

Notei também que ele havia
se barbeado há pouco tempo,

O Homem que Plantava Árvores

todos os botões de sua camisa
estavam cosidos

O Homem que Plantava Árvores

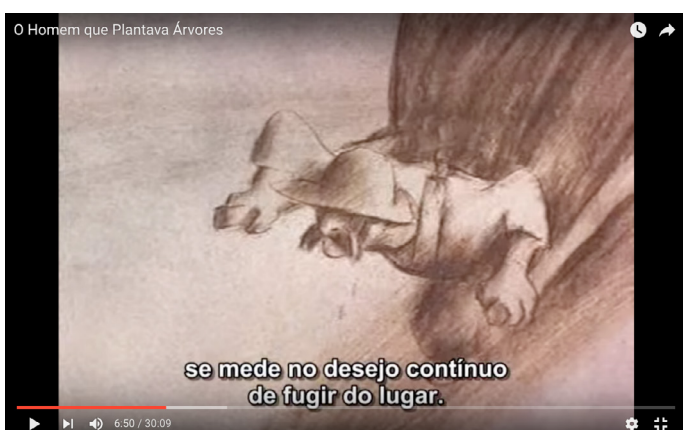
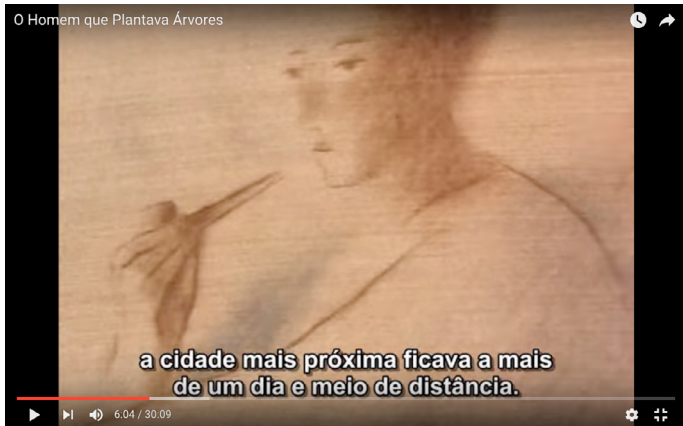
e sua roupa remendada
com tanta minúcia,

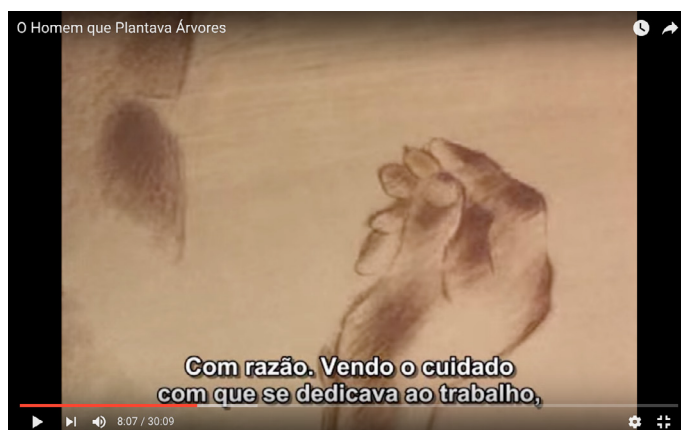
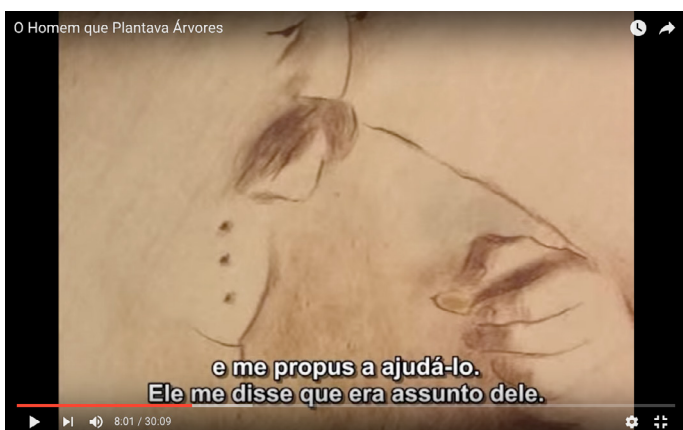
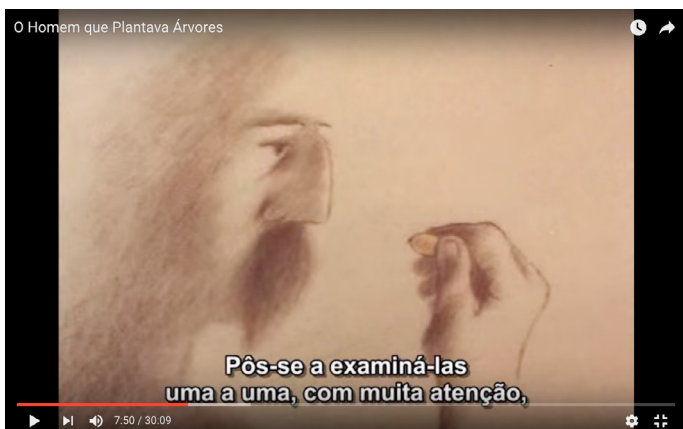
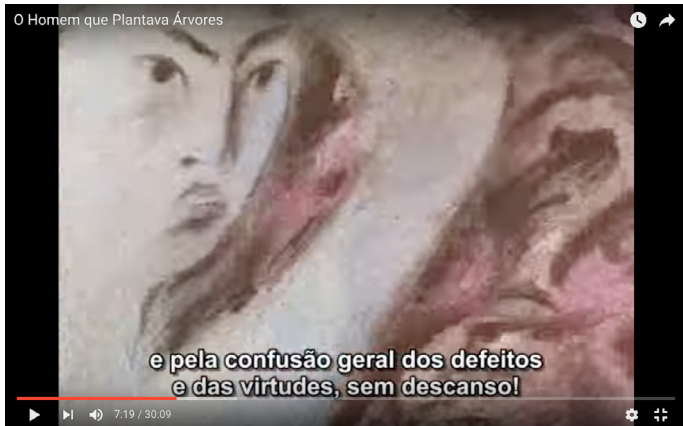
O Homem que Plantava Árvores

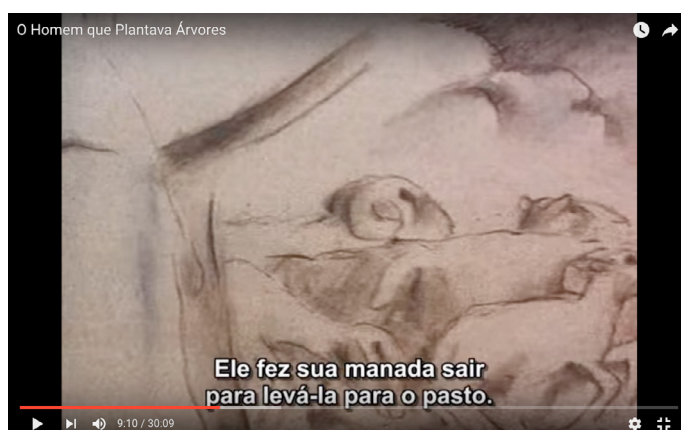
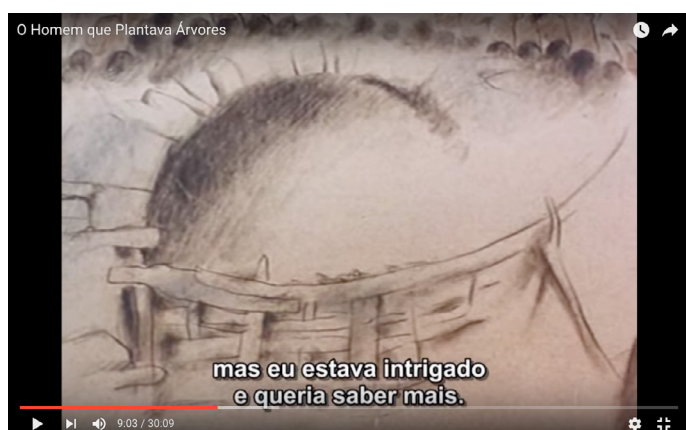
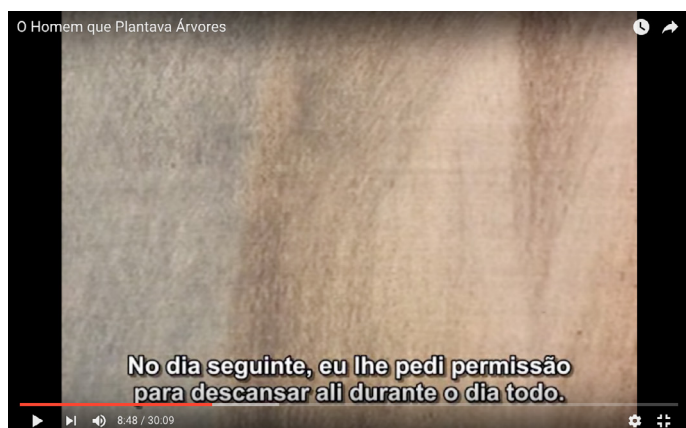
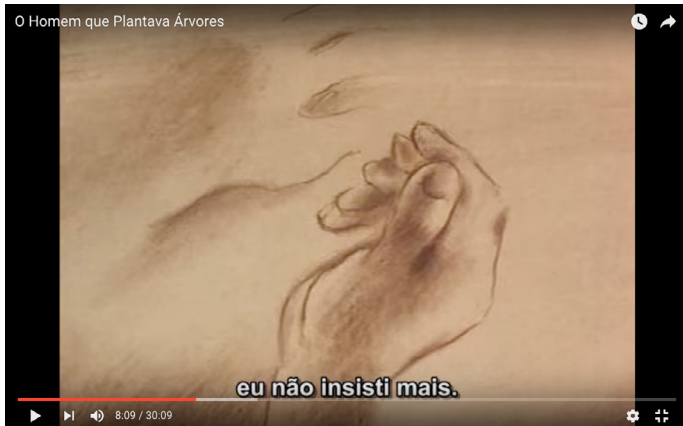
Ele dividiu comigo sua sopa.

O Homem que Plantava Árvores

Entramos em acordo sobre
minha estadia ali naquela noite;







O Homem que Plantava Árvores

Antes de partir, colocou
num balde o pequeno saco

O Homem que Plantava Árvores

E me convidou para lhe acompanhar,
caso eu não tivesse nada melhor pra fazer.

O Homem que Plantava Árvores

Chegando ao local que desejava,

O Homem que Plantava Árvores

pôs-se a cravar
seu bastão de ferro na terra.

O Homem que Plantava Árvores

Fazia um buraco, colocava uma semente
e então o cobria de volta.

O Homem que Plantava Árvores

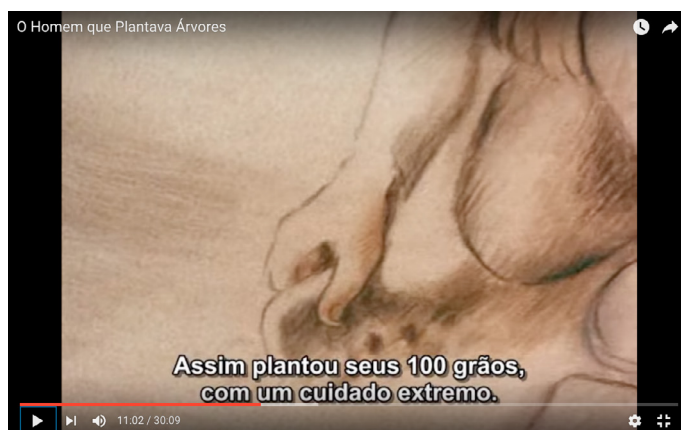
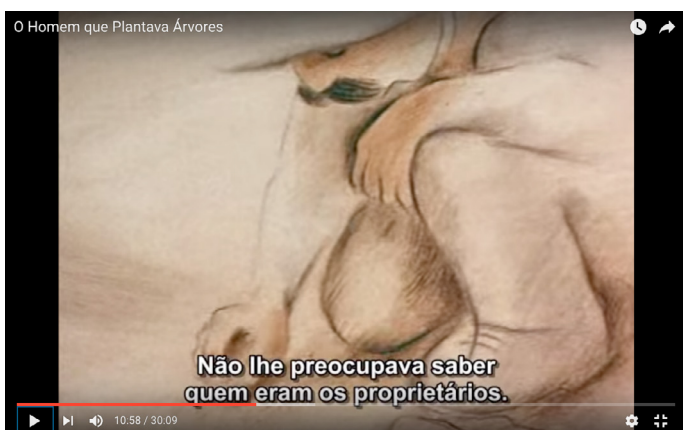
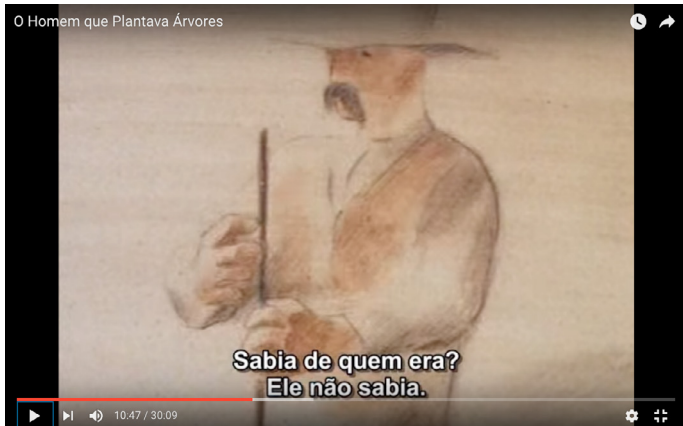
Estava plantando carvalhos.

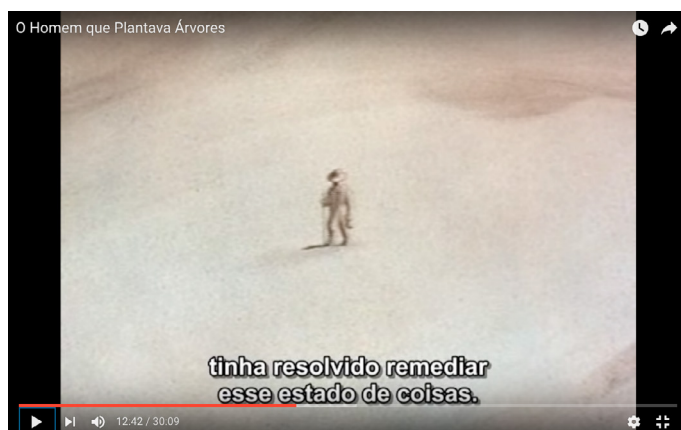
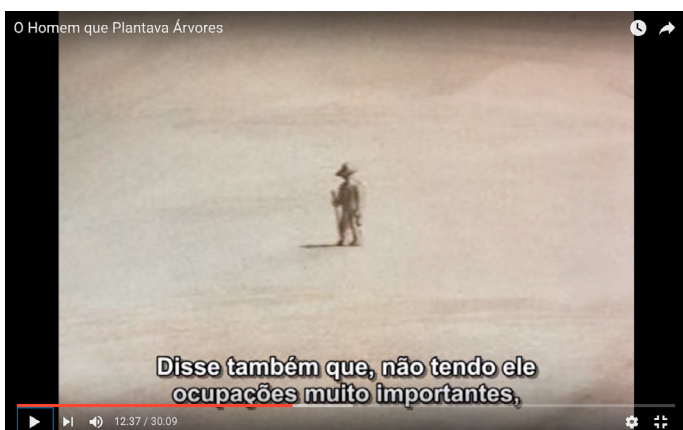
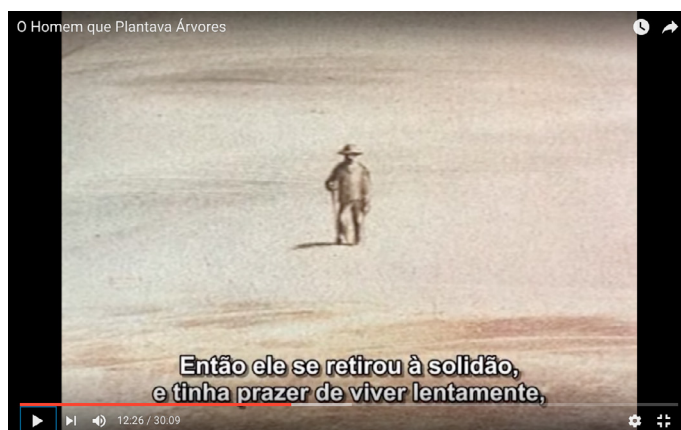
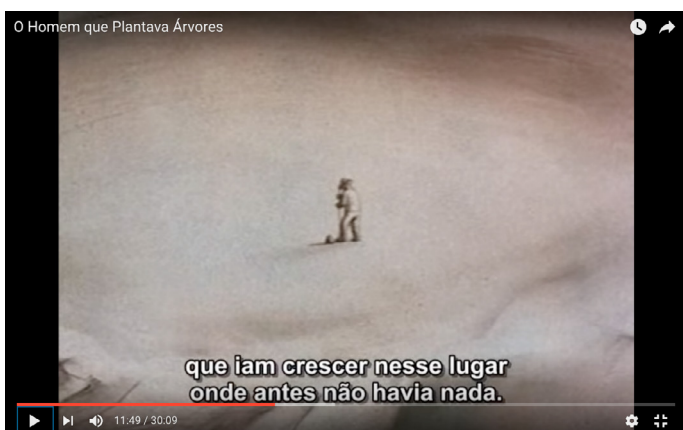
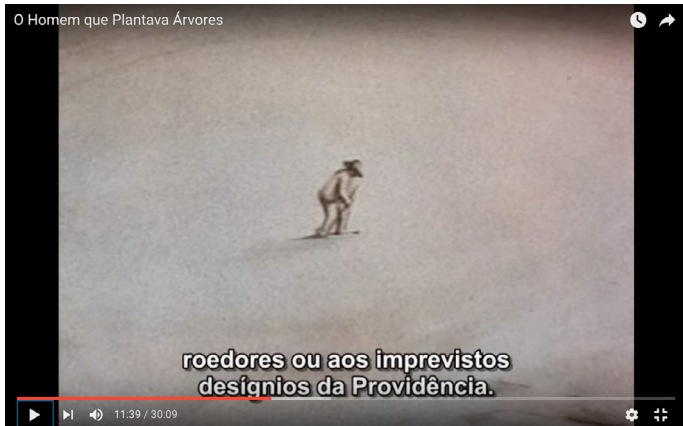
O Homem que Plantava Árvores

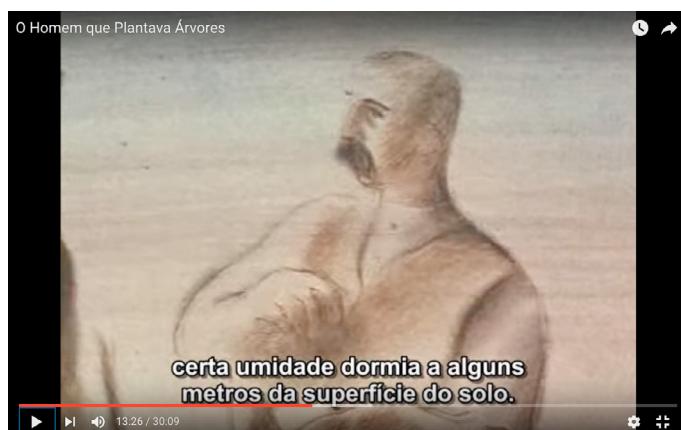
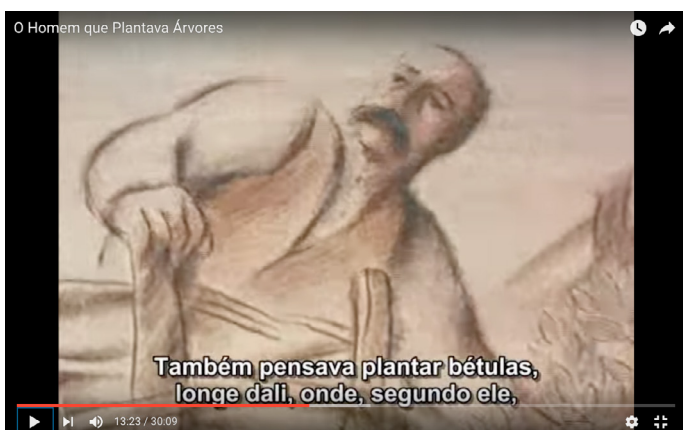
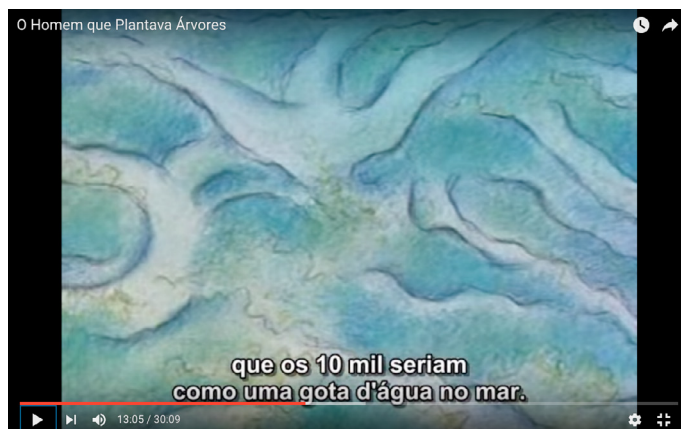
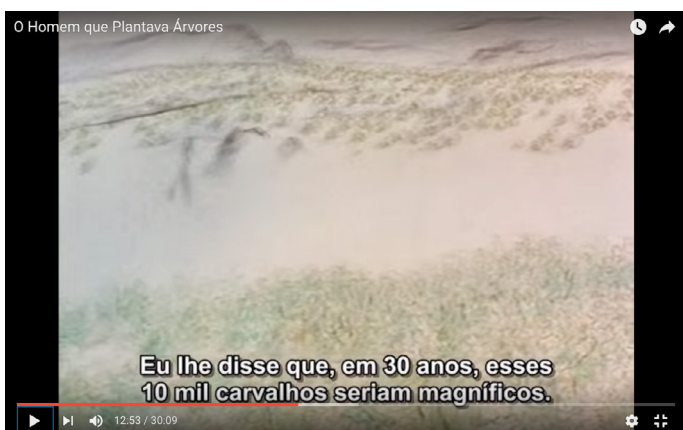
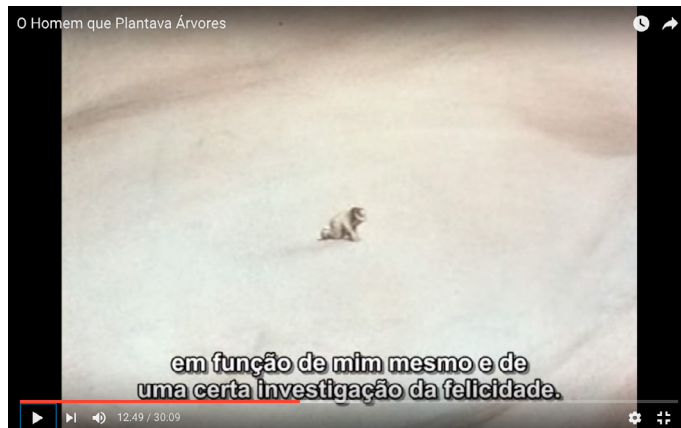
Perguntei se a terra lhe pertencia.

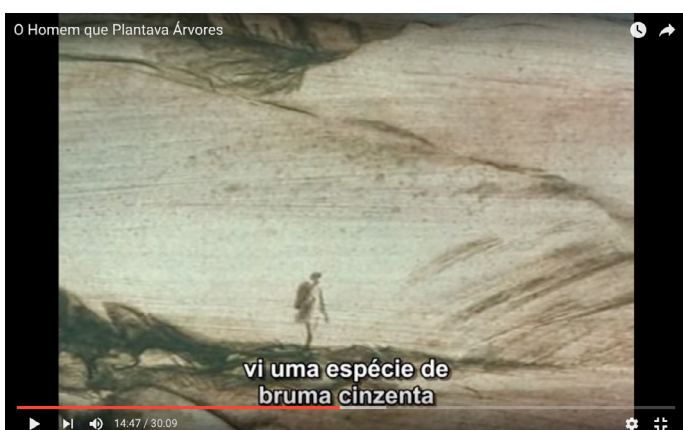
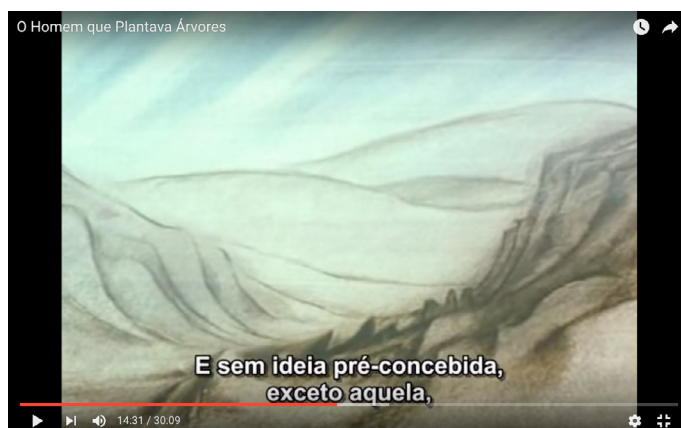
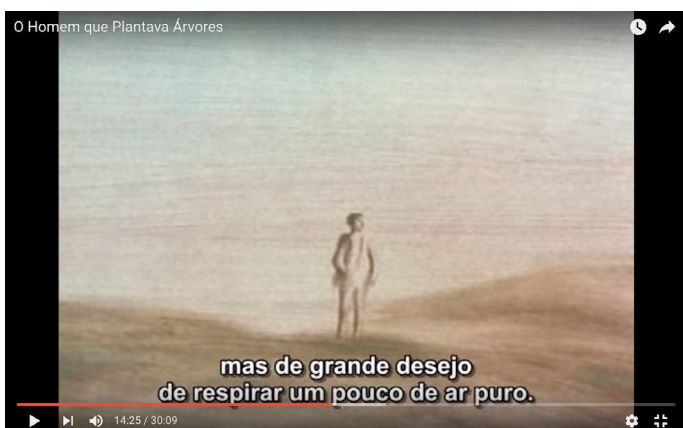
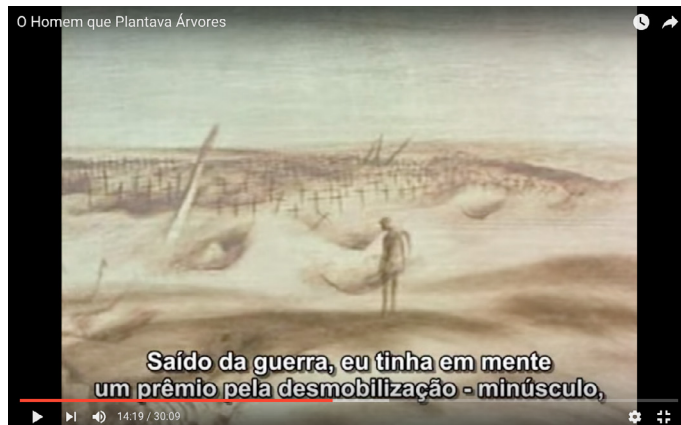
O Homem que Plantava Árvores

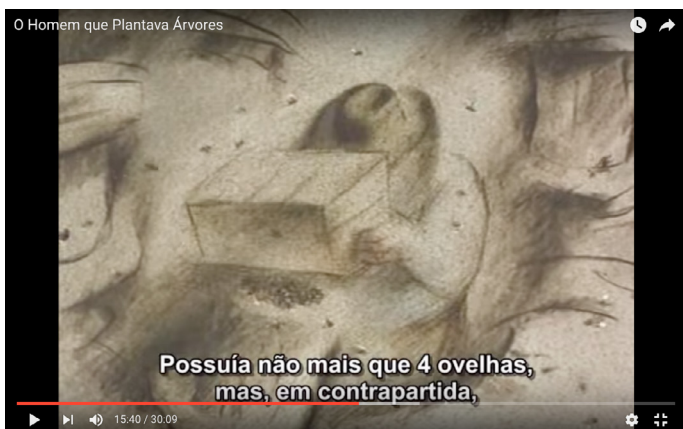
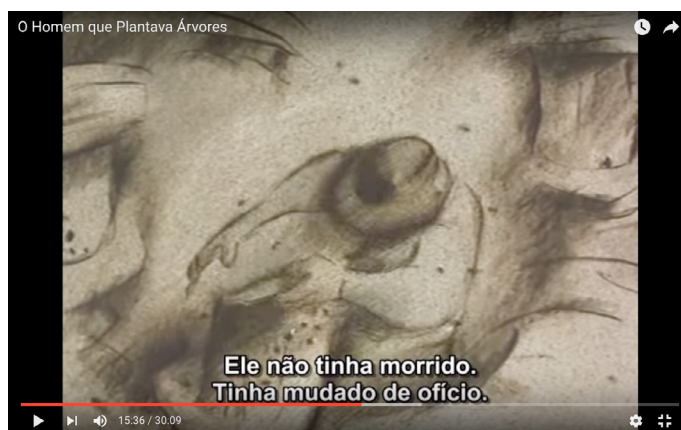
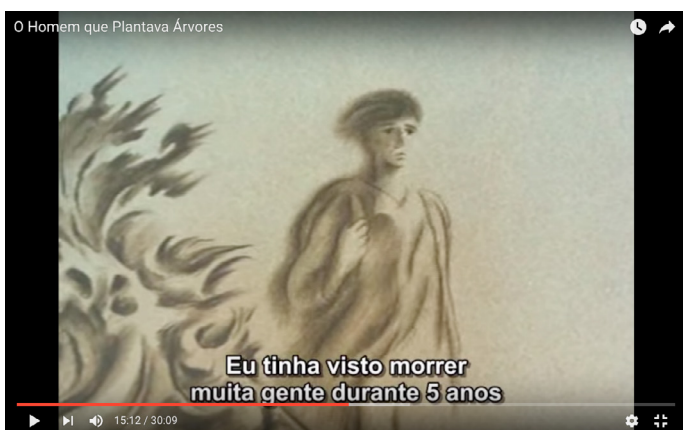
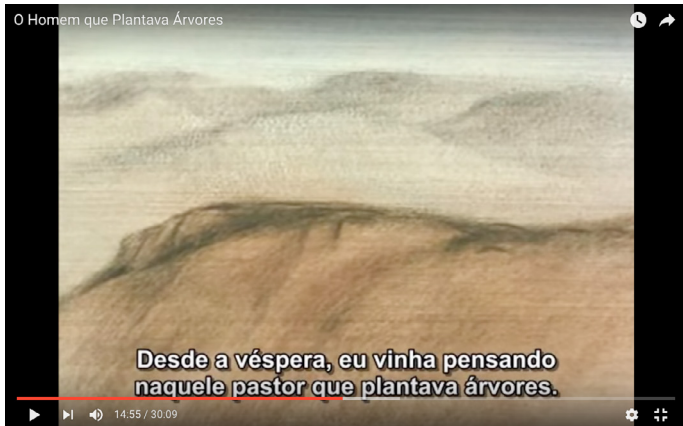
Ele me respondeu que não.

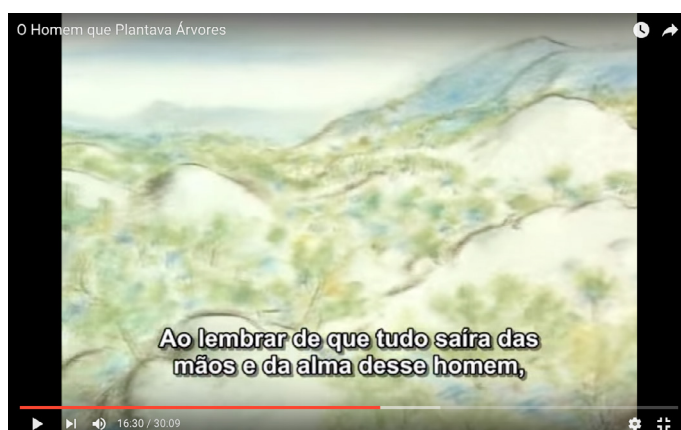
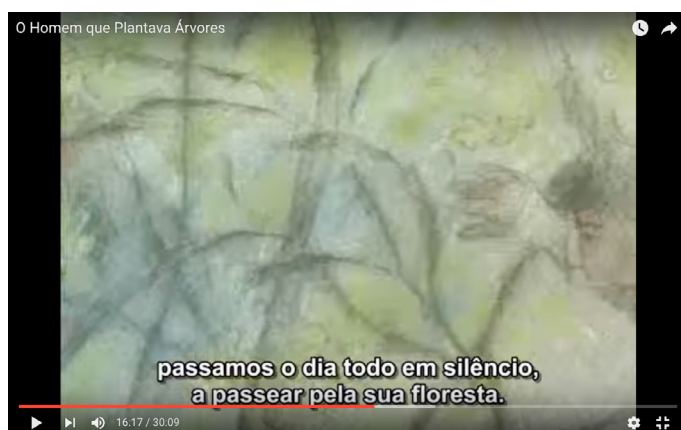
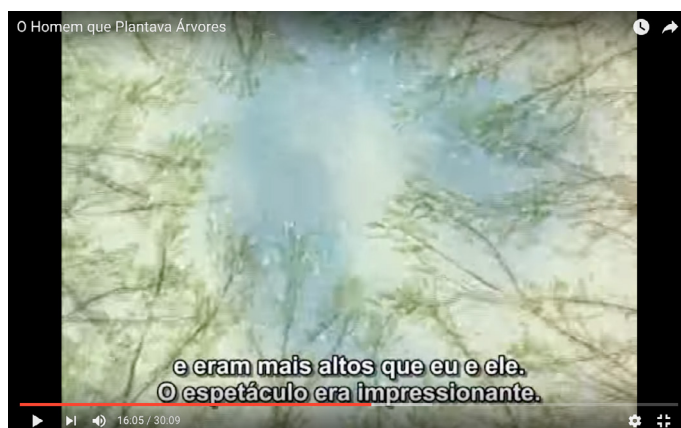
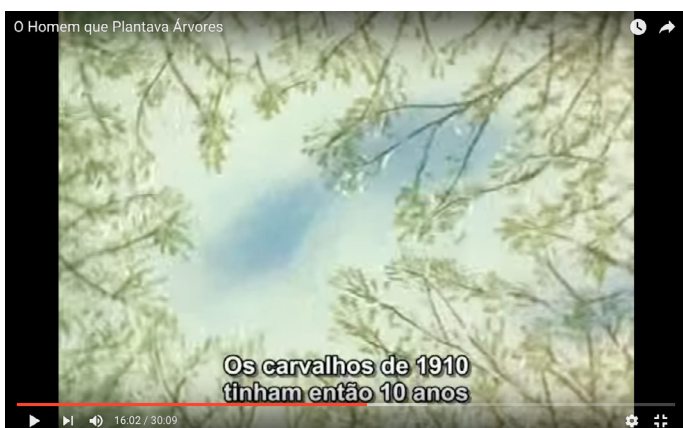
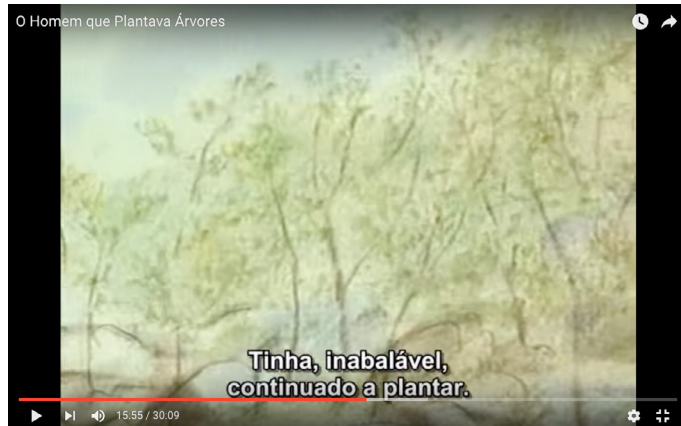
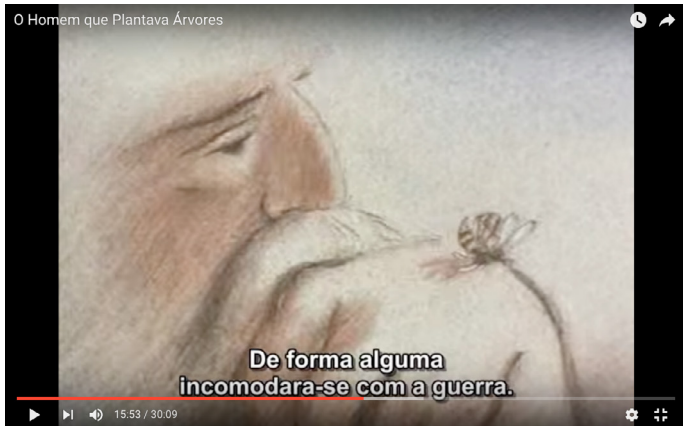


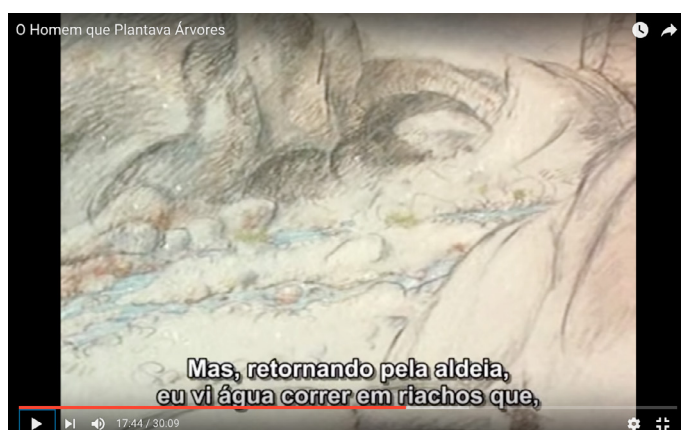
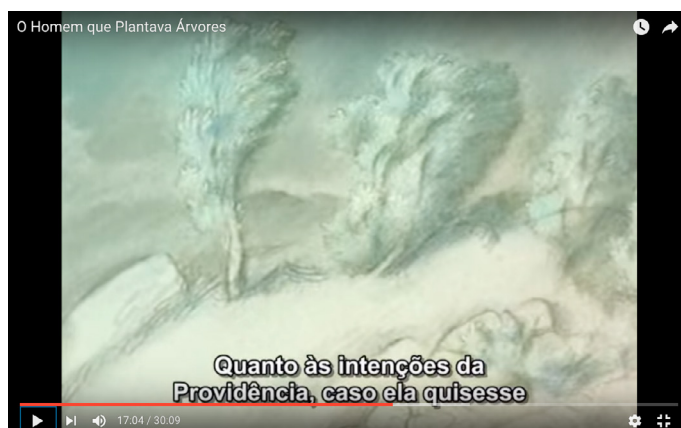
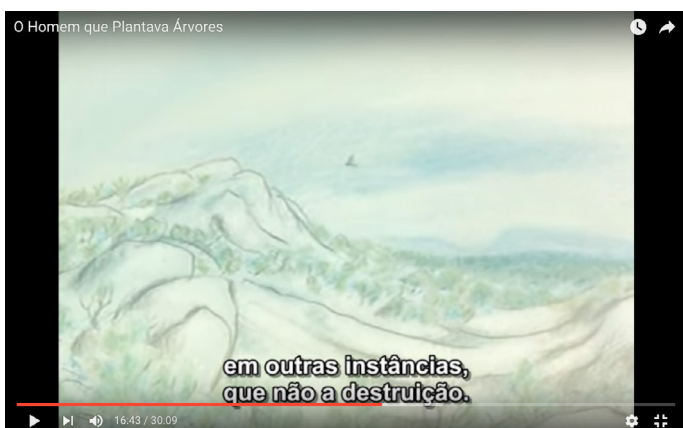
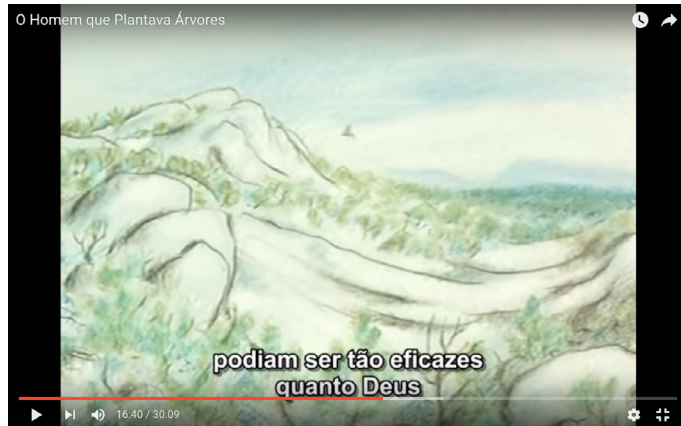
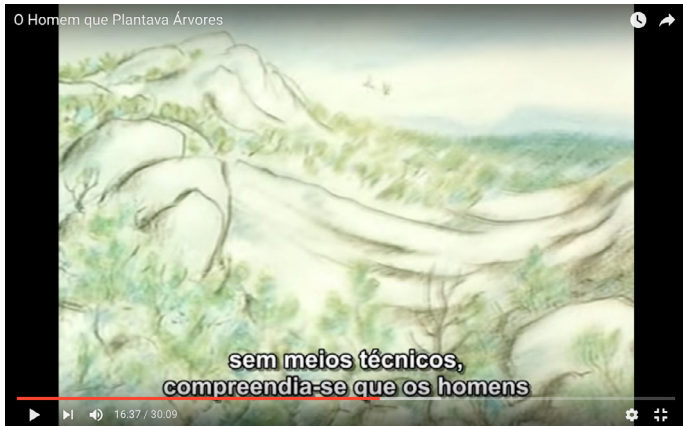


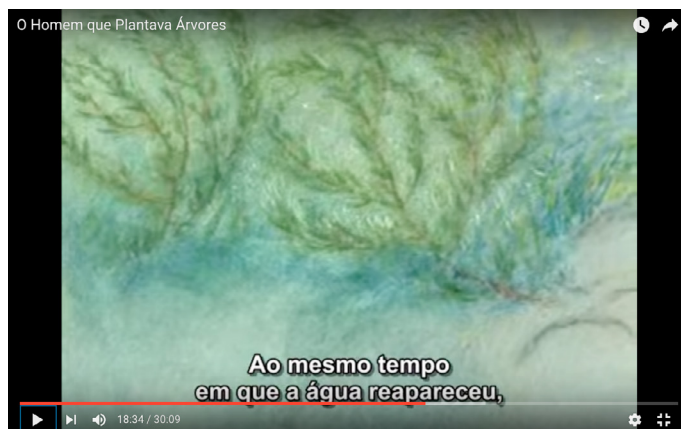
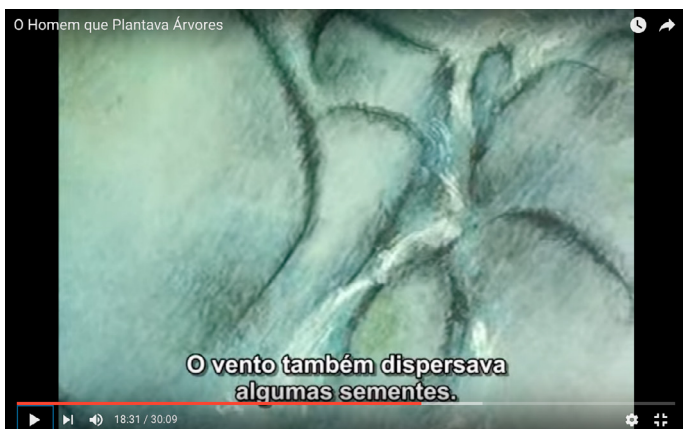
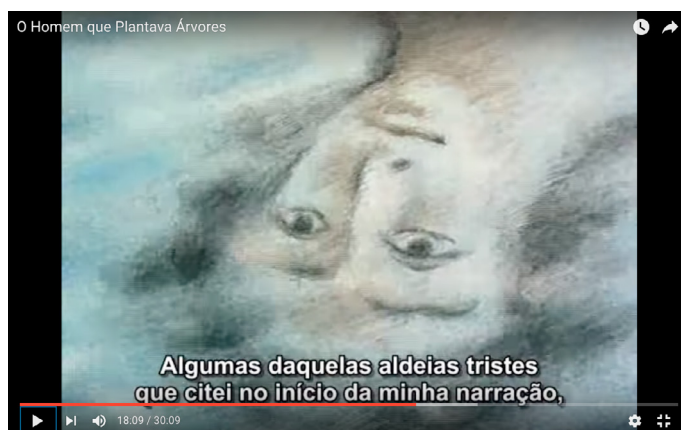
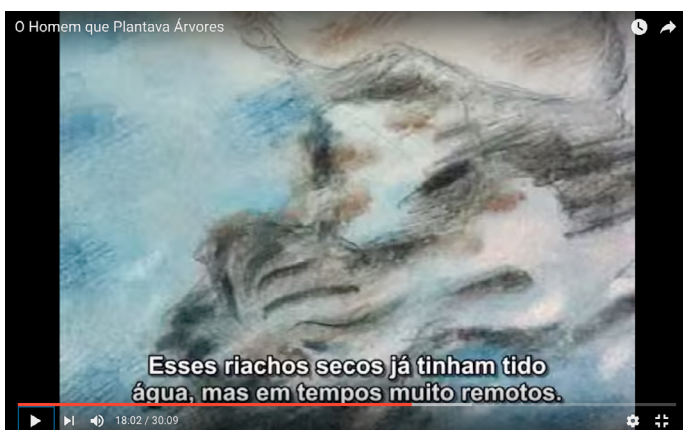


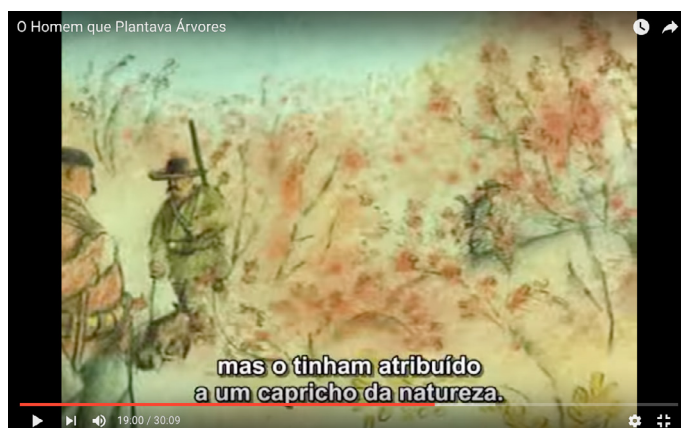
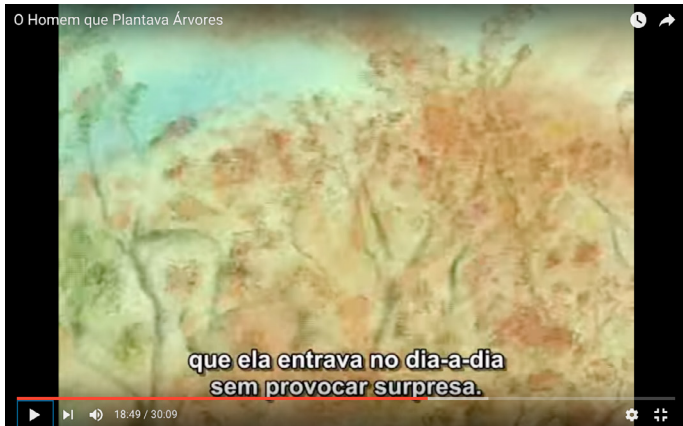


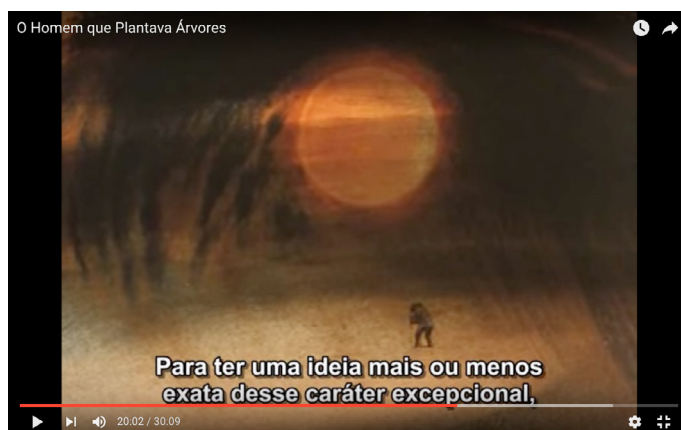
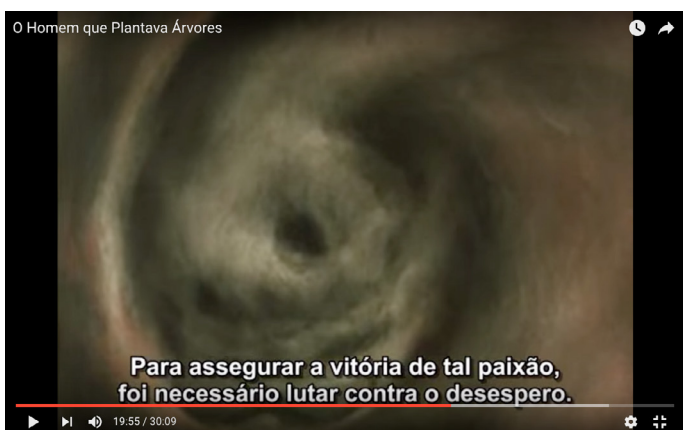
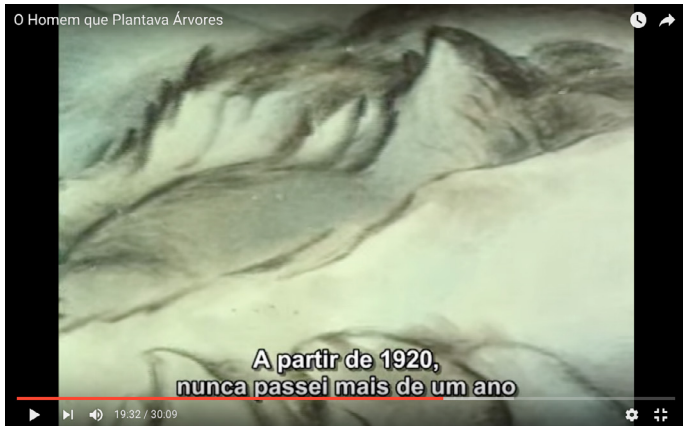


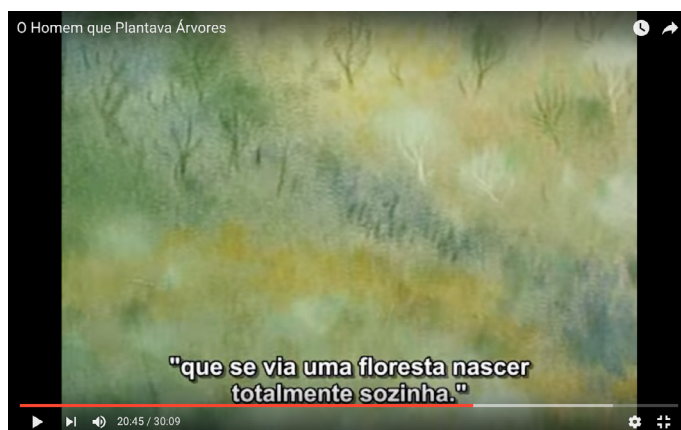
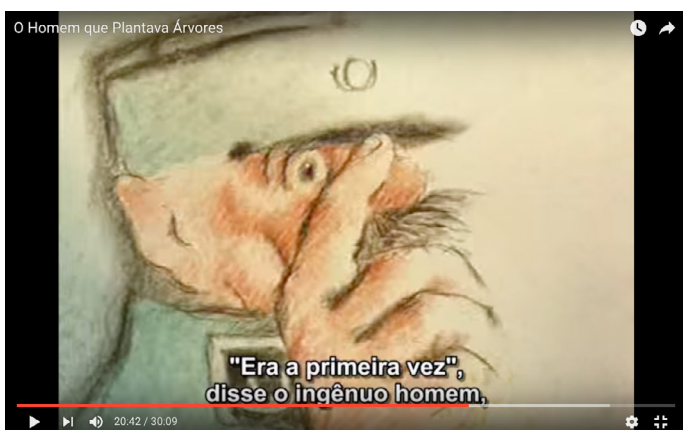
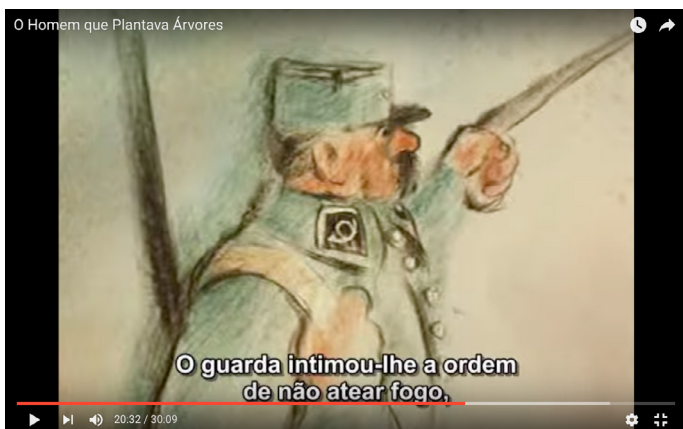
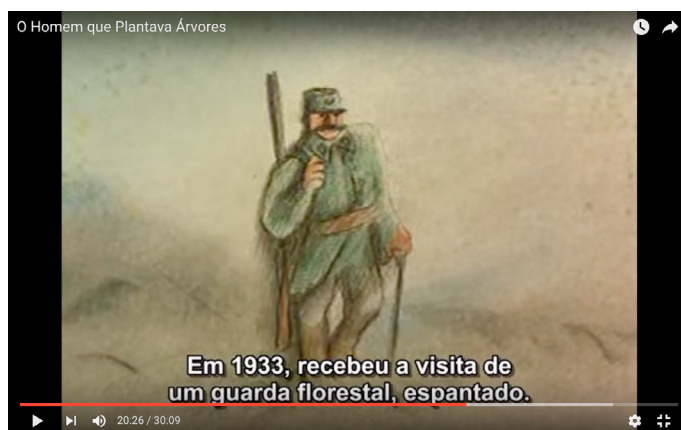
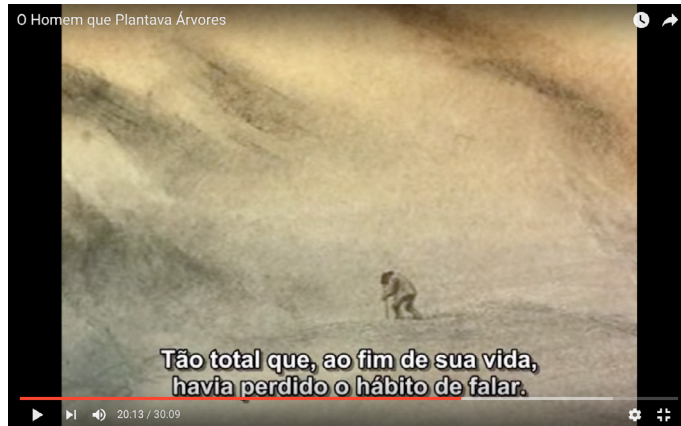






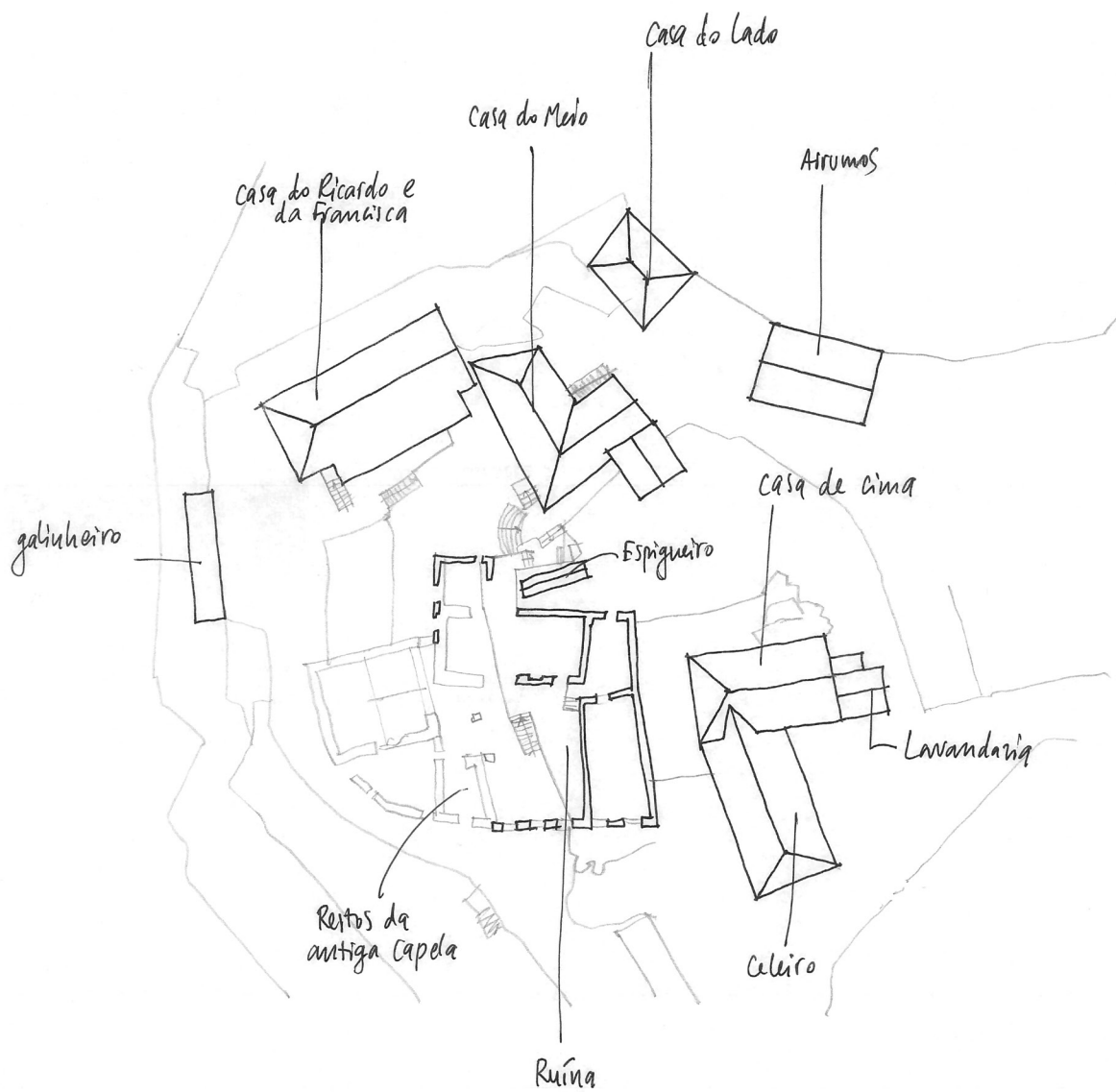


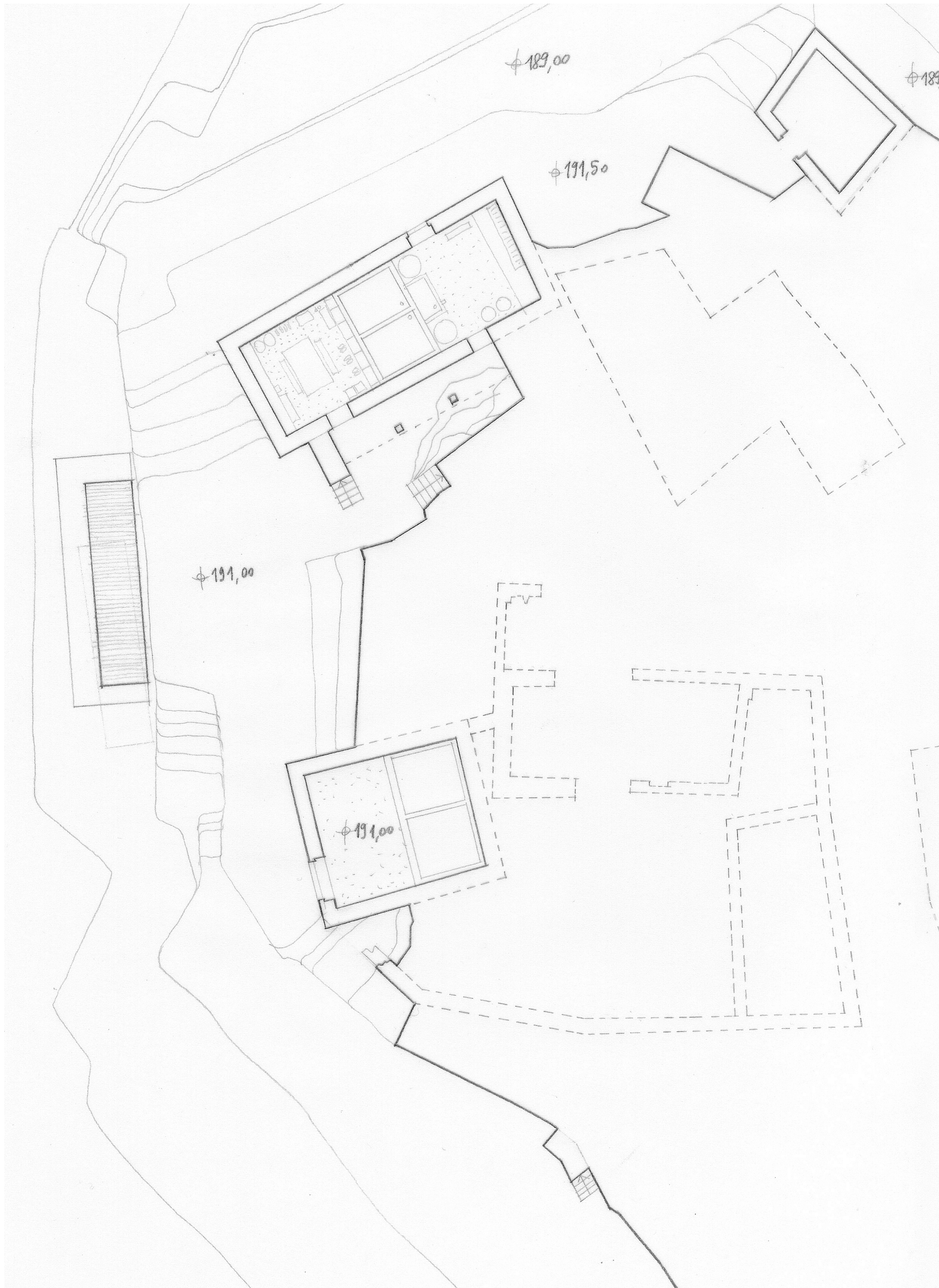




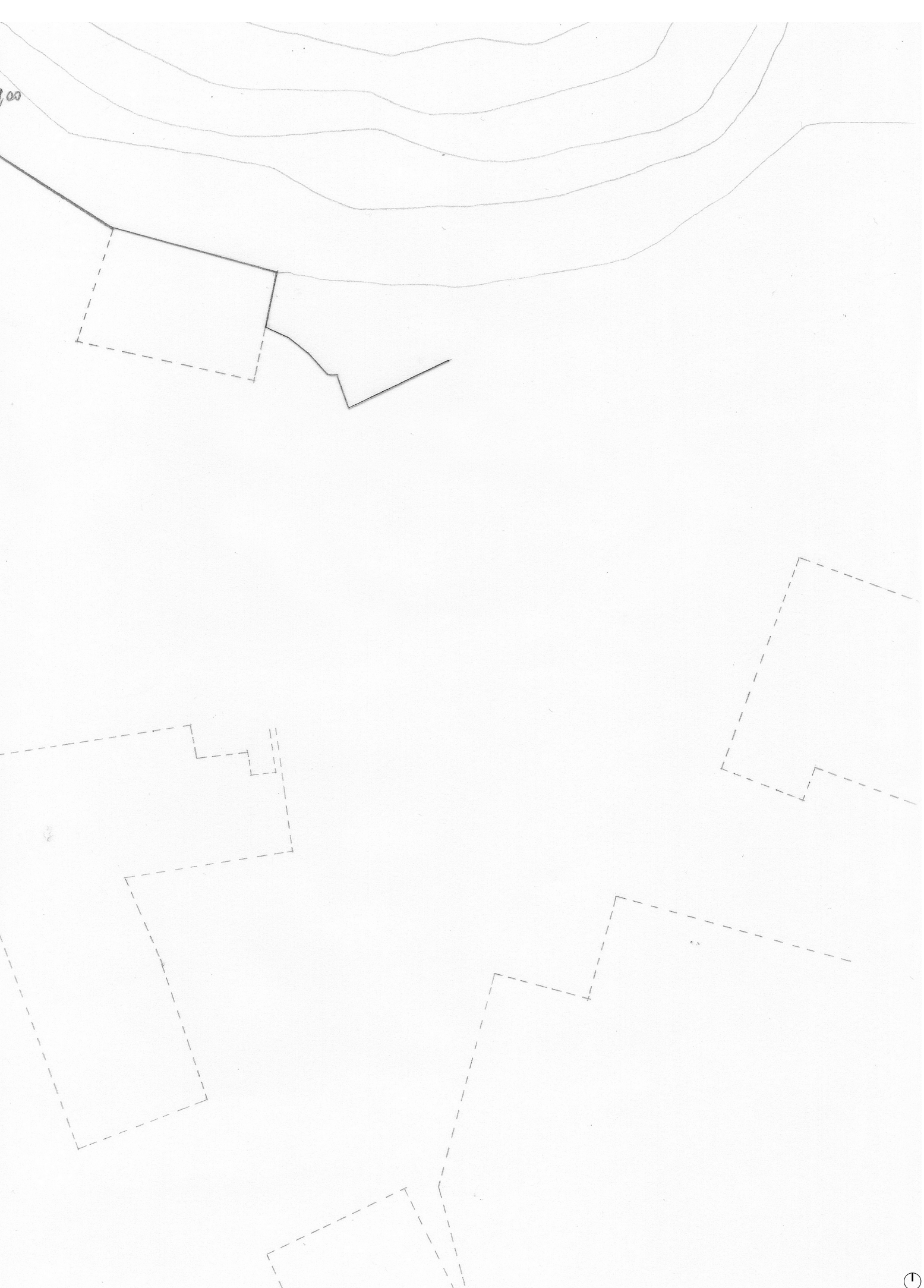
[...]

fm



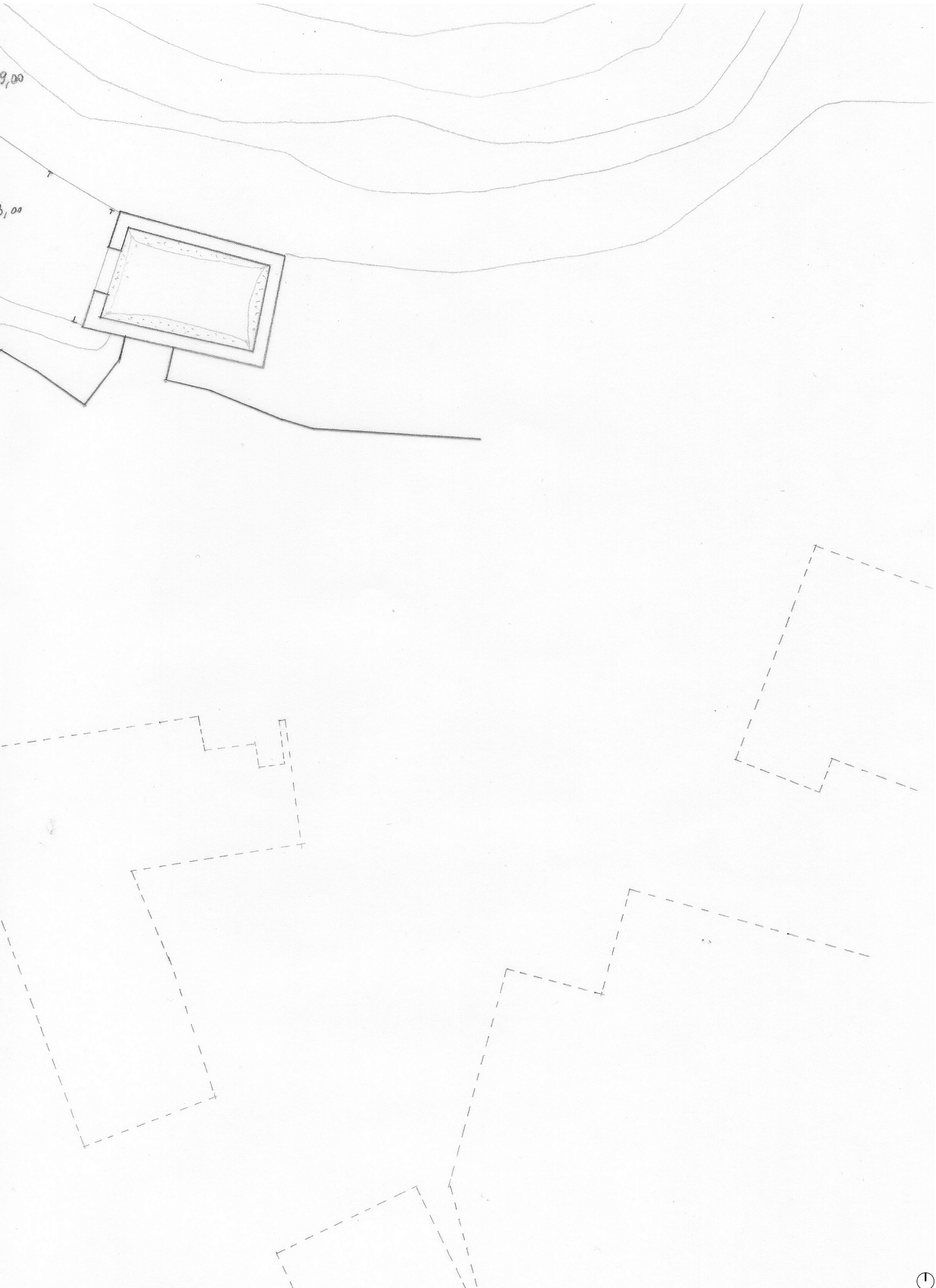


PLANTA do Conjunto - cota +191,00m





PLANTA do Conjunto - cota +193,50m





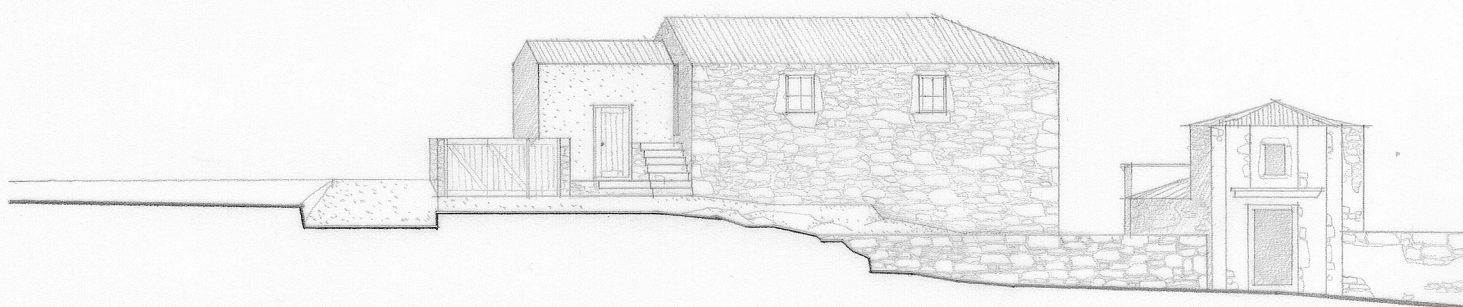
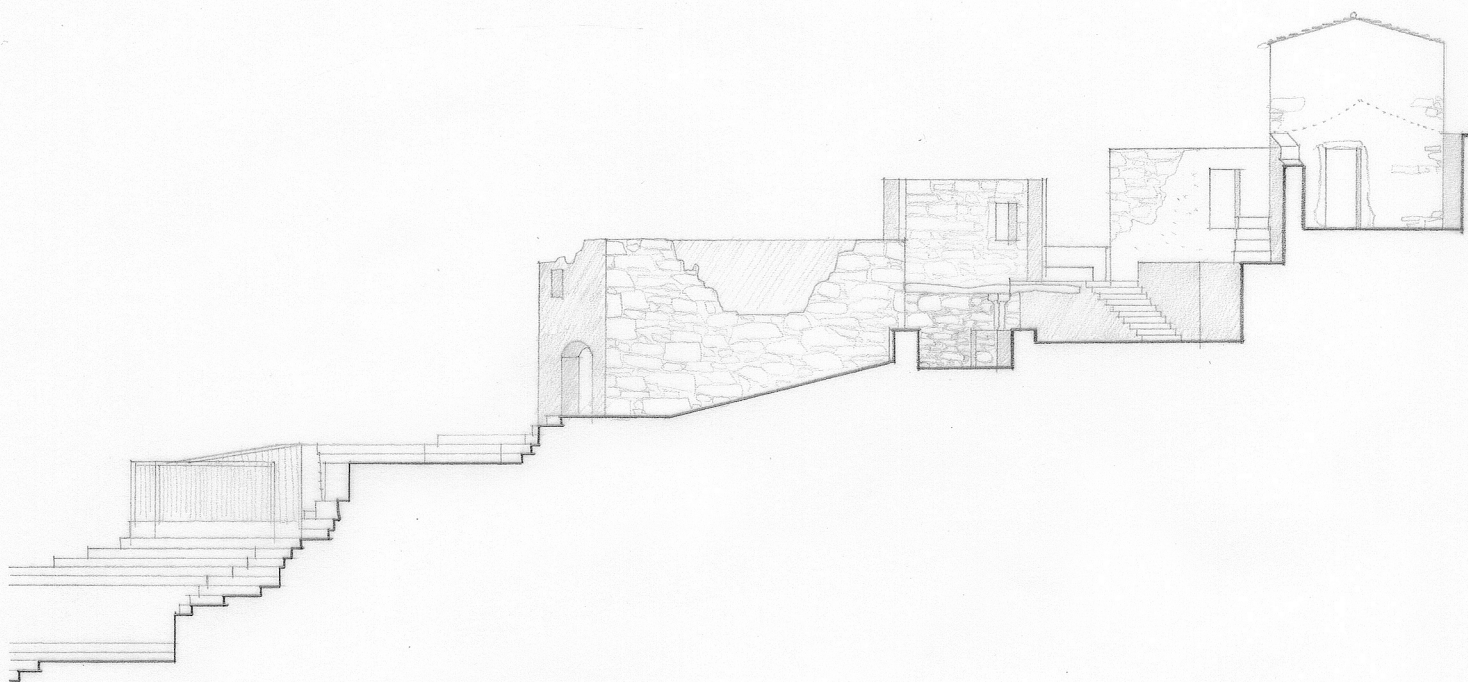
PLANTA do Conjunto - cota +198,50m

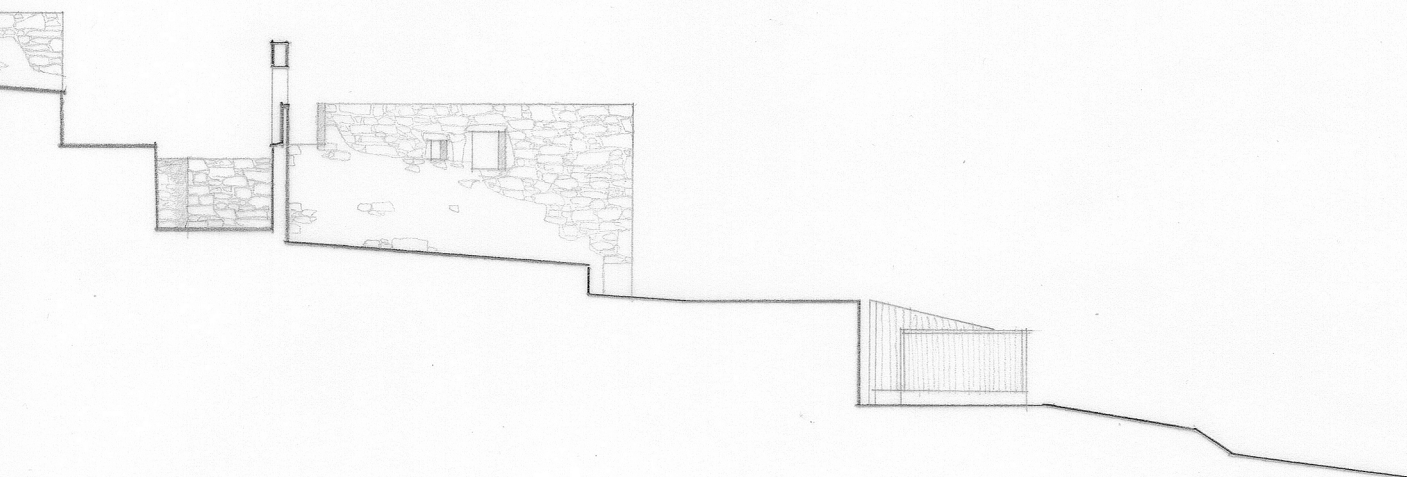
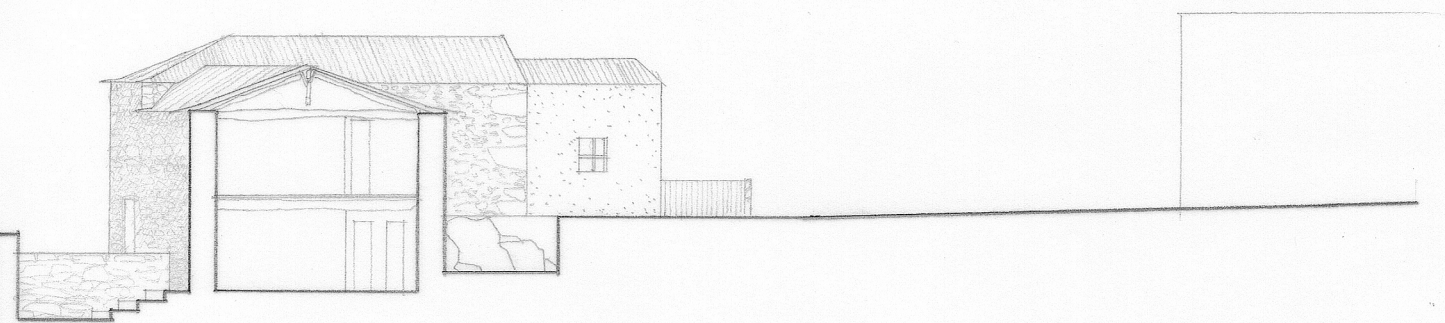




PLANTA do Conjunto - cota +199,50m







Da: Bosco Luca [REDACTED]
Oggetto: Re: -uma carta e uma prenda-
Data: 19 gennaio 2015 11:44
A: Francisca Beirão [REDACTED]

Olá Francisca e Ricardo,

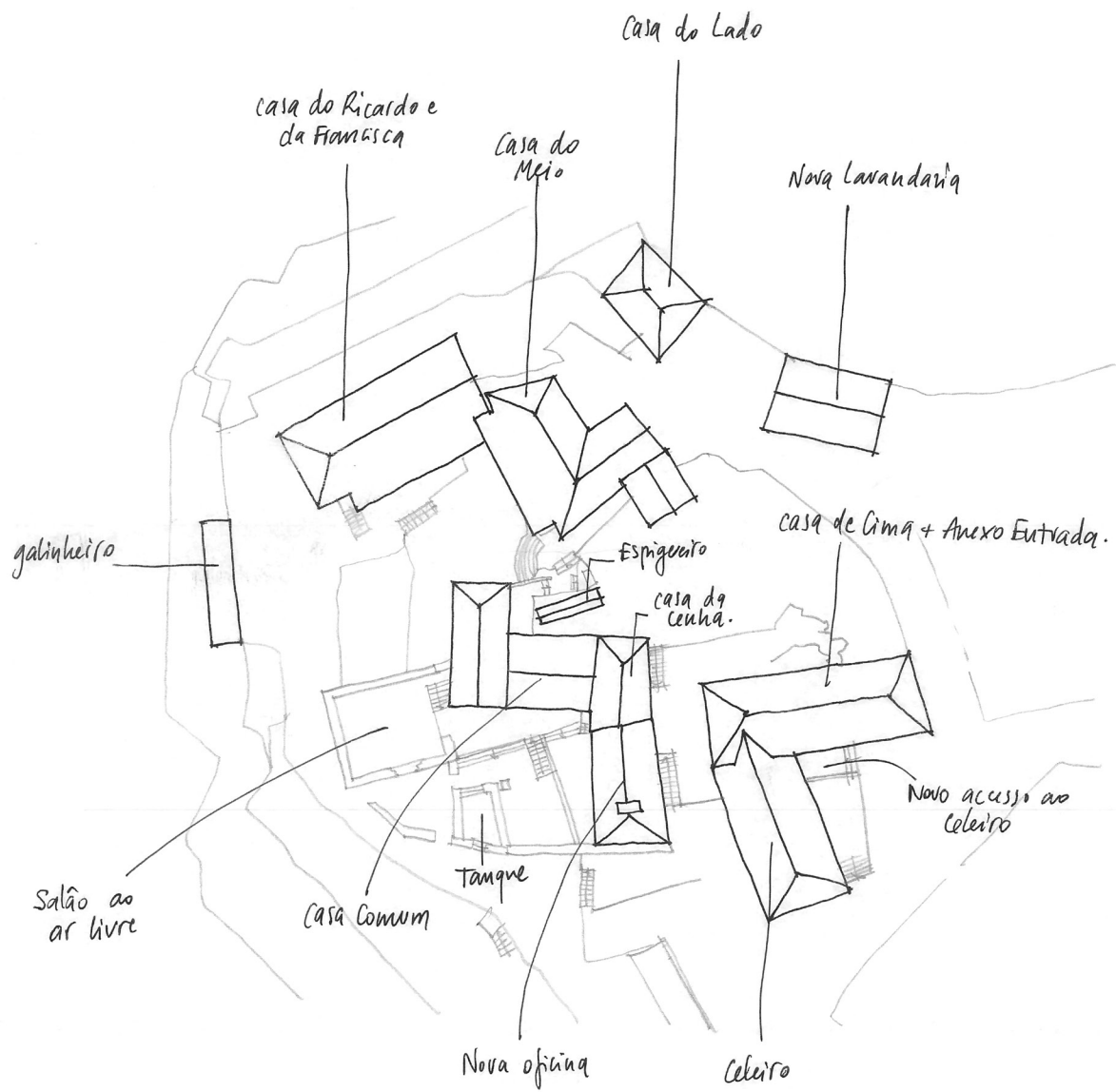
ficou muito contente por terem gostado da ideia. Uma vez no Porto falaremos melhor disso, mas é já um óptimo início, assim posso já começar a contactar um professor que me possa orientar a parte teorica da tese. Muitissimo obrigado!

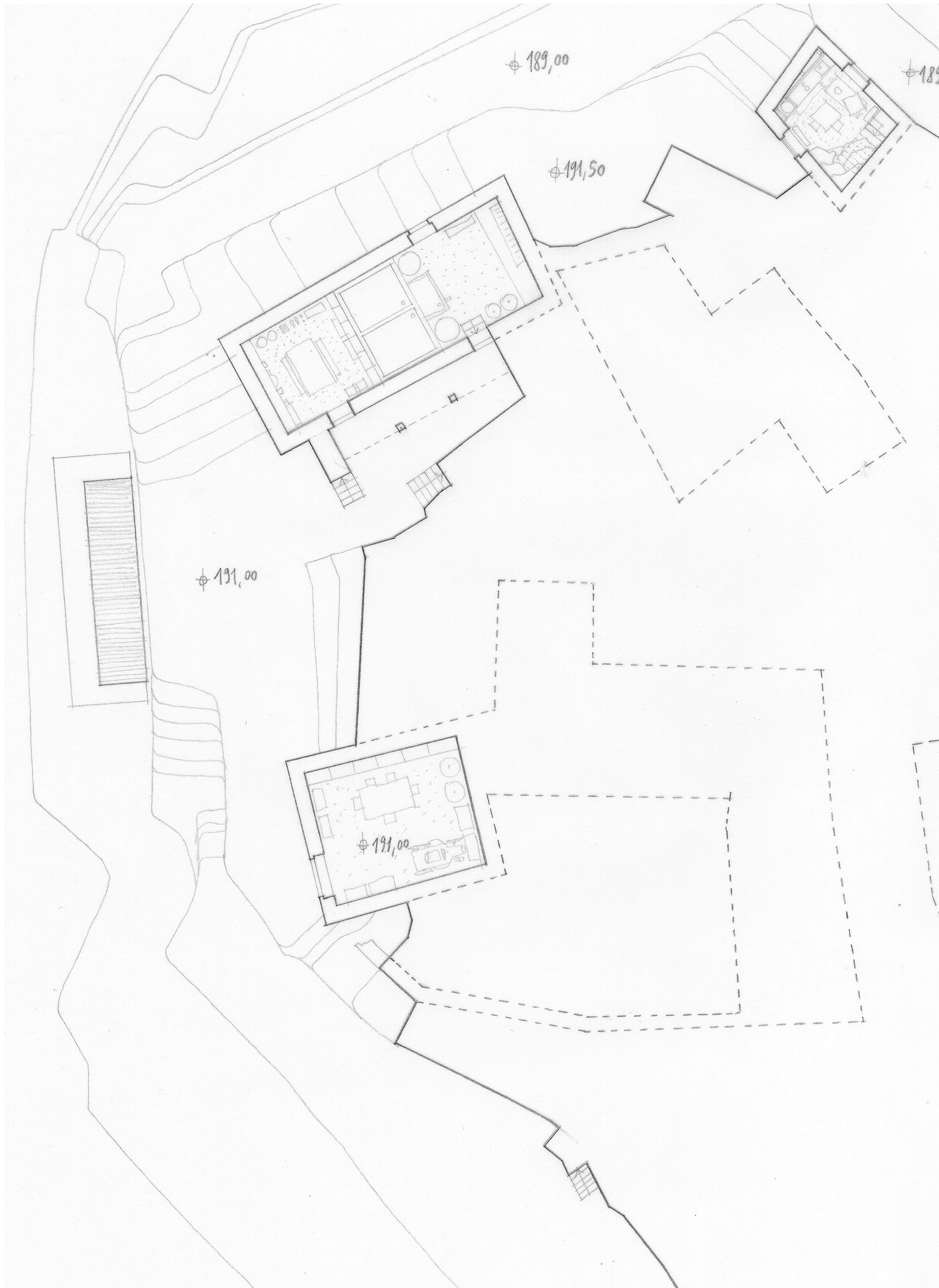
Obrigado também por ter gostado do trabalho fotográfico!

Relativamente à visita acho que íamos marcar para o dia 30. Pode ser? O meu numero de telemóvel é sempre o mesmo (+351 932 844 360). Eu e Irene chegaremos no dia 25 de manhã e vamos logo para Óbidos. Chegaremos no Porto no dia 28 à noite.

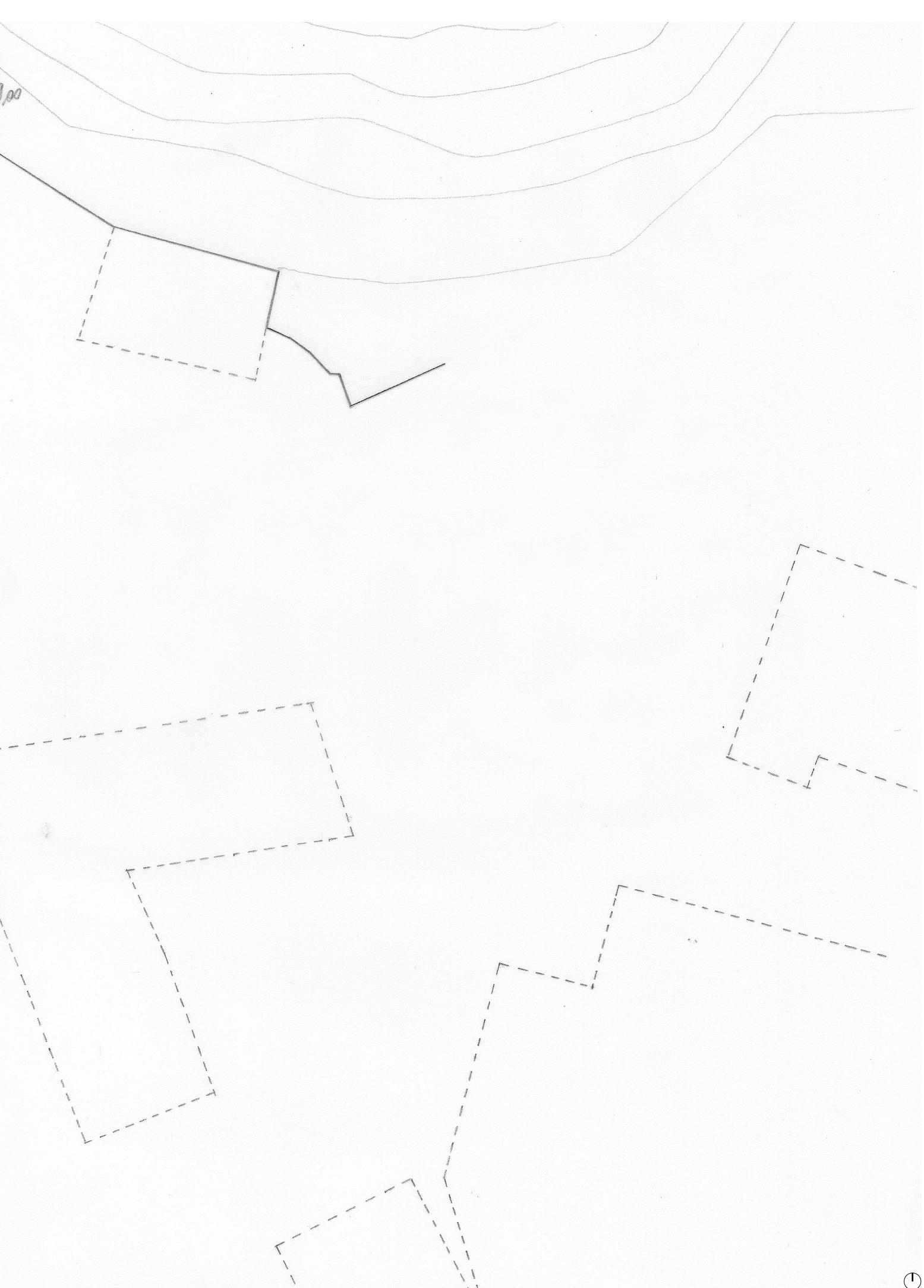
Então até para a semana, um grande abraço.

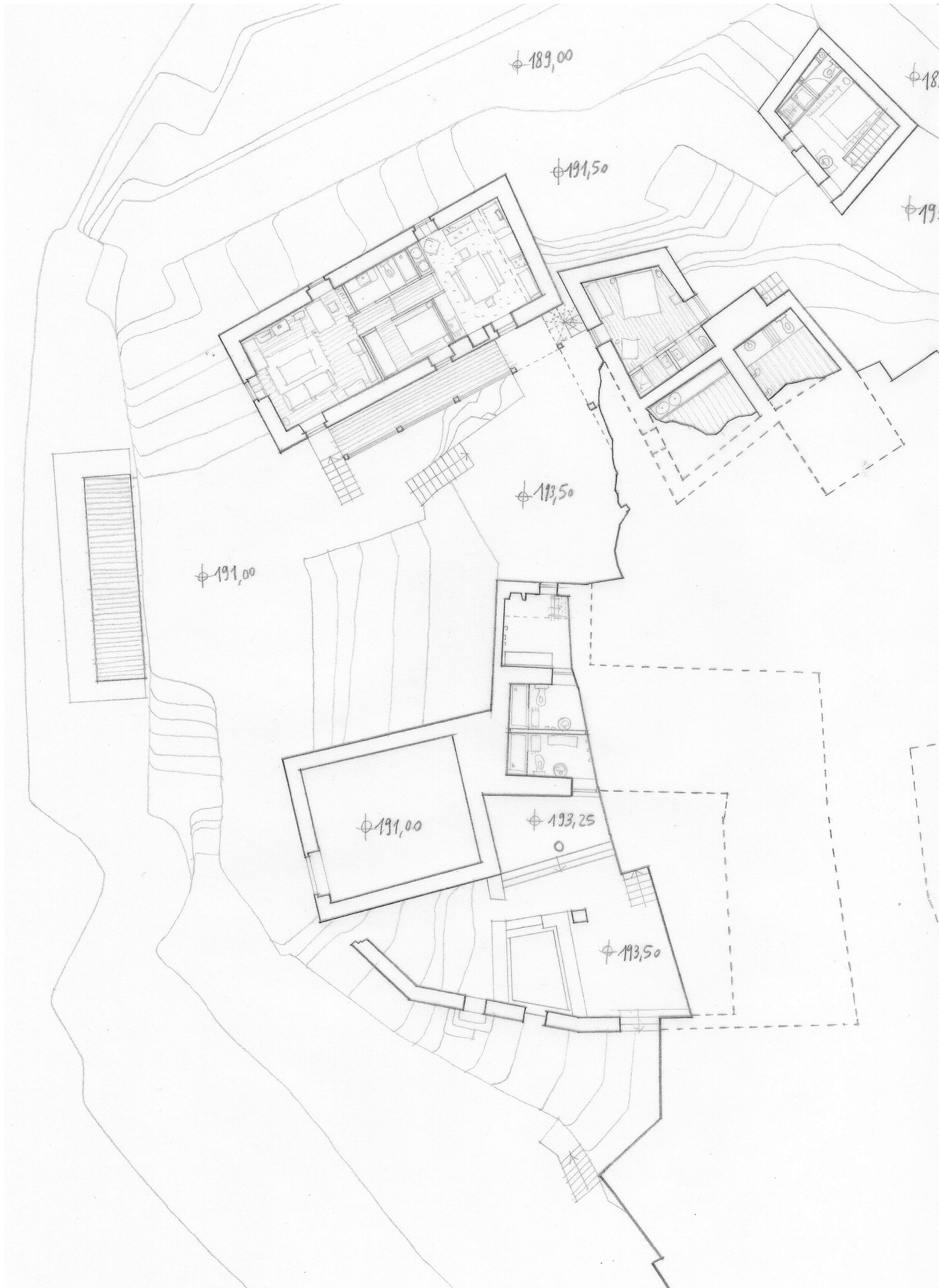
Luca



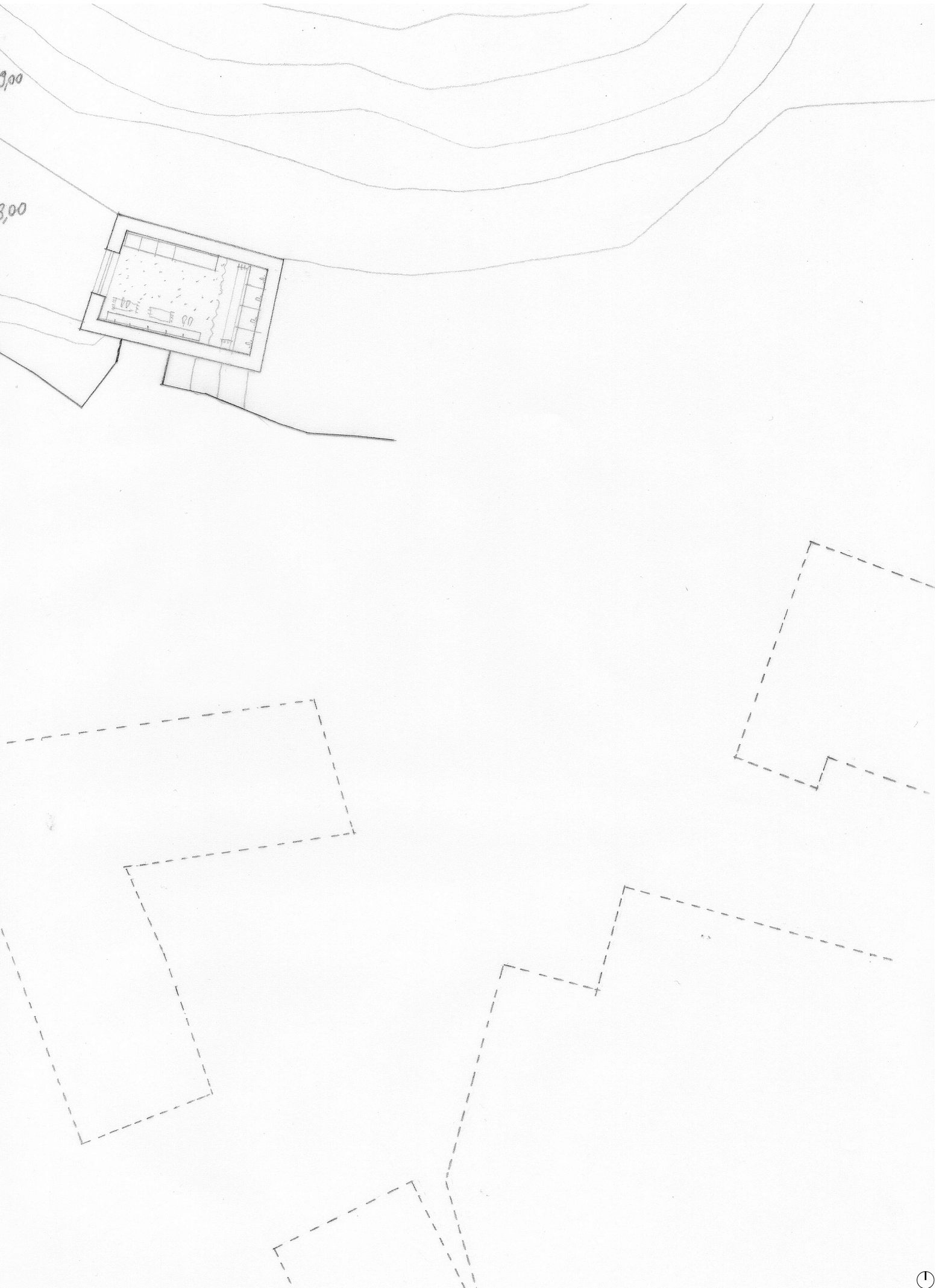


PLANTA do Conjunto - cota +191,00m





PLANTA do Conjunto - cota +193,50m





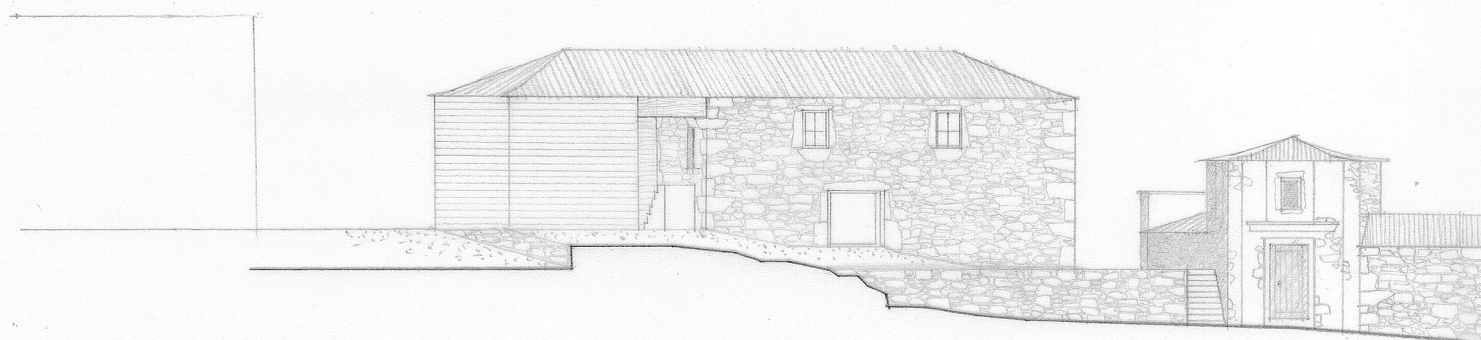
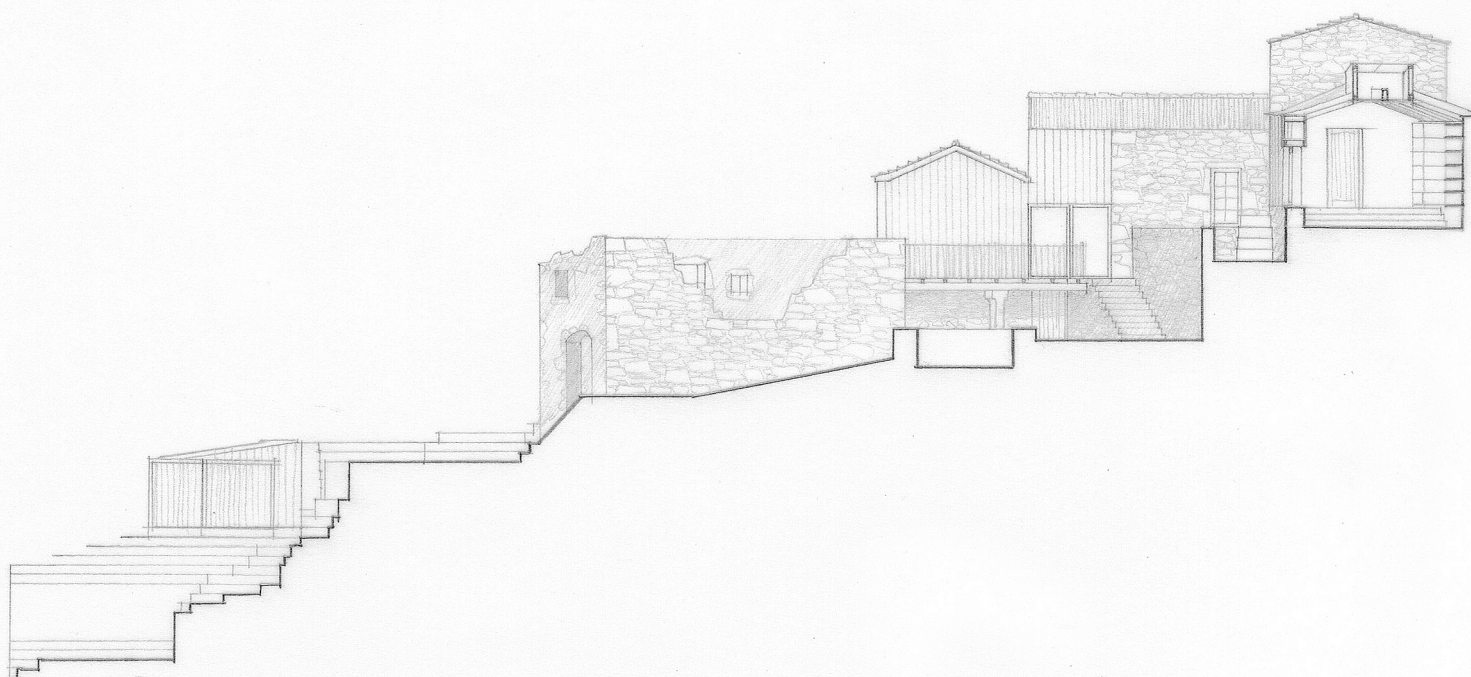
PLANTA do Conjunto - cota +198,50m

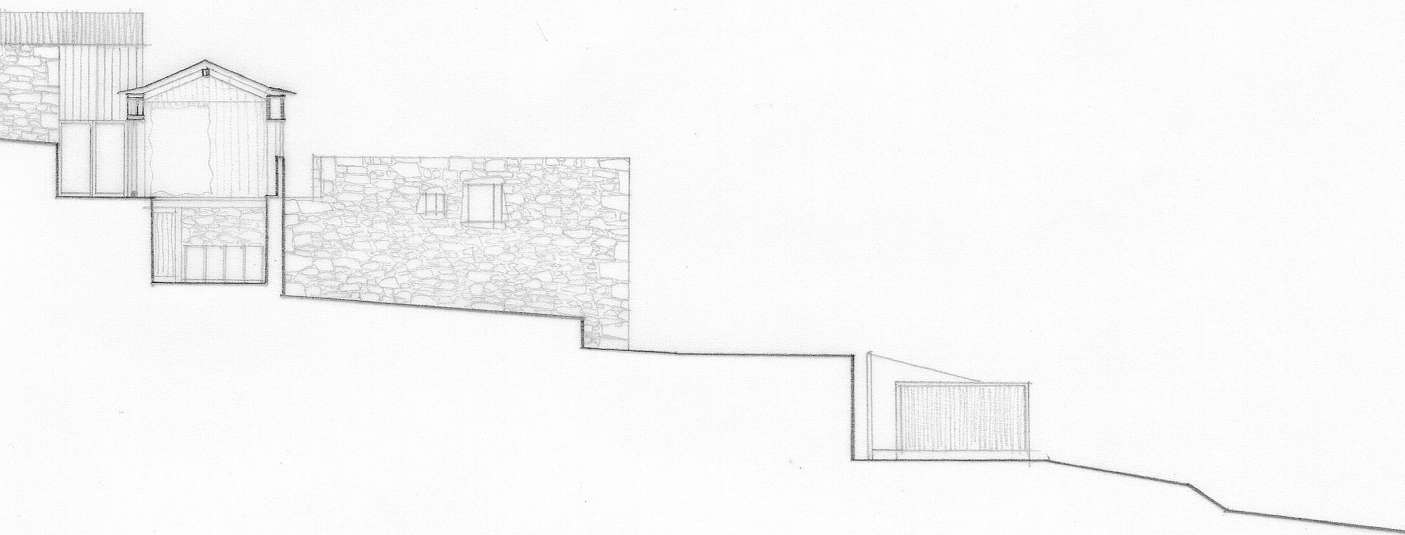
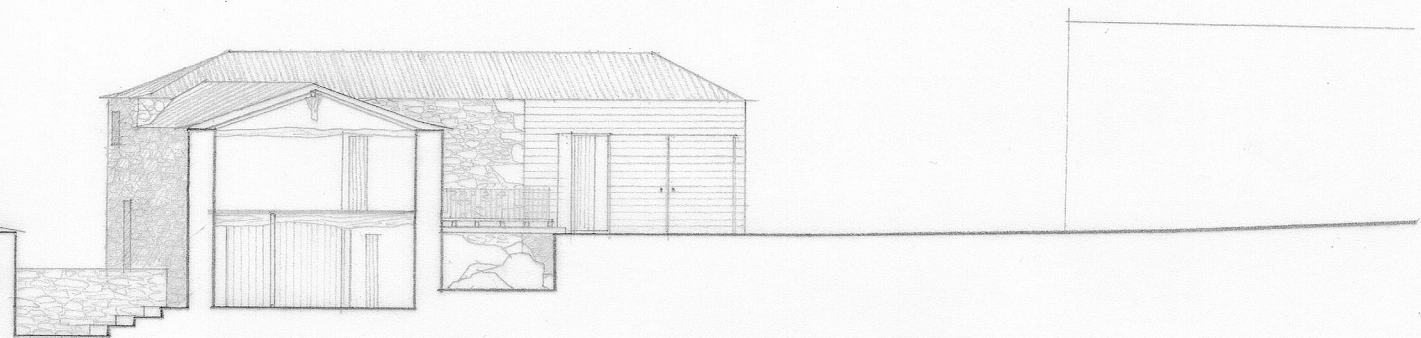




PLANTA do Conjunto - cota +199,50m







Da: WeTransfer noreply@wetransfer.com
Oggetto: Grazie per aver utilizzato WeTransfer. File inviato a [redacted] (e a 1 altro)
Data: 15 maggio 2015 15:46
A: [redacted]

File inviati a 2 destinatari

‘Olá Francisca e Ricardo,

mando-vos em anexo tudo o necessario para vocês verem como está a avançar o projecto já que não estou presente em Portugal.

Um grande abraço e até muito breve.

Luca’

Appena il destinatario avrà scaricato il file, riceverai un'e-mail di conferma.

Destinatari

[redacted]
[redacted]

File (30 MB total)

Ponto da Situação_Projecto.zip

Disponibile fino a

22 Maggio 2015

Link di download

<http://we.tl/IQJXA4IIZE>

Ottieni di più da WeTransfer, passa a [Plus](#)



Wood and the Dog, Paesana, Itália, 2013 - Studio Errante Architettura

Este é um pequeno projecto de um casal muito novo de arquitectos italianos, instalados em Turín. Foram chamados a pensar numa solução para transformar um antigo armazém de lenha que pertence a uma Casa em Paesana, no districto de Cuneo, Itália.

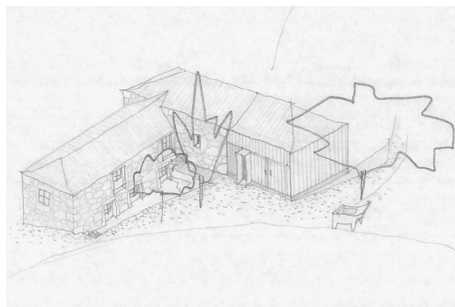
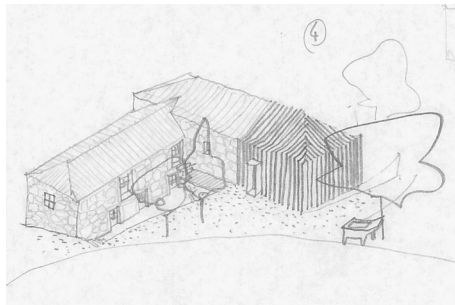
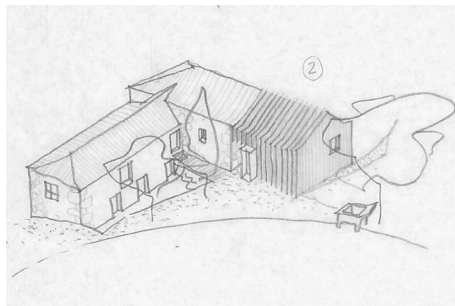
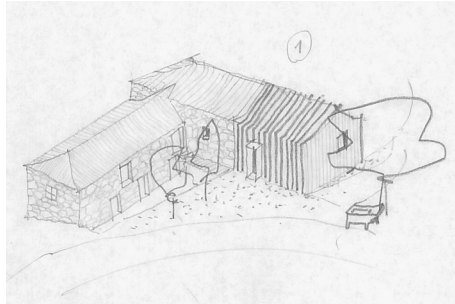
A nova construção, não obstante a suas dimensões mínimas, alberga diversas funções: uma Casa da lenha, para o armazenamento dos troncos que servirão aos donos para aquecer a Casa. As frestas entre as tábuas de madeira da fachada permitem a sua secagem, deixando circular o ar no interior; um abrigo. A frente que se abre à rua, transforma-se num banco para homens e animais; uma oficina ao serviço da Casa. O muro de betão que constitui o alçado nascente, torna-se, no interior, uma mesa de trabalho e um lavatório; um dispositivo de delimitação espacial, que sugere o caminho que leva à entrada dos vizinhos.

*“Finalmente si é deciso di far fuori le vecchie baracche! Nonostante fossero ormai ridotte a un cadavere, permaneva una certa ritrosia celata dietro a un, comunque ci servono, o a un, e poi la legna dove la mettiamo?”**

Toma-se a decisão de demolir uma pré-existência, que não traz valor relevante para o lugar, para substituí-lo com uma nova construção.

*“Adesso che c’è la nuova baracca, alla sera, Roberto ne suona una seduto nella nicchia. È di un timido, Roberto, ma quel sedile, seppur guardi la strada, lo avvolge e lo protegge. Gli fa muovere le dita più agili e i bambini in bicicletta passano cento volte per sentirlo.”***

*“Adesso che c’è, Chicca, ha un posto di controllo niente male. Dal suo sedile vede tutto. Al sole se fa freddo, all’ombra a mezzogiorno, al riparo quando piove.”****



Ao chegar à Quinta, a Casa de Cima, é a primeira que se encontra. Está encostada ao Celeiro, o espaço que actualmente se dedica ao armazenamento das cebolas e das batatas. À Casa, foi acrescentado um pequeno anexo de tijolo rebocado de branco, uma construção posterior, simples, mas de baixa qualidade estética, que agora se usa como lavandaria.

Querendo valorizar a entrada da Quinta e considerada a irrelevância que este anexo trazia ao lugar, decidiu-se retirá-lo e transferir a sua função para outro lugar, mais aconchegante, mais prático.

O Ricardo pediu que fosse substituído por um anexo que permitisse guardar o carro e, que ao mesmo tempo, marcasse definitivamente a entrada da Quinta, sem ambiguidades. De certa forma, disse ele, deveria também ocultar à vista, os abomínios que se constróem nos arredores.

Define-se então um novo volume, cuja linguagem, criada por uma estrutura de madeira, permite distinguir o novo sem deixar de estabelecer um claro diálogo com a preexistência, dando assim continuidade ao alçado da Casa que sobrou da demolição da lavandaria. Define-se um espaço de chegada. Uma primeira transição entre exterior e interior da Quinta, que no fundo é uma grande Casa.

No celeiro só se intervem pontualmente, porque por vontades dos requerentes, este espaço devia manter-se tal e qual como está. Facilita-se o acesso desde a rua criando uma pequena ponte de madeira que, vencendo a diferença de cotas existente, permite chegar à porta de entrada. O interior tem uma atmosfera mágica. O chão, construído por tábuas de madeira de grande tamanho não tratadas tem uma cor que quase se confunde com a cor da terra. O telhado, por outro lado deixa passar, pelas frestas das telhas, a luz do sol, transformando a cobertura num pequeno céu estrelado. Seria preciso realmente muita coragem para transformar esse lugar. Não a tive.

Quanto à Casa, actualmente está organizada em dois pisos. O res do chão, que antigamente servia de corte para o gado é agora um armazém de vários objectos. O primeiro piso serve como dormitório para aos hospedes. Não tem quarto de banho.

Desde o início se pensou que esta Casa pudesse manter a função actual, garantido só os confortos que agora estão ausentes. Mas, durante o desenvolvimento do projecto, decidimos finalmente criar todas as possibilidades para que se transformasse numa Casa mais autónoma.

Tenta-se então unificar o uso da Casa, ligando os dois pisos por uma escada que se insere, sem a alterar, entre a estrutura do soalho pré-existente. Organizam-se dois quartos. Um no piso de entrada, em continuidade com a sala de estar e uma pequena cozinha de apoio à sala, e o outro no rés do chão. Este último, para garantir também privacidade e flexibilidade entre os dois pisos, tem também um acesso privativo. Ao mesmo tempo está ligado ao resto da Casa por um espaço de transição. A “lutherie”. Uma oficina para a restauração e a construção de instrumentos a corda e arcos, para uma das duas filhas, a Constança.

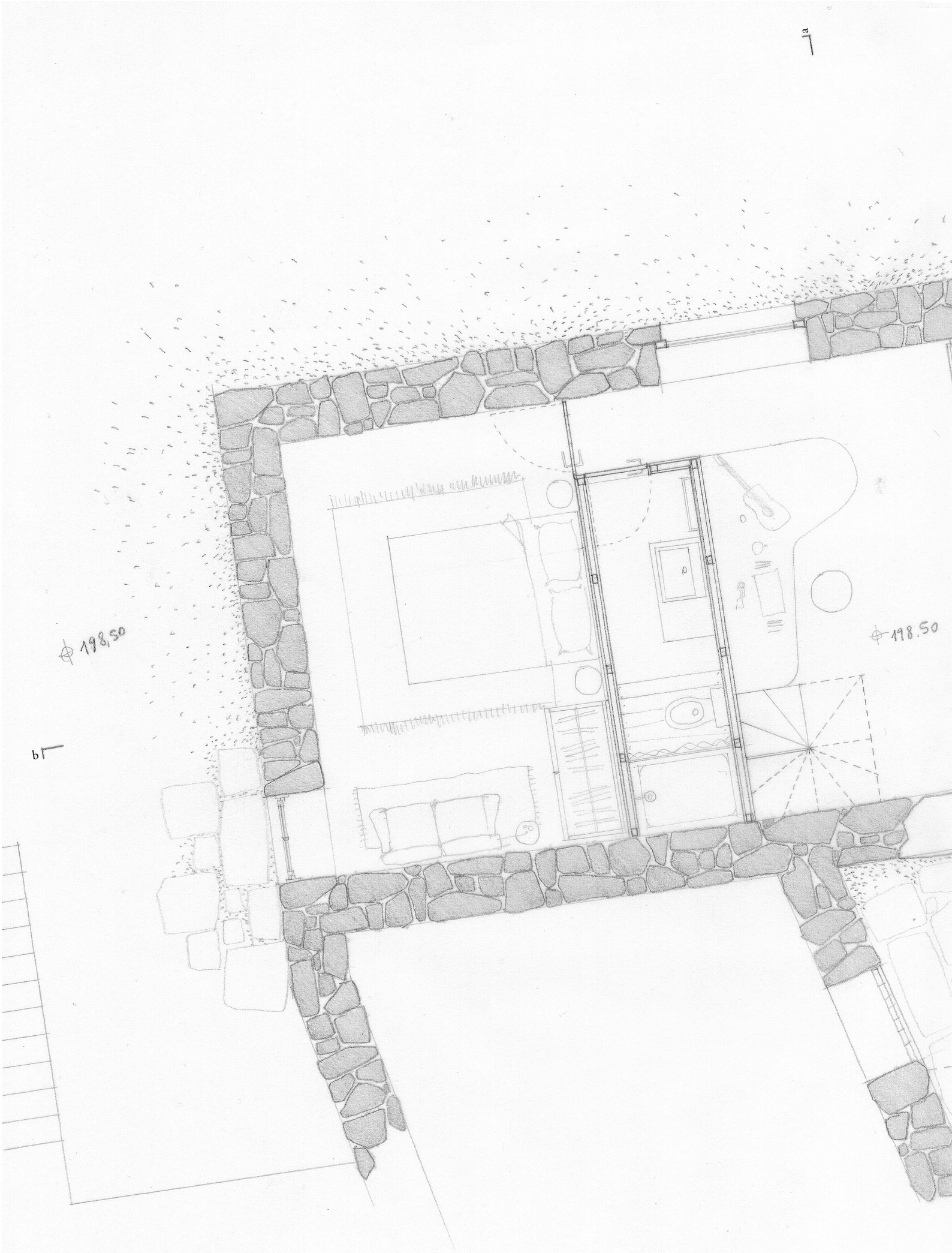
Este espaço, encontrando-se no piso térreo, não teria luz natural. Decide-se então alterar o alçado norte pré-existente, abrindo uma nova janela que difere das outras pelo tamanho e pela geometria, mas repetindo o método construtivo das anteriores. Abre-se uma nova vista sobre a Quinta. Criam-se interseções visuais.

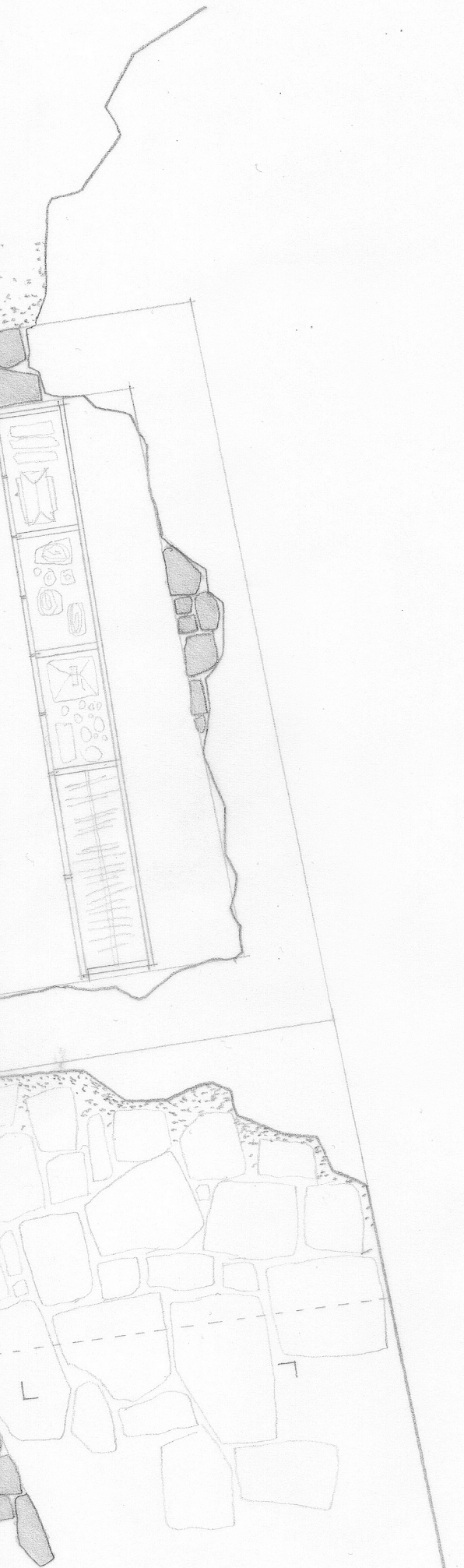










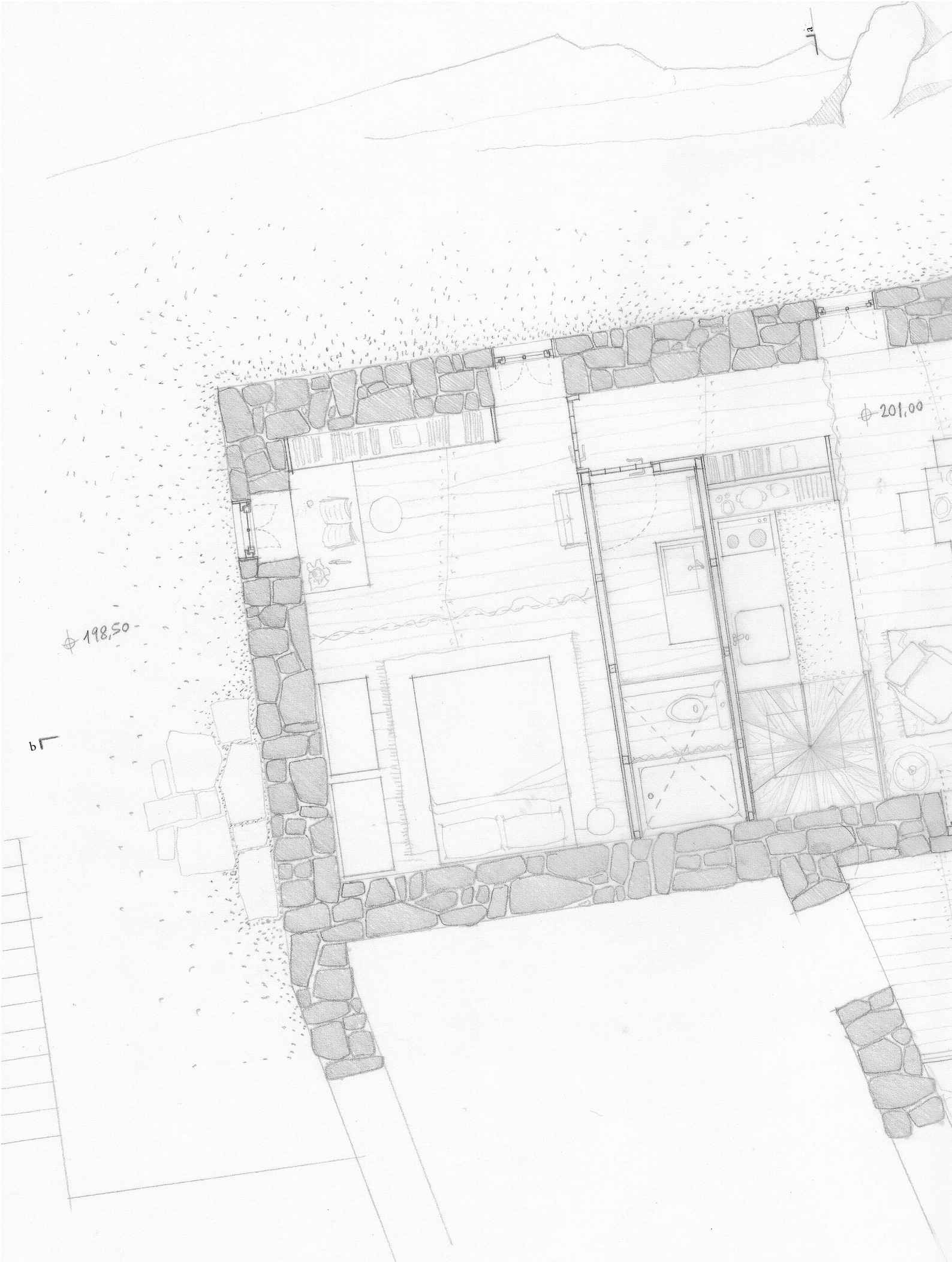


—b

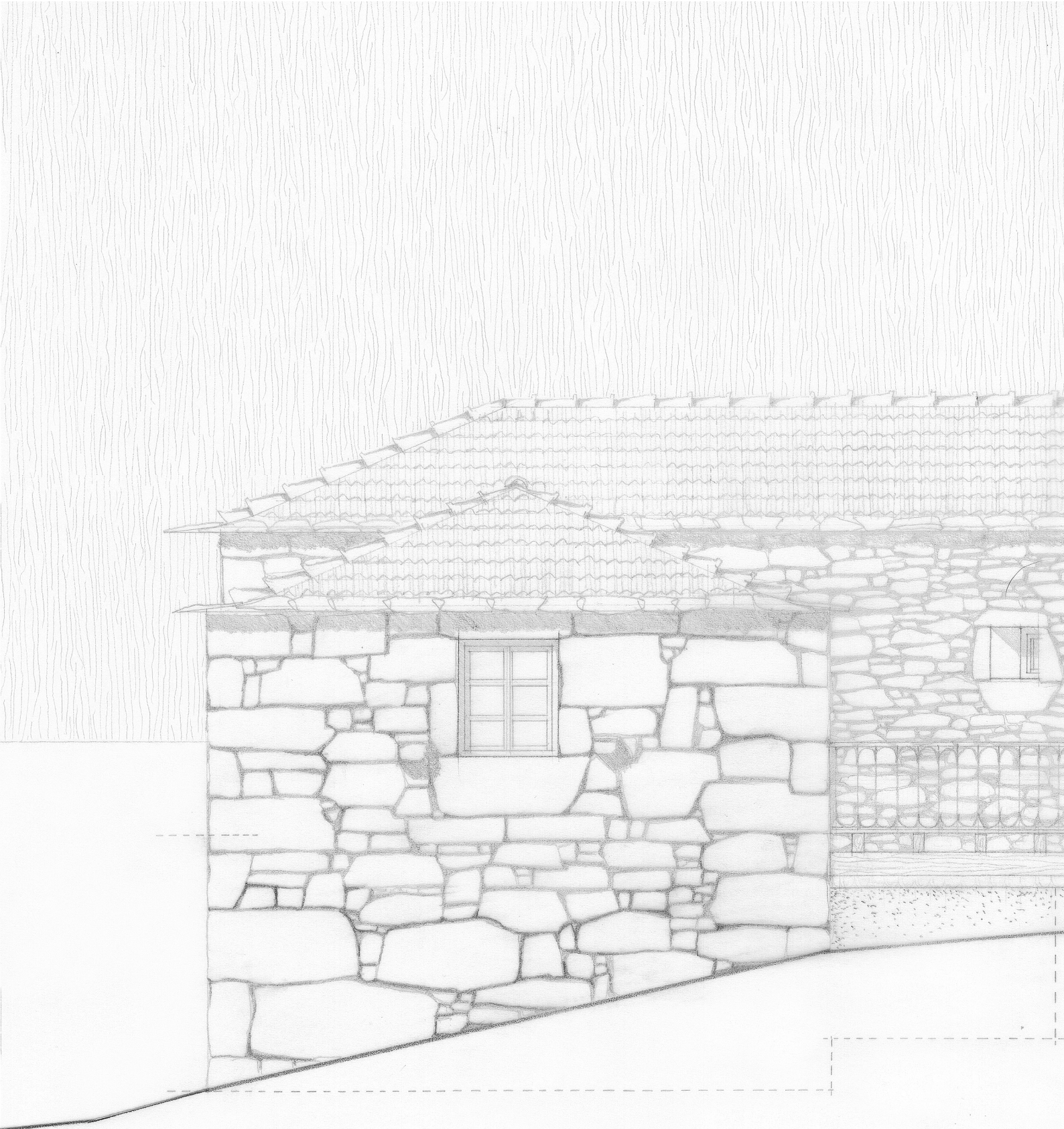
a —

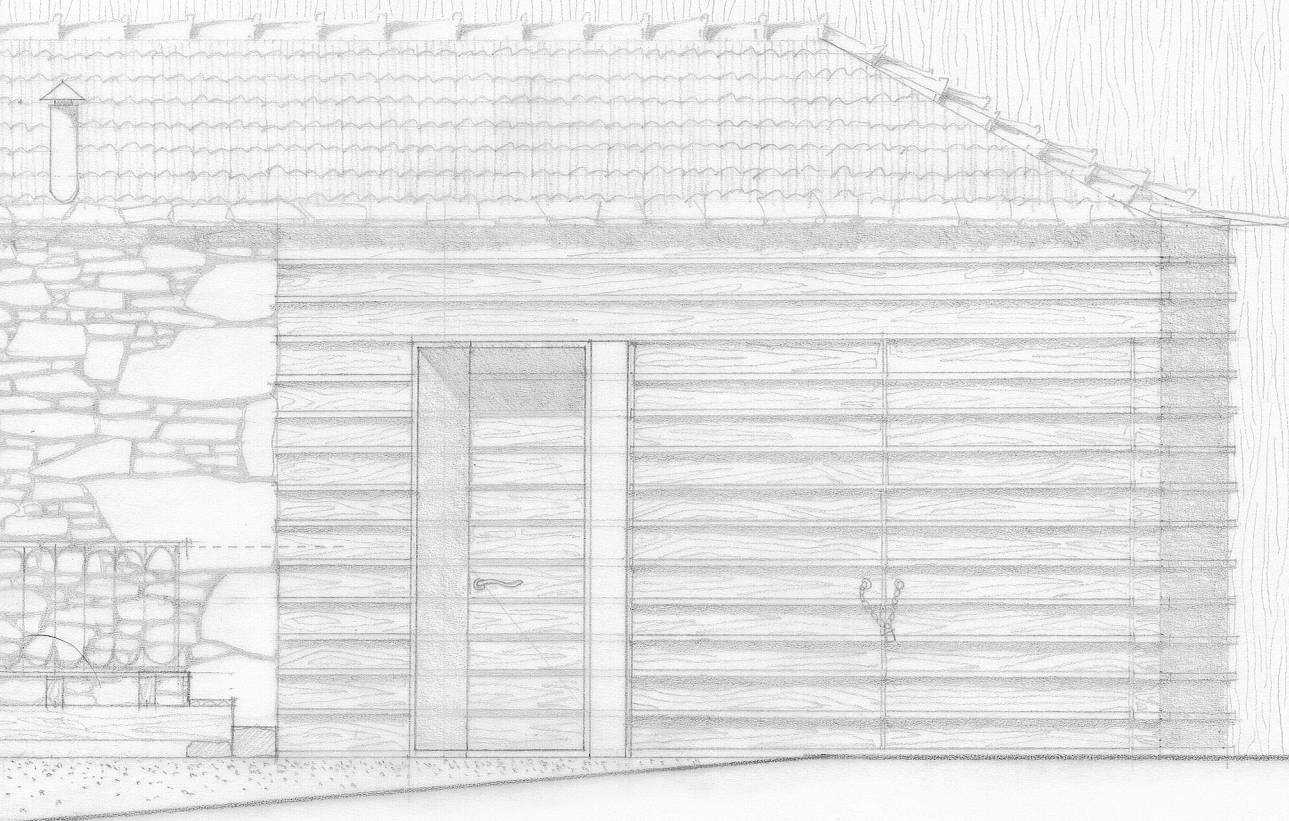


Escala 1:50





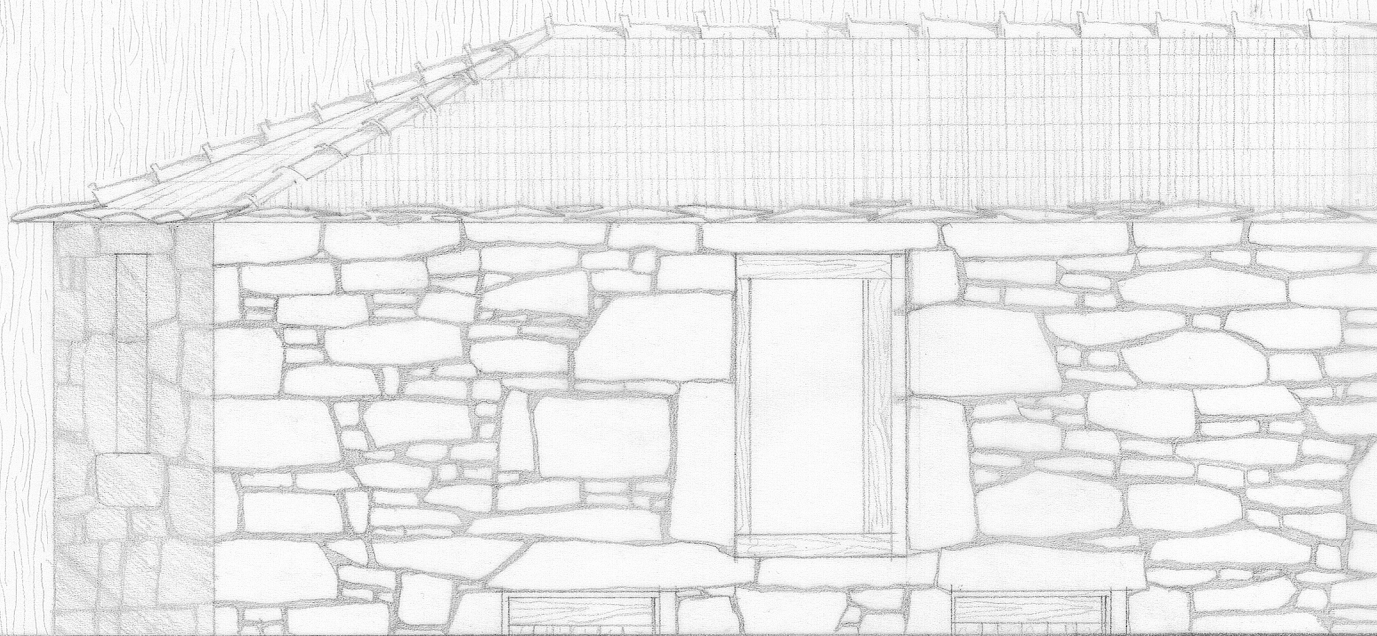




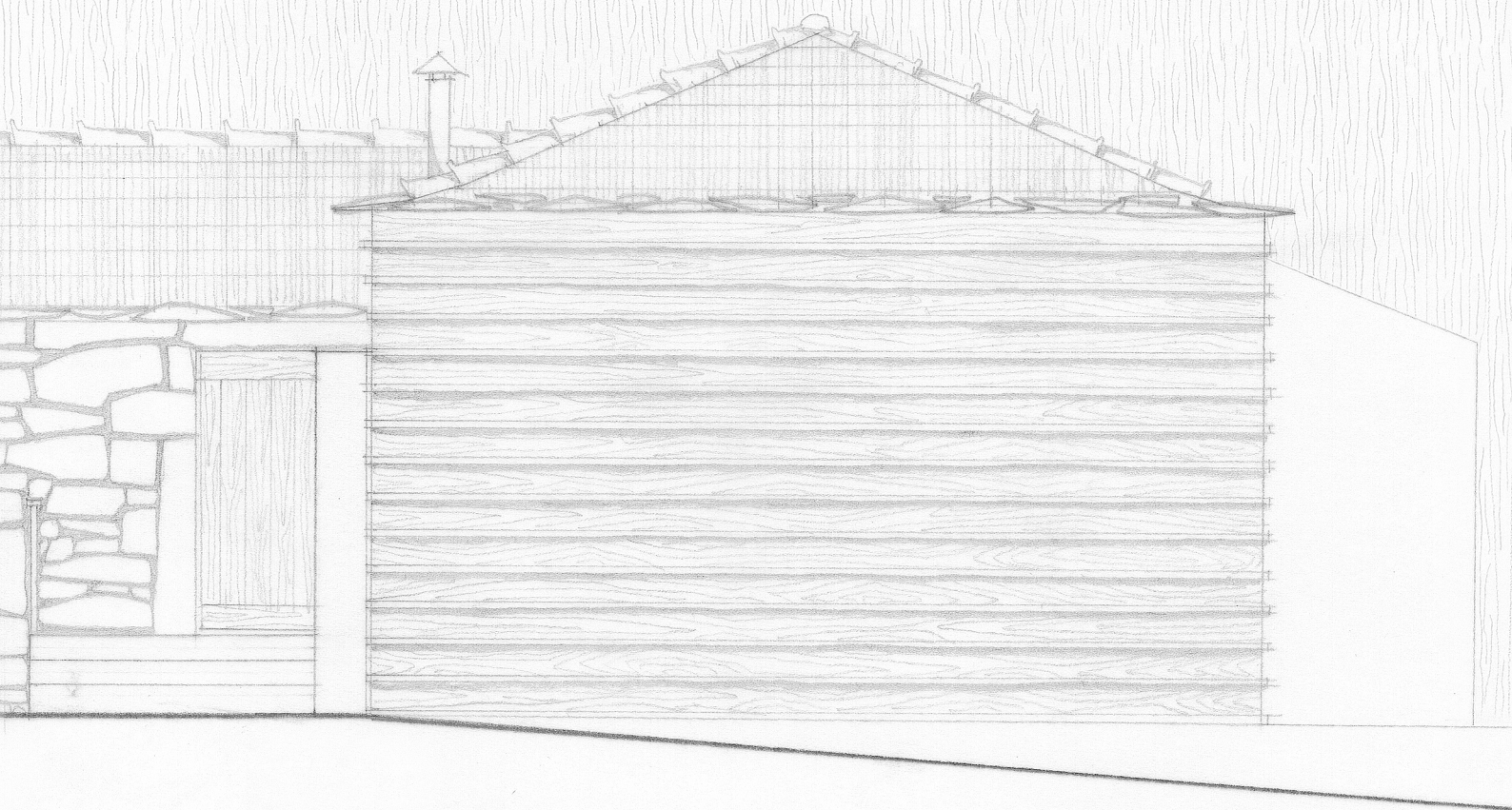
200,00

199,50

198,0



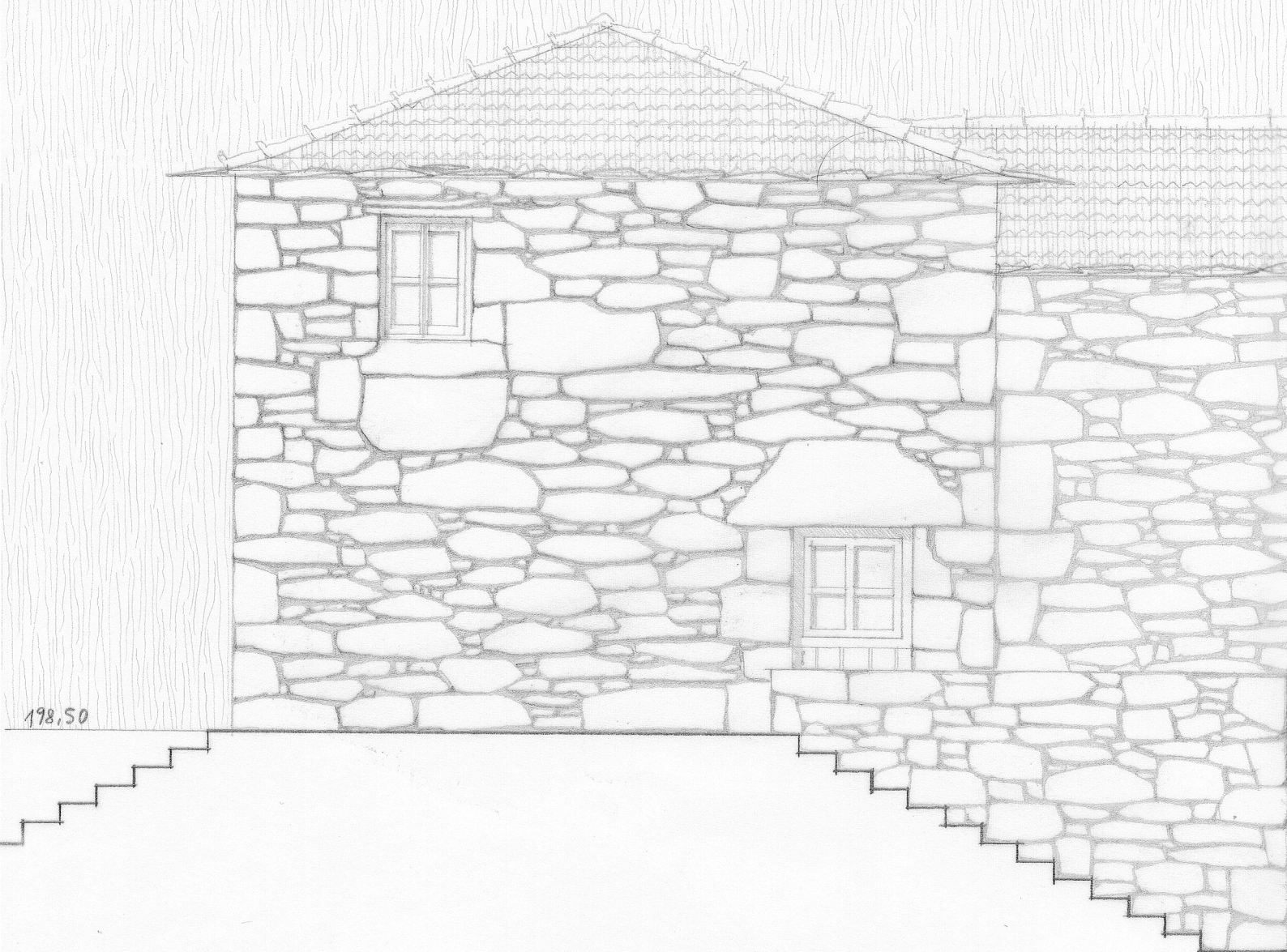
199,50



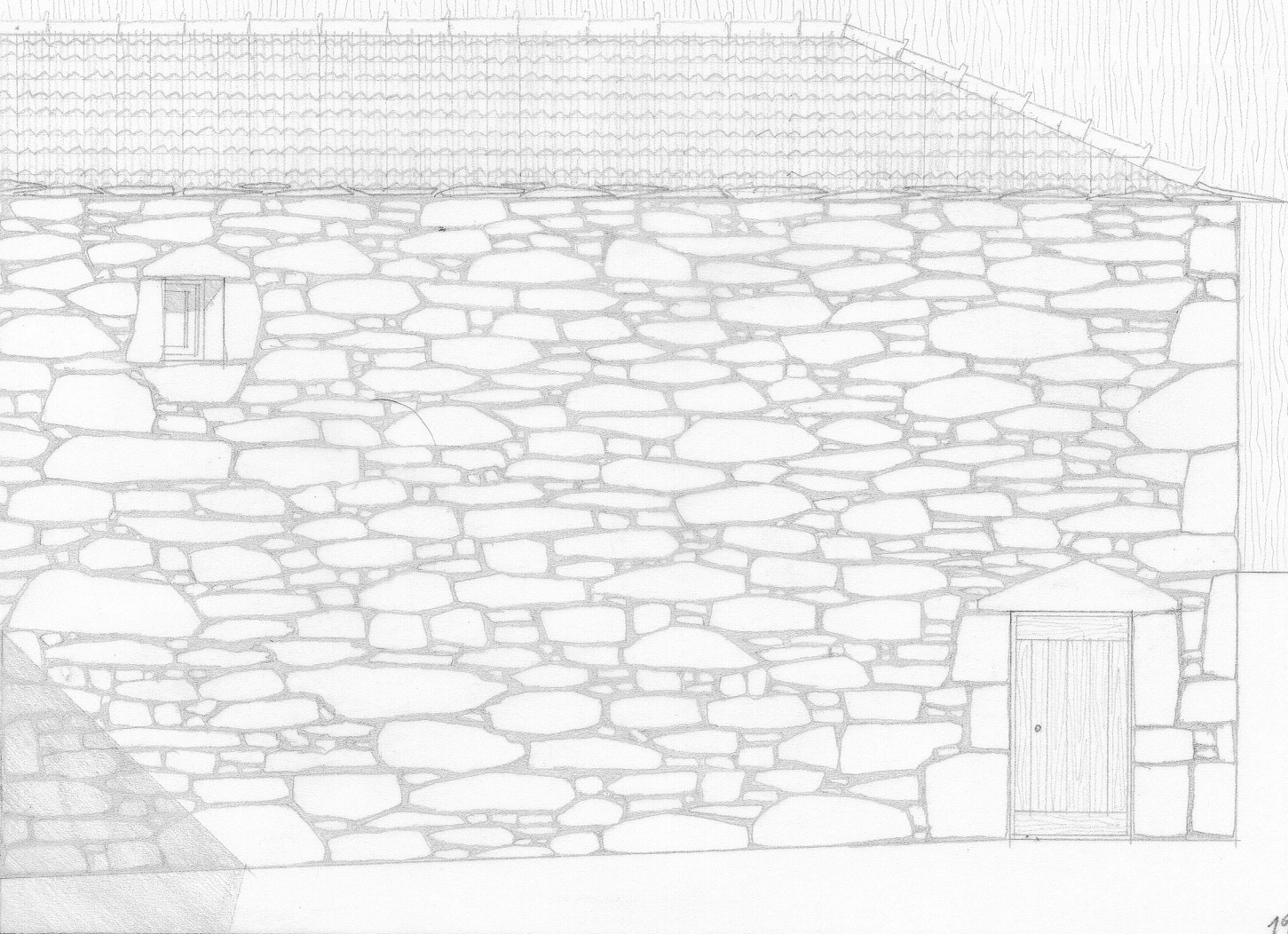




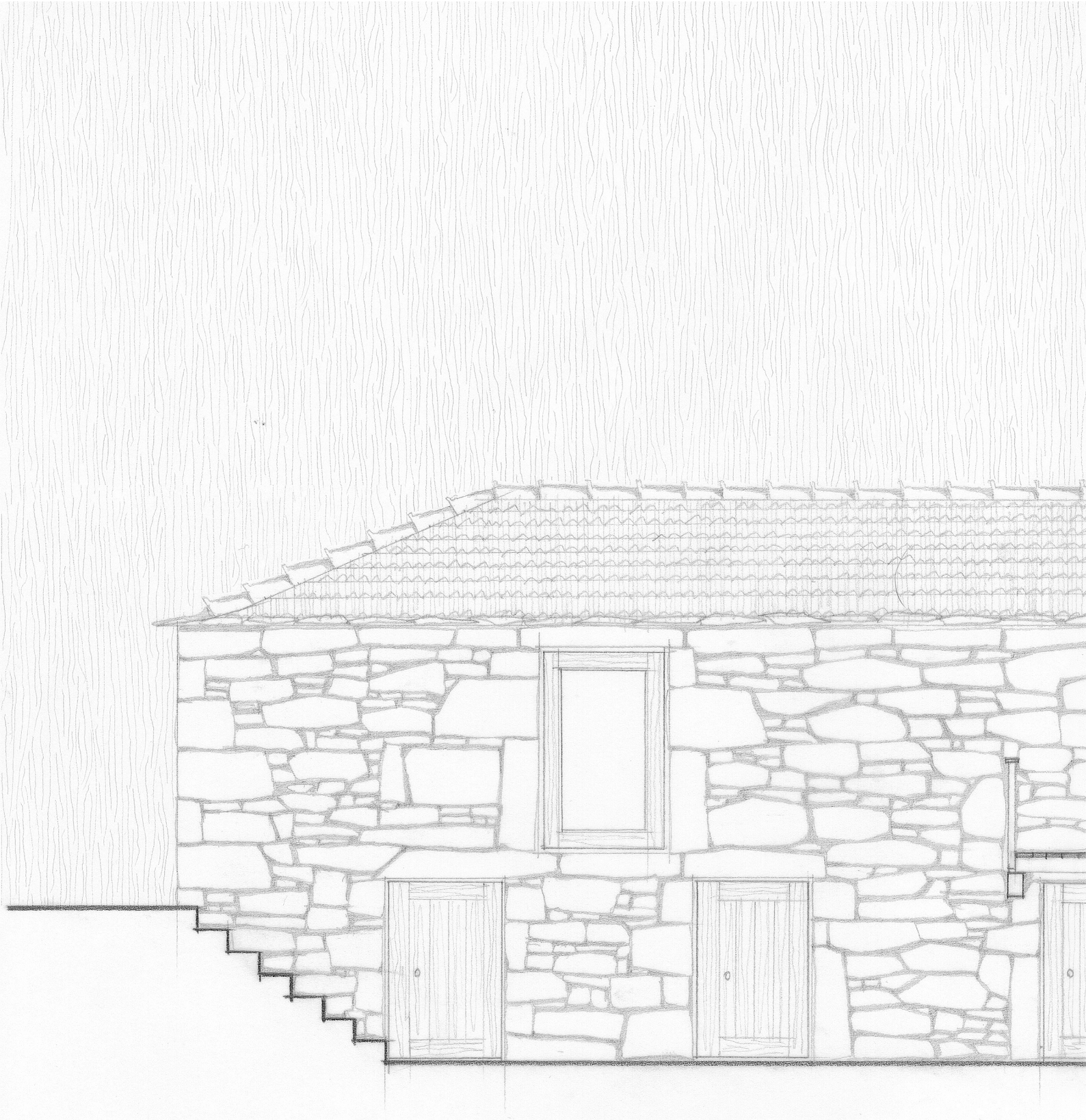
198,50

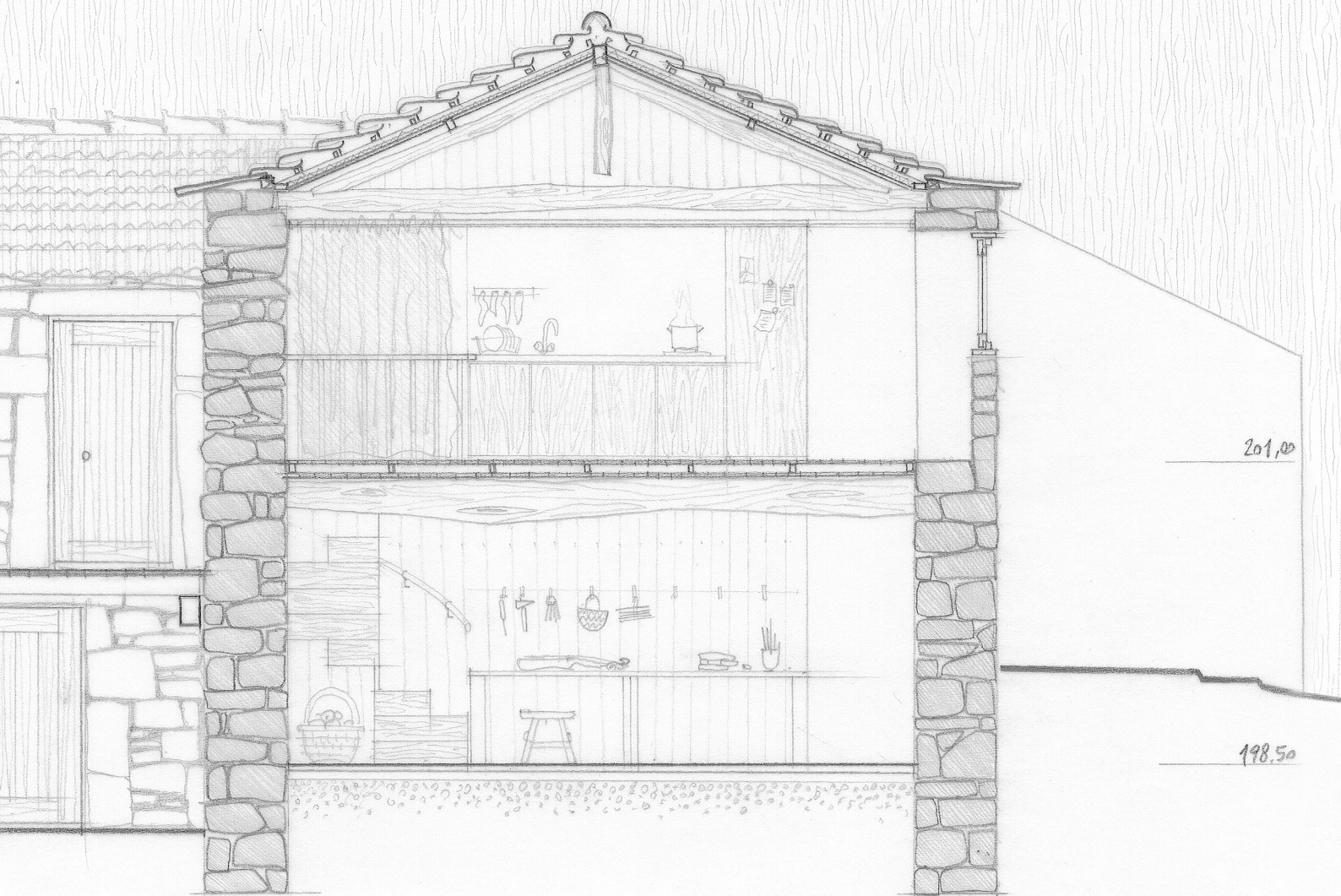


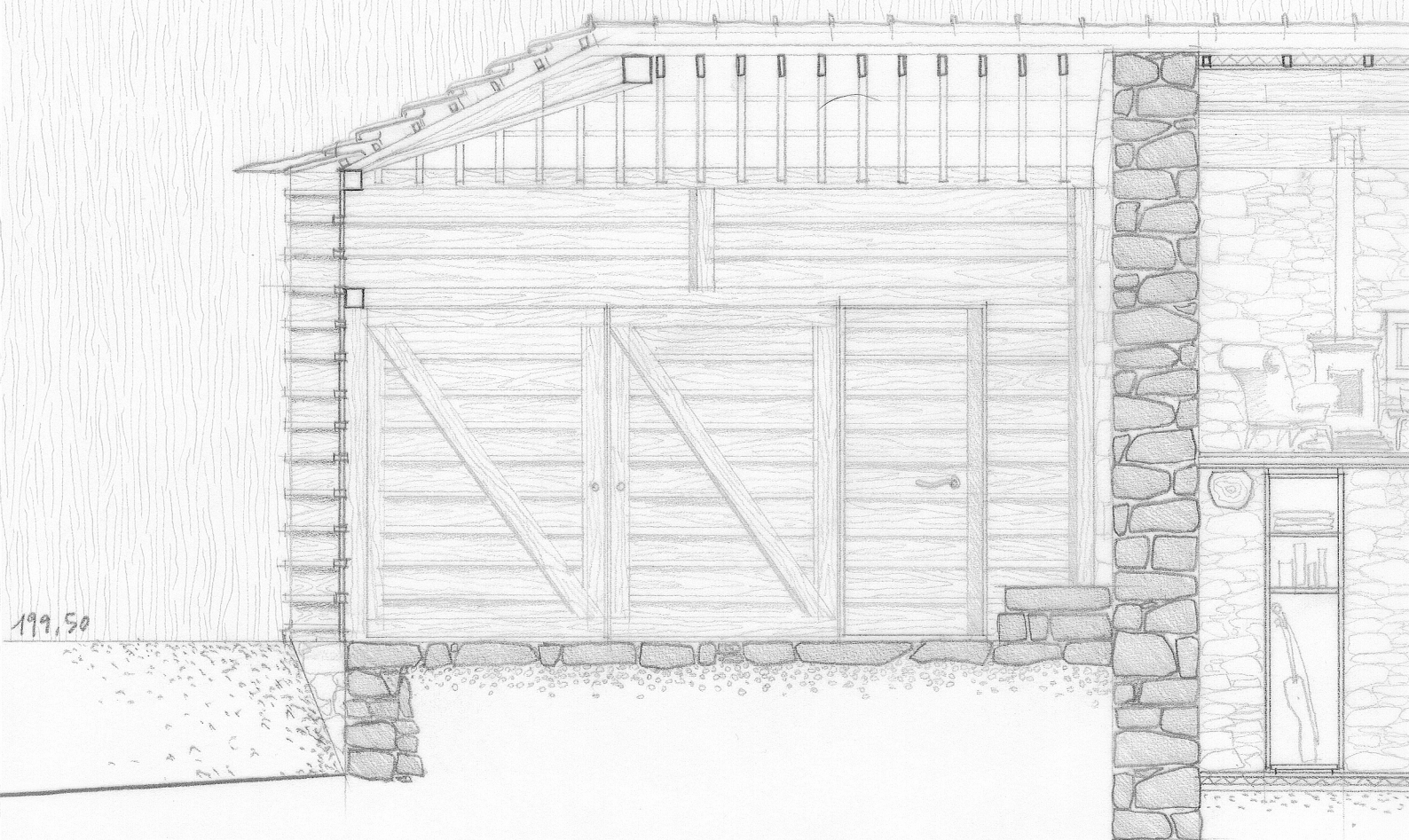
198,50

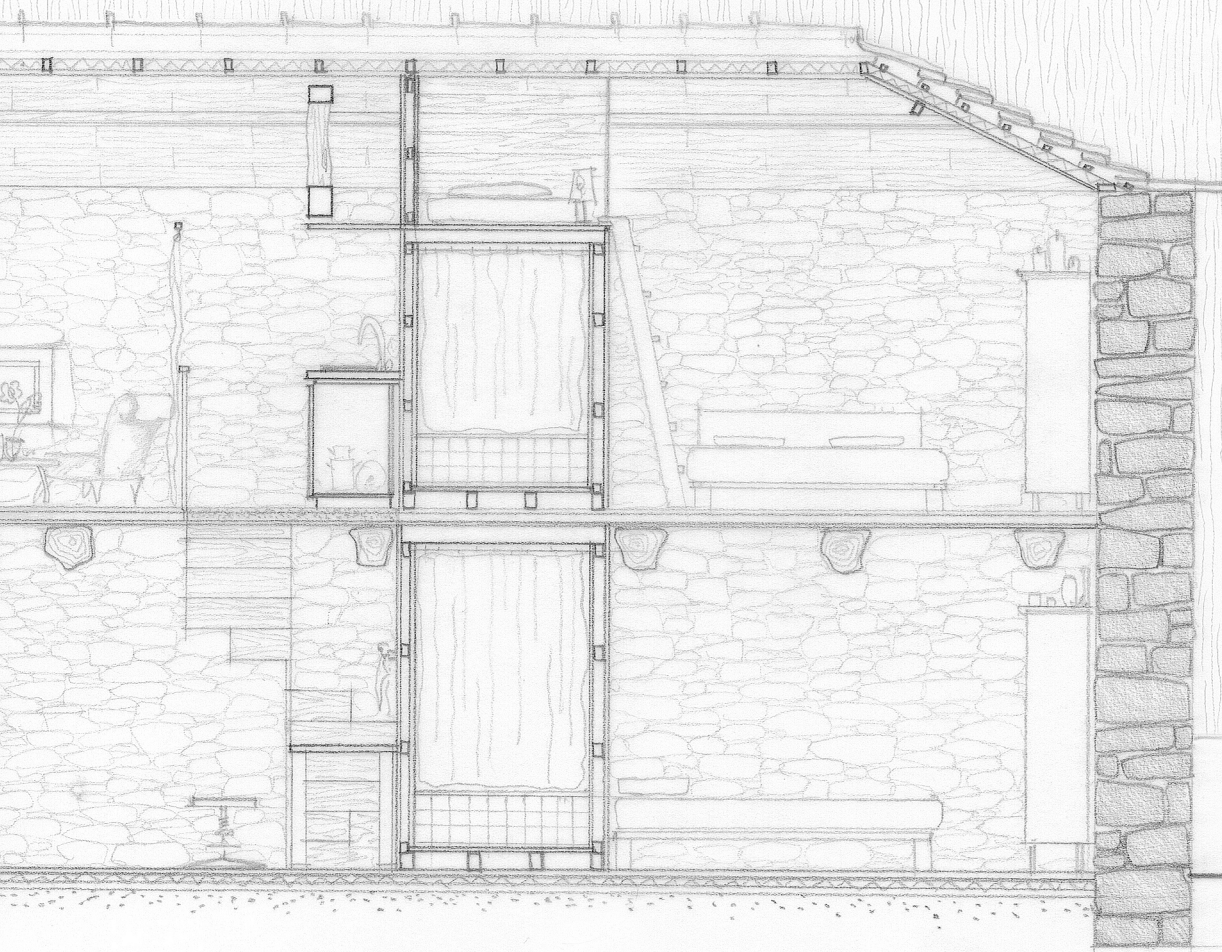


196.75









201,00

198,50



Casa Alcino Cardoso, Moledo do Minho, Portugal, 1971 - Álvaro Siza

Esta Casa situa-se em Moledo do Minho, num contexto rural bem consolidado. No terreno onde o arquitecto Siza é chamado a intervir, encontram-se dois pequenos agrupamentos de Casas. Um dedicado ao turismo rural, pede recuperação, o outro, destinado aos requerentes, pede também uma ampliação.

*“[...] Tenta recuperar-se o carácter dos edifícios e da paisagem. Os elementos existentes e os novos estabelecem um claro contraste e cruzam-se violentemente [...]” **

*“[...] O projecto prevê a conservação das características morfológicas das Casas e a dotação de condições de habitabilidade aceitáveis. Pede-se a transformação do rés-do-chão, que antigamente se destinava a cortes para os animais, em pequenas unidades habitacionais. [...] Das coberturas, recuperam-se tanto a estrutura como as telhas existentes. As paredes exteriores, mantêm a estrutura original de pedra à vista [...]” ***

Nesta obra, a ambiguidade que existe no confronto entre o antigo e o novo exerce em mim um fascínio especial.

O arquitecto, na intervenção destinada a ser a Casa para os clientes, declara que há um contraste violento entre a implantação do anexo e a Casa pré-existente, mas, o diálogo que se cria surge da solução subtil que propõe na linguagem do novo edificado. Uma caixilharia continua, cujo desenho encontra a sua referência na tradição portuguesa, define todo o novo alçado que, pelas suas dimensões, mais baixas, estabelece um jogo de escalas muito claro com o volume existente. Possibilita-se uma leitura de estratificações. O arquitecto, elegantemente, mostra-se.

No outro agrupamento não há ampliação. Não há contrastes violentos. A nova intervenção mimetiza a pré-existência. De repente, ecoam as palavras de Alexandre Alves Costa, falando sobre a intervenção de Fernando Távora em Briteiros: *“[...] nas obras de Távora em que se encara o tema de recuperação do património histórico popular, cria-se uma atmosfera ambígua entre o que outrora terá sido, o que é, e o que será, como se entre estas realidades, certamente distantes no tempo, não existisse, de facto, descontinuidades ou rupturas estruturais. É a invenção absoluta de um tempo fictício, onde o tempo se fixa num único instante, que assume o valor metafísico da eternidade.[...]” ****

Então, por exemplo, quando as necessidades nos impõem a abertura de um novo vão num alçado pré-existente, talvez no rés-do-chão, onde se abrigava o gado, pois não temos medo em estudar e compreender as antigas técnicas constructivas e re-propô-las da mesma maneira! Mas façamo-lo com muito cuidado!

Da: WeTransfer noreply@wetransfer.com
Oggetto: Conferma di download da [REDACTED] con WeTransfer
Data: 17 maggio 2015 09:55
A: [REDACTED]

[REDACTED]

ha scaricato i tuoi file

‘Olá Francisca e Ricardo,

mando-vos em anexo tudo o necessario para vocês verem como está a avançar o projecto já que não estou presente em Portugal.

Um grande abraço e até muito breve.

Luca’

File (30 MB total)

Ponto da Situação_Projecto.zip

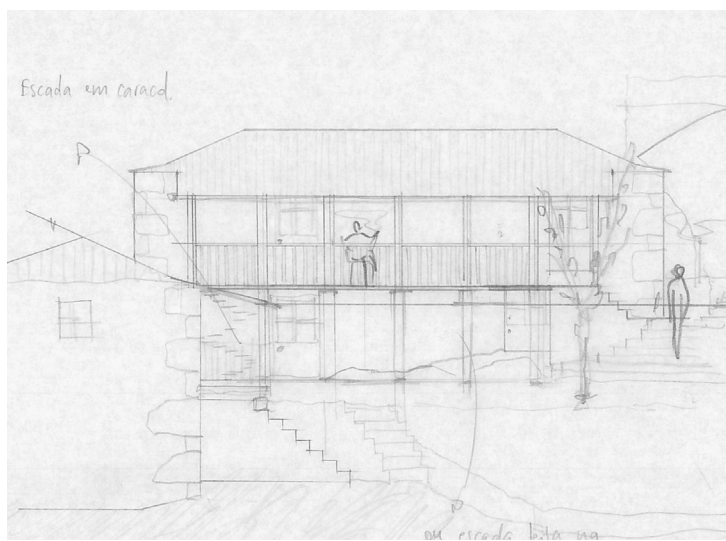
Disponibile fino a

22 Maggio 2015

Link di download

<http://we.tl/IQJXA4IIZE>

Ottieni di più da WeTransfer, passa a [Plus](#)



*“Ha advertido Le Corbusier en su libro Mensaje a los Estudiantes de Arquitectura: la arquitectura es organización. Usted es un organizador y no un estilista de tablero de dibujo.”**

A Casa do Meio fica adjacente à Casa do Ricardo e da Francisca. O primeiro pedido deles, para além de intervir nos interiores, foi que se encontrasse uma maneira para que as duas Casas se pudessem ligar. As pistas para resolver este problema já existiam há cinco anos. Foi quase um instinto dar continuidade à varanda que o Ricardo já tinha construído para a sua Casa. Só foi necessário introduzir uma escada que conectasse as diferentes cotas em que se encontram as duas entradas. A linguagem será a mesma. Prolonga-se o telhado, e com uma simples estrutura de colunas e traves de madeira sustenta-se a nova varanda. Dois metros separam a sua cota da do patio. Cria-se um novo espaço de sombra, uma protecção. Uma nova perspectiva sobre a paisagem. Mais uma vez, criam-se intersecções.

Esta Casa, como as outras, estava organizada em dois pisos. O de cima para habitação, e o rés-do-chão dedicado ao gado.

Pela topografia do terreno sob o qual assenta a Casa, foi difícil encontrar uma maneira para poder ligar os dois andares, sendo que o pavimento do rés-do-chão, composto por espaços com pé direito demasiado baixo, é definido por um rochedo anterior à construção. Decidiu-se então deixá-los separados. Em cima organizam-se um quarto e uma sala de estar, que comunica com a cozinha. O núcleo, sempre presente, funciona como dispositivo de separação e acolhe várias funções. Aqui transforma-se em quarto de banho, cozinha e despensa.

Uma leitura atenta da Casa diz-nos que uma das paredes terá sido parcialmente reconstruída com tijolo burro. Propõe-se uma demolição. Abre-se uma grande janela, virada a norte, que traz luz para a sala e abre a vista sobre um pequeno recanto da Quinta.

Das três divisões no piso térreo, conseguem aproveitar-se duas. Uma, que actualmente está vazia, transforma-se num quarto independente, com acesso privado. A outra mantém a sua função de quarto de banho exterior, de apoio à nova lavandaria, mas pede remodelação.











9

193,50



⊕ 193,75





a

195.80

193.75

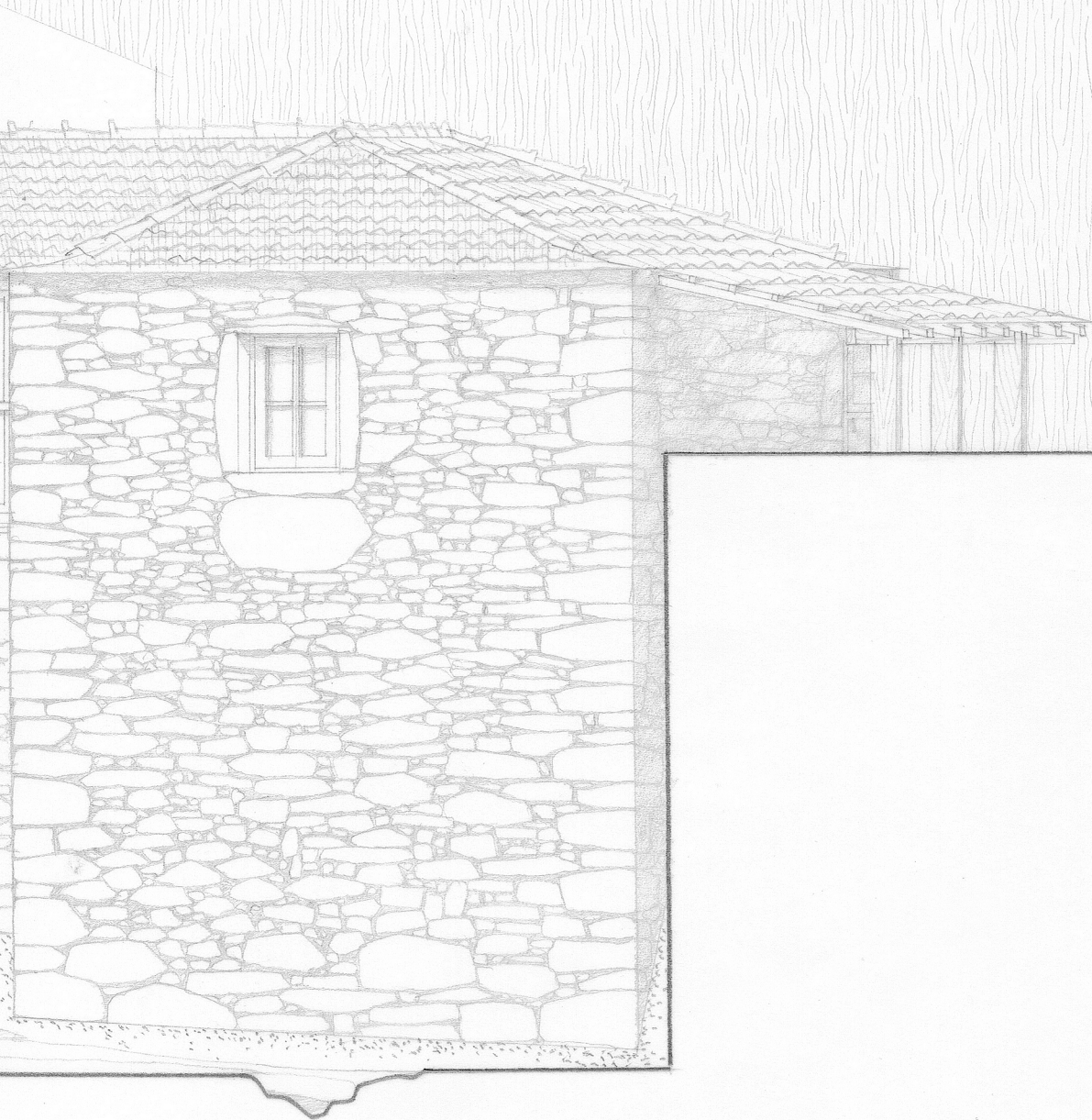
195.00

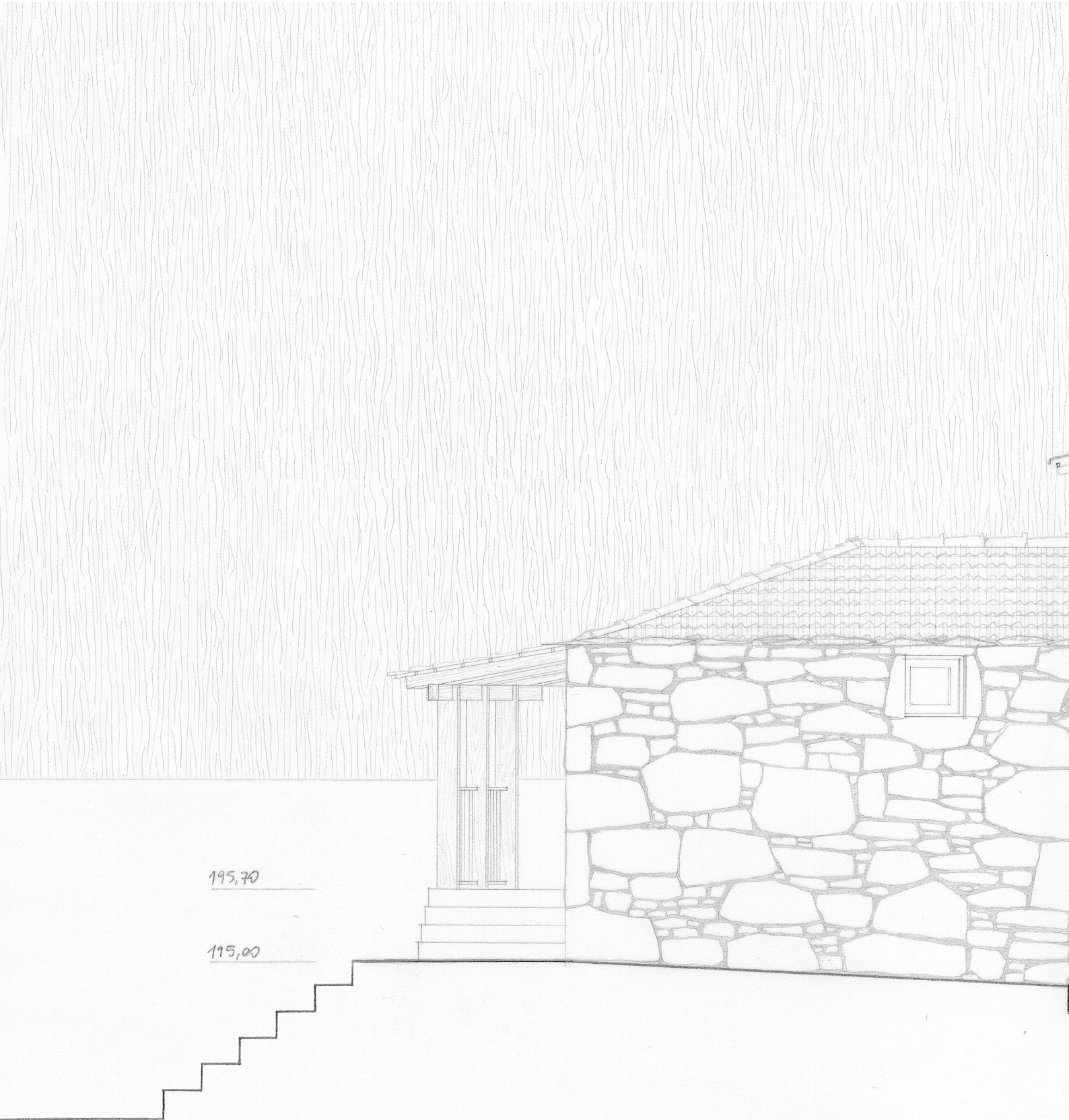
b

1

Escala 1:50

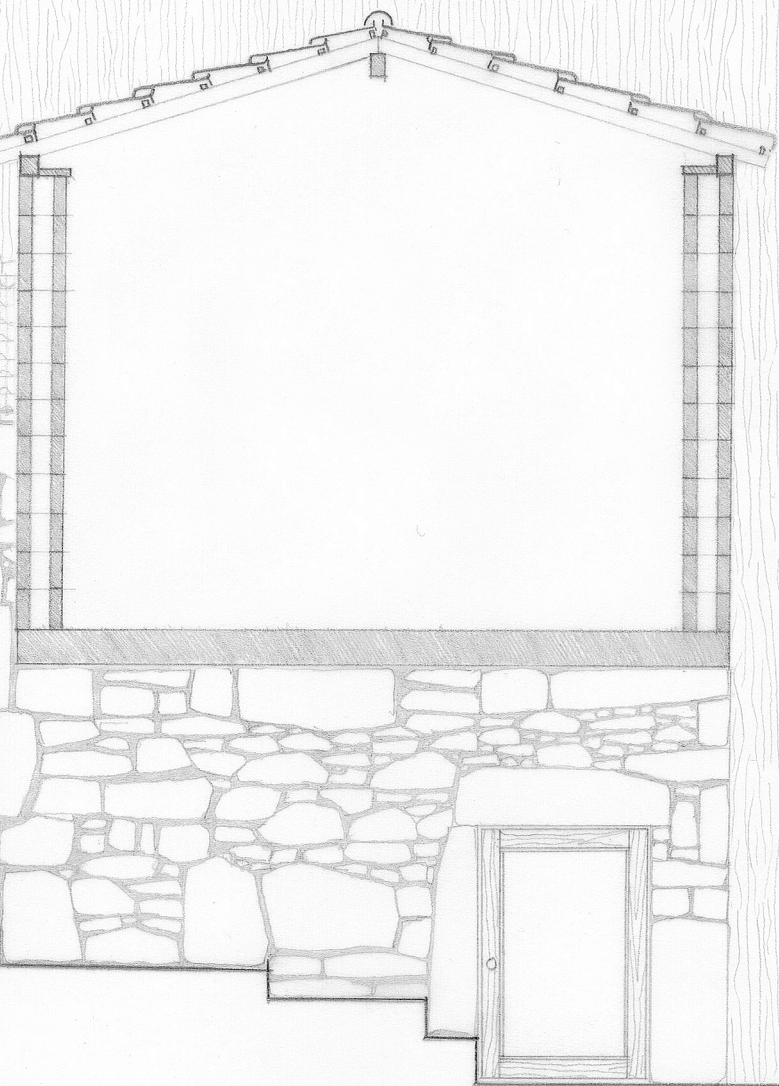




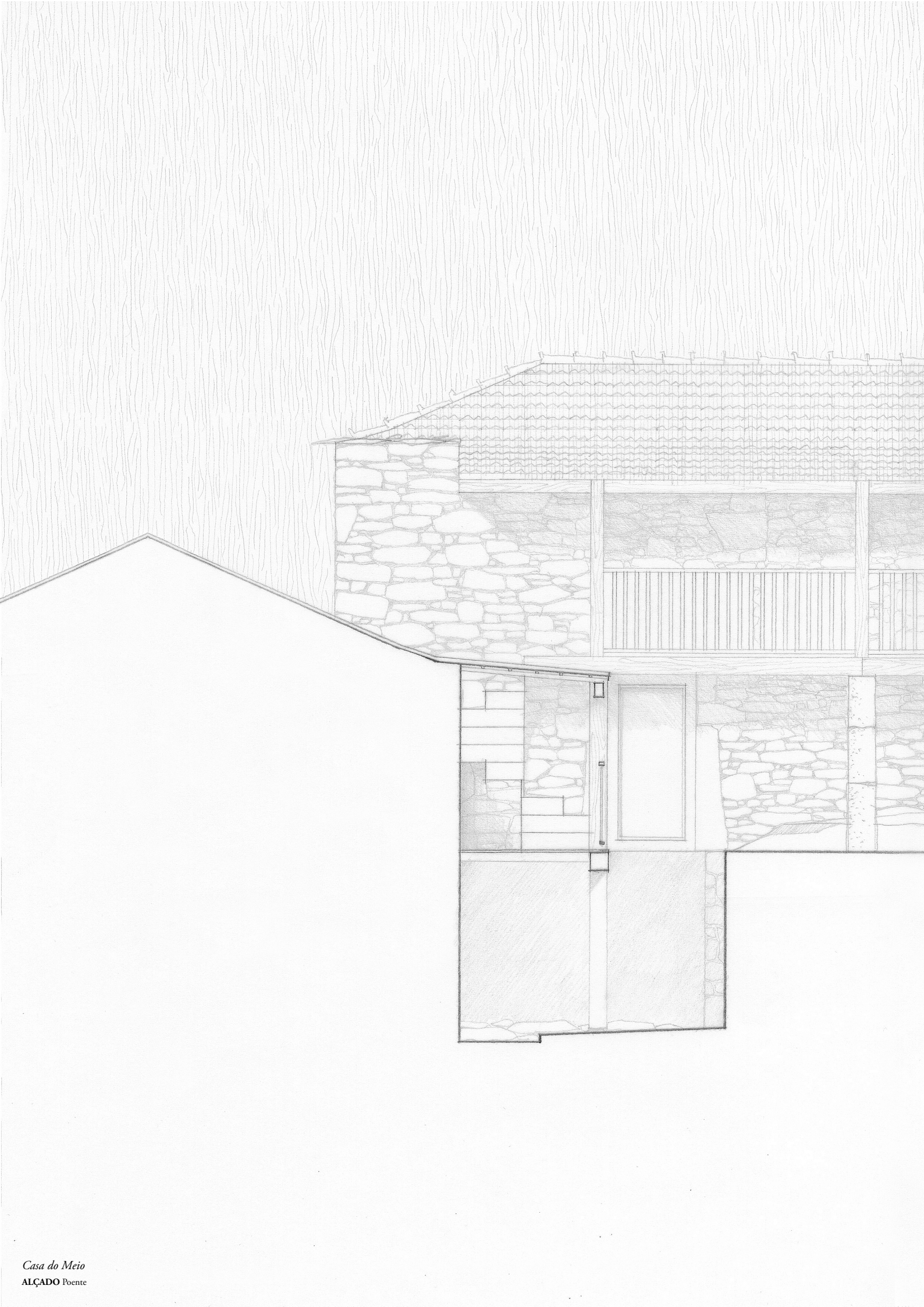


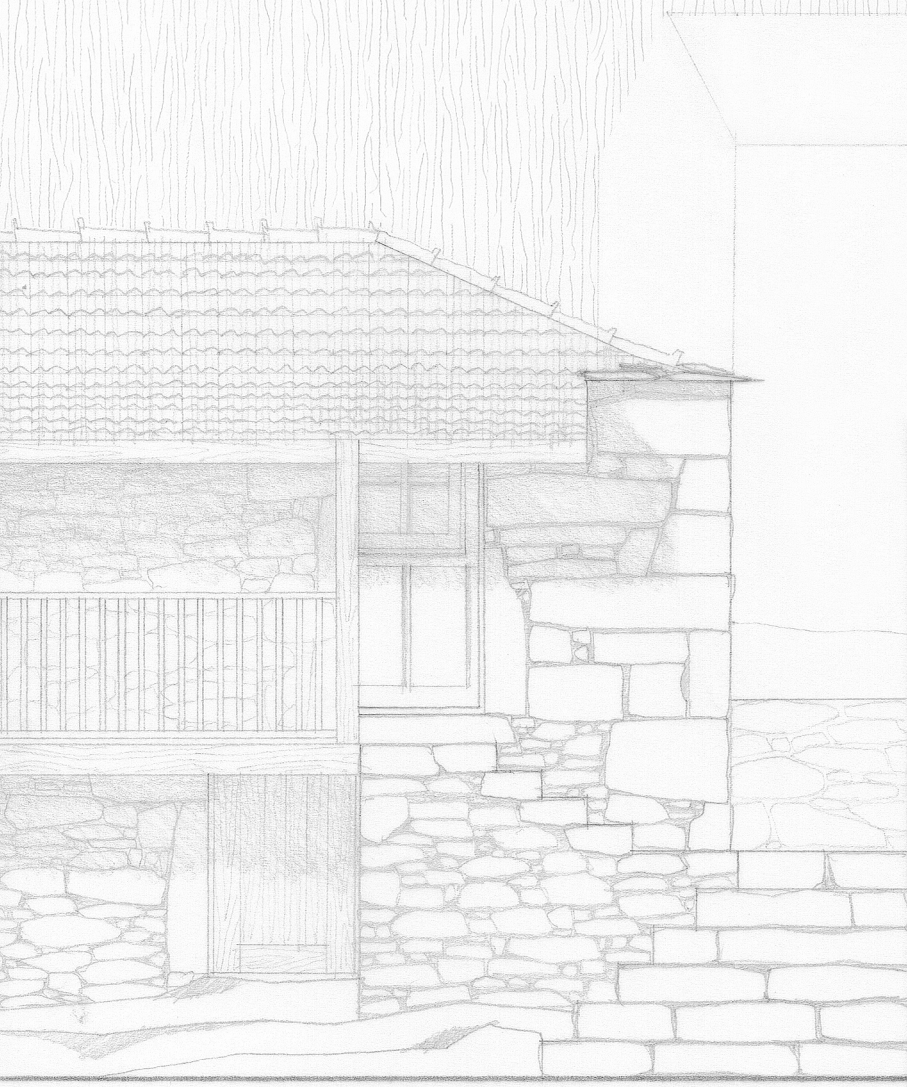
195,70

195,00



193.75



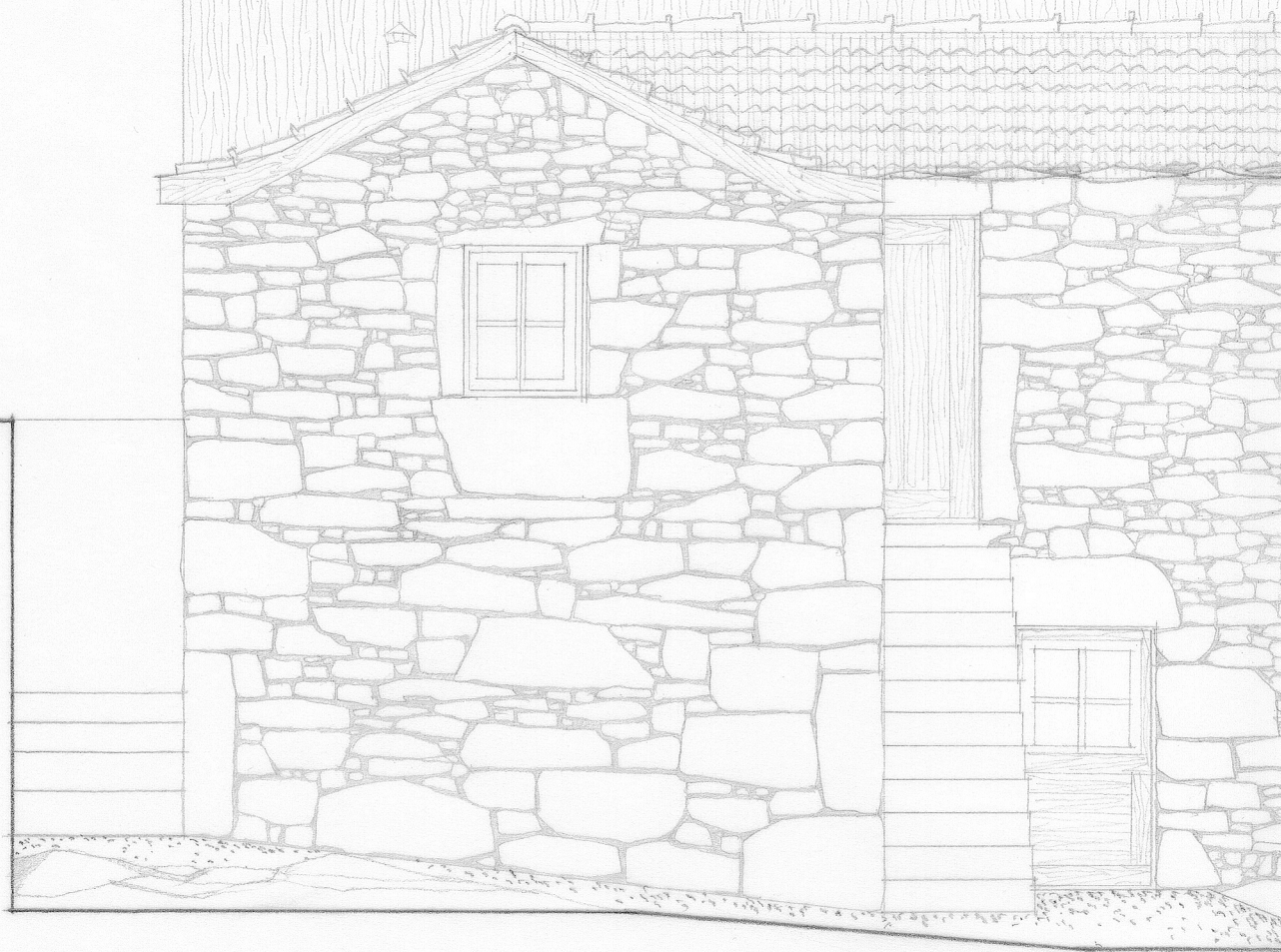


195.70

195.00

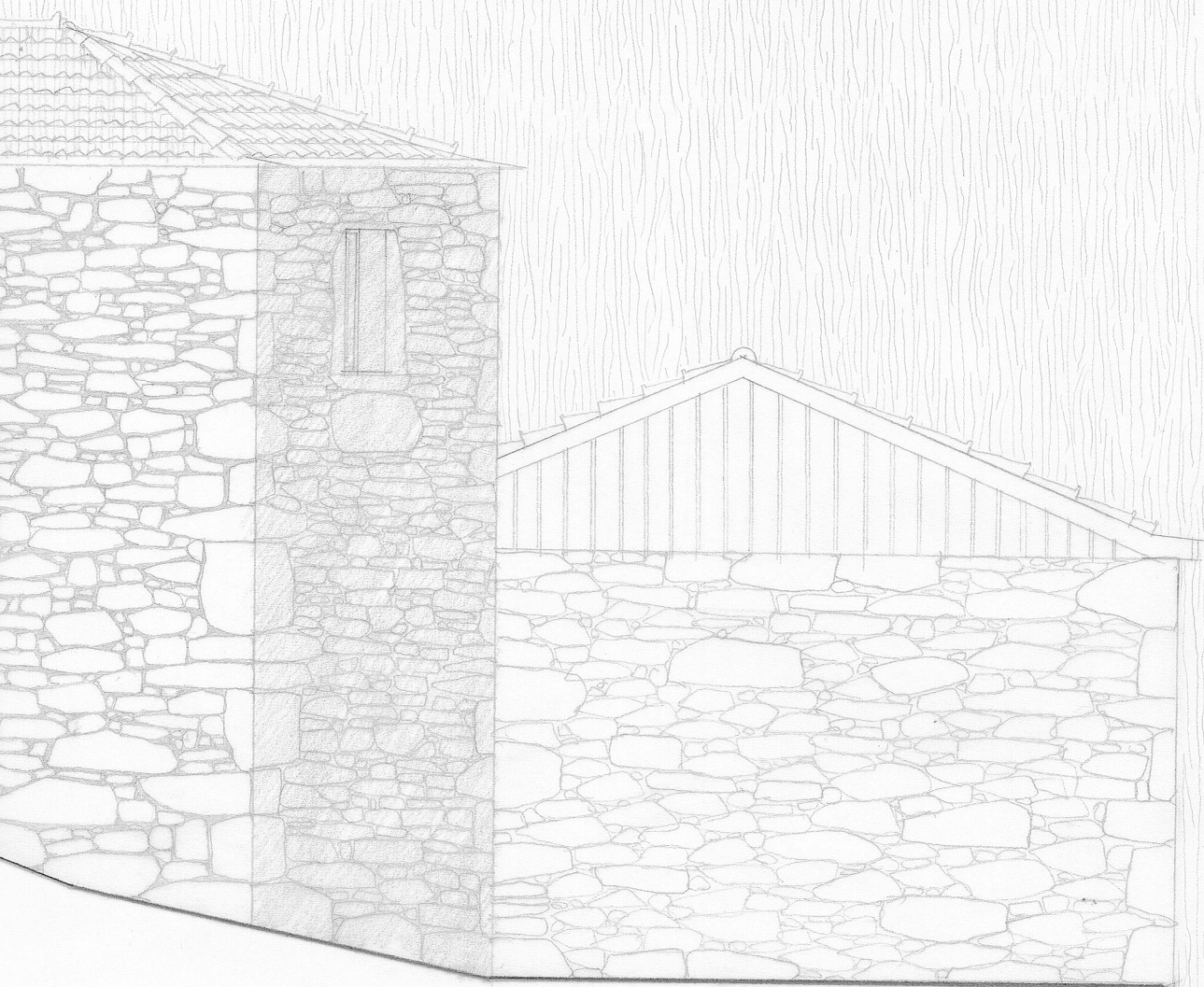
193.50

191.30





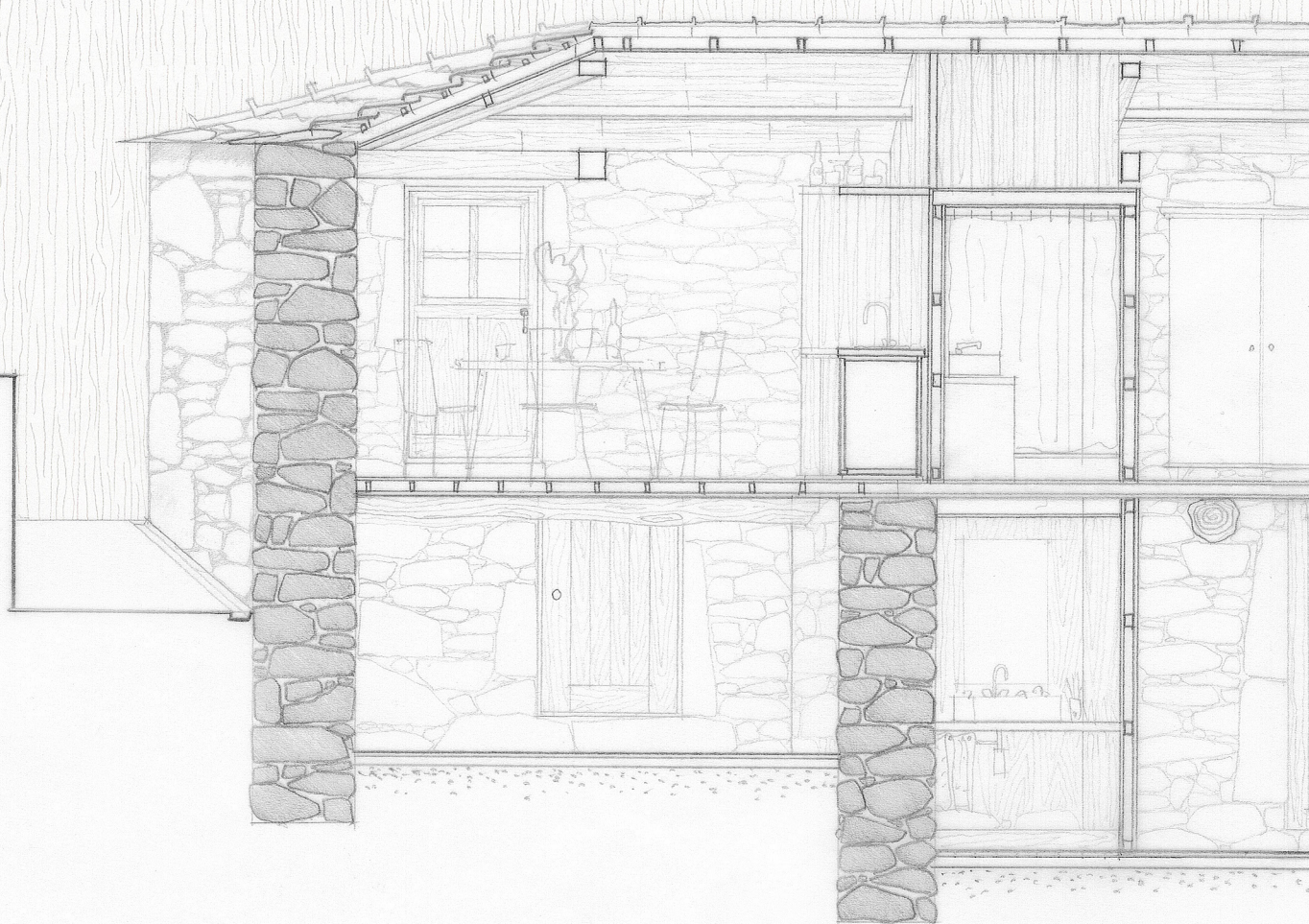


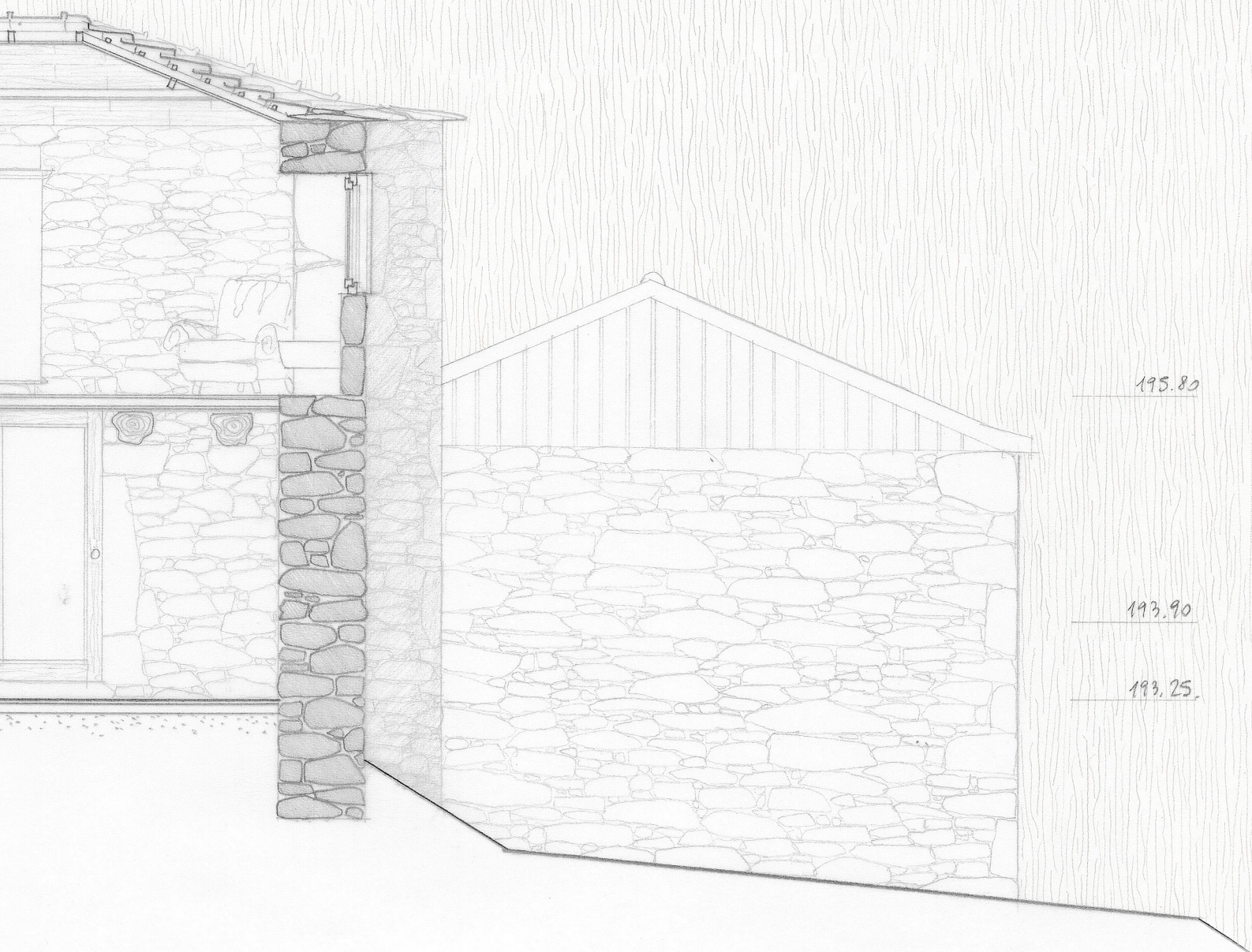



195.80

193.50

193.25





Da: Luca Bosco [REDACTED] 
Oggetto: Fragmentos Desenhos Definitivos
Data: 29 gennaio 2016 16:34
A: RFBlanc [REDACTED]

Olá Francisca e Ricardo,

que tal por aí? Aqui avança-se bem com o trabalho; estou a conseguir fazer 3 desenhos por dia, as vezes 2...depende do tamanho deles, por isso acho que está tudo bem. Ontem pensei fazer umas digitalizações para ter a certeza que ficassem com qualidade; tinha medo que depois não se conseguisse ver nada visto o traço bastante leve que estou a ter. Mas pelos vistos acho que está a ficar bem.

Pronto, mando-vos alguns fragmentos dos desenhos... "fragmentos" porque estando num layout A3 e, tendo eu um scanner A4, tive que me adaptar a essas condições. Depois para digitalizar tudo tenho um amigo que me empresta um scanner A3 por isso, não tenho problema nenhum (espero eu).

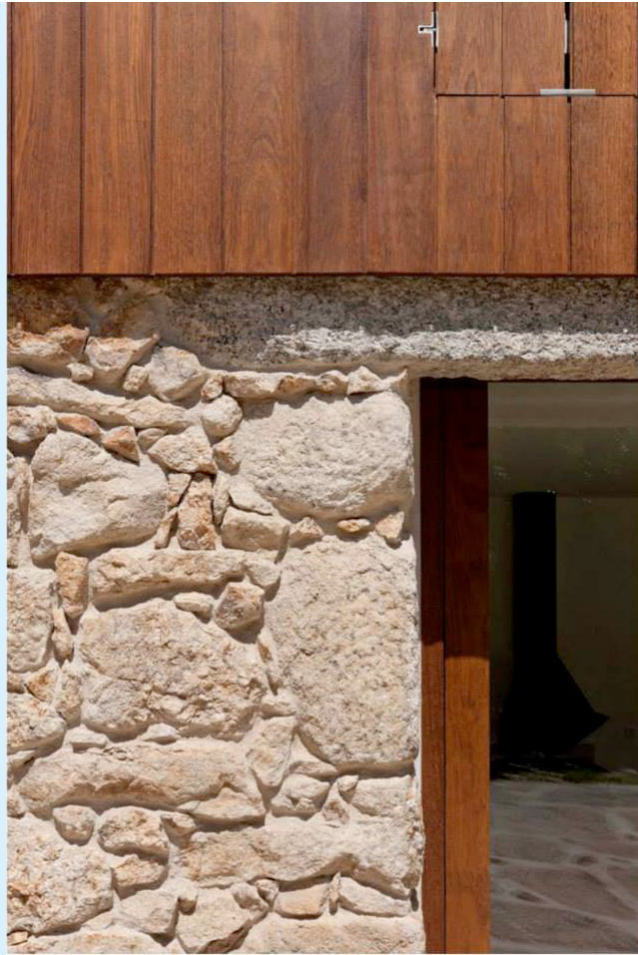
Que tal acham os desenhos? Gostam? Depois disso vou afinar umas coisas no photoshop, para inserir árvores e dar mais expressão à ambientação à volta.

Bem, continuo desenhando e entretanto mando-vos um abraço, vamos falando! Tudo de bom para vocês!

Ah! Quase que me ia esquecer! Mando-vos o link do site que estamos a montar eu e o Fabio... ainda não está acabado porque faltam dois pontos importantes, mas da para ver muito para já!

O link é o seguinte: <http://www.dialetticarch.com/> (Depois digam o que acham disso também!)

Luca



Casa Laura Fonseca, Macieira da Lixa, Felgueiras, 2001-2014 - José Gigante

Esta Casa surge de uma reconversão de um antigo sequeiro que pertence a Laura Fonseca, dona de obra. Pede-se uma nova habitação à qual se junta, a seguir, um anexo.

A intervenção do arquitecto é aqui muito clara. Desmonta-se a pré-existência, retirando tudo o que no tempo se foi degradando, tentando conservar o que ainda é possível re-aproveitar para a nova obra.

Mantem-se a antiga estrutura de pedra, os muros perimetrais e algumas colunas, sempre de pedra. Com o cuidado de gravar a memória do que outrora existiu, a linguagem do novo distingue-se pela escolha do novo material constructivo. Constróem-se novas paredes de madeira, transforma-se o interior da nova Casa. Estabelece-se um diálogo de texturas.

É curioso saber que, no conjunto da Quinta dos Vinhais, a Ruína coincide com a antiga Casa senhorial. O Ricardo, durante as primeiras conversas que tivemos, passeando pelos campos, contou-me que aqui, antigamente, não havia um senhor que geria a actividade rural. Havia um dono dos terrenos, tio-avô do Ricardo, mas todos trabalhavam a terra, em comunidade.

Este senhor, um dia, decidiu mudar para o Brasil, onde fez fortuna, e, regressando a Rebordelo decidiu enriquecer a sua Casa. O resultado veio da união de uma serie de casas pré-existentes (três, provavelmente), às quais acrescentou uma capela e alguns pisos. Fez umas molduras às portas e às janelas e rebocou tudo de branco. Tinha também um pátio no meio. *“Uma casa totalmente irracional, mas muito interessante... cada quarto era uma surpresa. Não havia duas salas à mesma cota”* diz o Ricardo, lembrando os dias de férias que aqui passava na sua infância, visitando a família.

Alguns anos depois, os vícios fizeram com que perdesse a maior parte do seu dinheiro, sendo obrigado a abandonar a Casa, que no tempo, pela falta de manutenção, se foi degradando. Os camponeses foram também aproveitando o material desta casa para os arranjos das restantes que a rodeavam, contribuindo para o seu lento desaparecimento.

Actualmente, desta Casa restam apenas os restos das paredes perimetrais e alguns muros que permitem perceber a antiga implantação. O Ricardo e a Francisca pediram que a Ruína se transformasse num lugar comunitário, implantado no coração da Quinta, no sítio mais simbólico.

Querem uma cozinha, uma sala, um quarto de banho e uma oficina onde possam pintar ou organizar pequenos “workshops” de trabalho artesanal.

Sempre passeando pela Quinta, o Ricardo fez-me notar que a organização da vegetação segue um princípio muito claro. A parte central, onde se situam os campos agrícolas, está protegida por uma faixa florestal, selvagem, que define o perímetro da propriedade, e está caracterizada por espécies arbóreas autóctones, como carvalhos, castanheiros e nogueiras que ambos decidiram conservar. O desejo deles seria, portanto, o de dedicar um espaço na Ruína para um pequeno “hortus conclusus”, um jardim mais íntimo que conclui esta hierarquia entre os elementos naturais. A intervenção deixa então lugar também a um desenho de exteriores, que se limita à reconstituição das diferentes cotas do terreno, criando uma

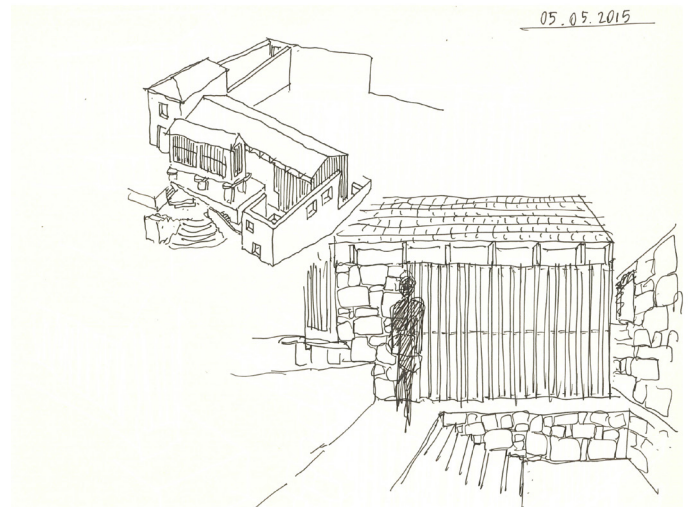
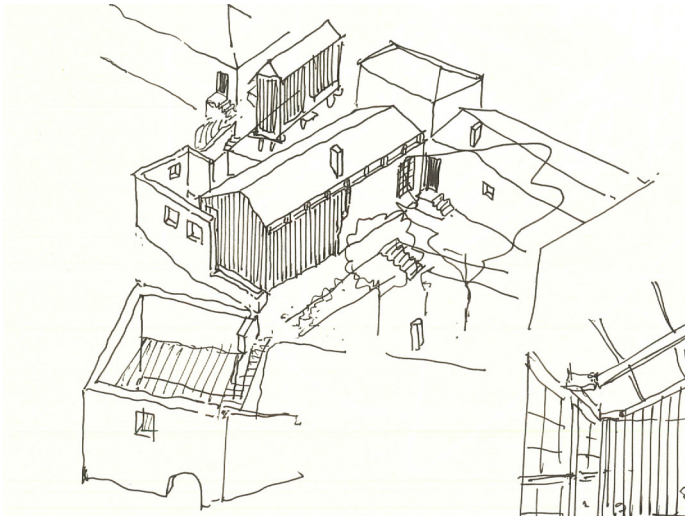
continuidade entre espaços interiores e exteriores.

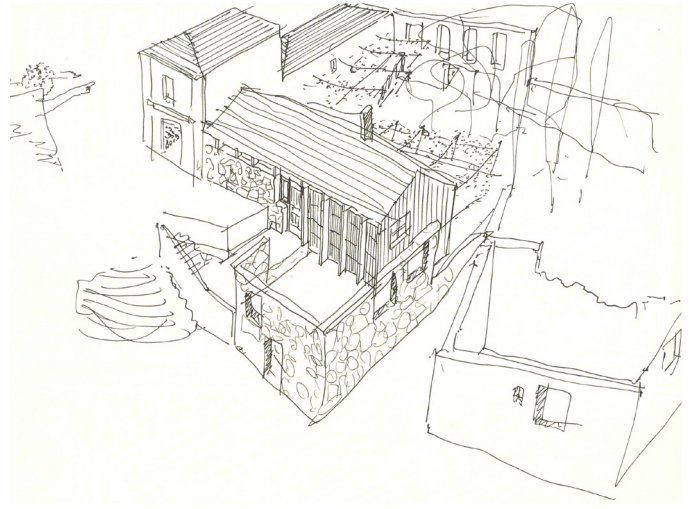
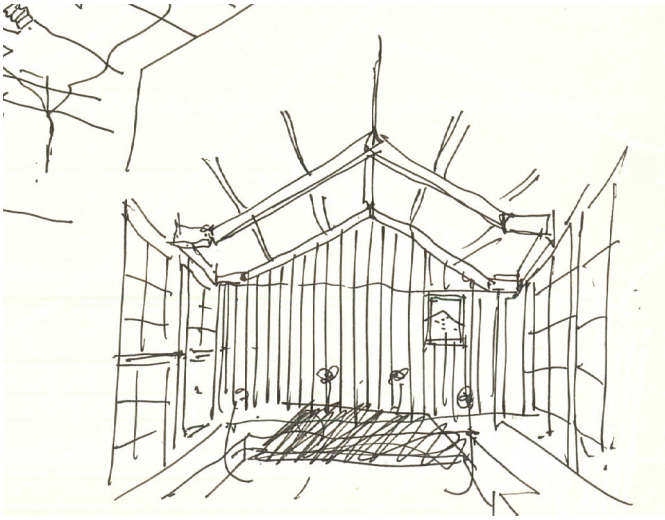
Interpretando a antiga organização da Casa senhorial decidiu-se então implantar a cozinha no seu antigo lugar, dada a presença de um forno de pedra encontrado num canto da Ruína. Em continuidade organizou-se a sala de estar, que ocupa agora a antiga posição da copa. A partir da altura dos muros pré-existentes foi possível estabelecer a altura dos novos ambientes, criando assim variações nos pés-direitos que definem uma hierarquia entre os espaços. Aproveitando a presença, no terreno, de uma antiga coluna de pedra, possivelmente visigótica, segundo o Ricardo, reconstroi-se uma varanda que para além de estar em continuidade com o jardim, permite ligar a cota da cozinha com uma grande sala ao ar livre. Um novo espaço de convívio que se projecta para o vale do rio, dominando a Quinta.

*“Los lugares donde el hombre encuentra la tierra son los auténticos salones corbusierianos, pero son por lo general salones sin techo. [...] La tierra, como sala, como el mejor salón. La obra no hace sólo habitaciones sino que tendría como propósito una meta más difícil: hacer del mundo una habitación.” **

No lugar da capela, onde fica só um traço da sua existência, decide-se colocar um tanque de água.

*“Se sabe del agua que vive ramificaciones infinitas y que bajo múltiples apariencias su presencia siempre aparece acompañada de otras naturalezas hechas con ella. ¿Qué no es agua? El agua reúne en torno a sí las vidas con agua. Perdura en el recuerdo esa imagen de comunión alrededor de ella y que se ofrece en la fuente, en el pozo, en el abrevadero, en el lavadero del río. Porque ese ha sido su sentido: ir dándose, ofrecerse a ser consumida y a ser perennemente transformada en otras figuras: en seres vivos, en formas semovientes, erosionadas, abrasadas, incluso construidas desde el suceso infausto de una catástrofe. Eso hace que al mirarla no pueda evitarse ver algo distinto: aquí hay una orilla con barro o con cantos redondos; allí, un cielo con nubes cambiadas por lo húmedo. El agua, al mismo tiempo que es útil para alimentar, limpiar y refrescar es apreciada inconscientemente por esa capacidad regenerante y geogénica.” ***







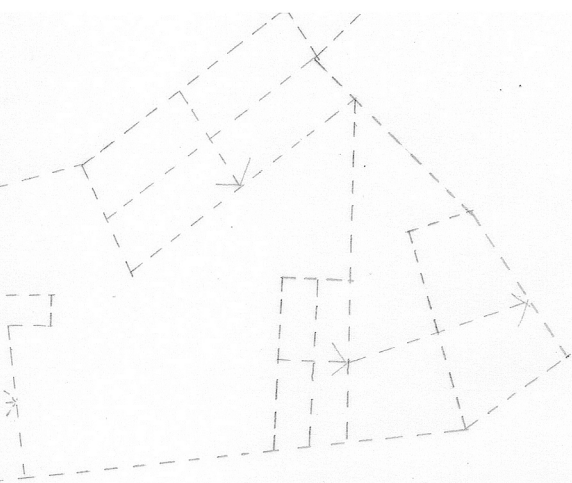
193,50

192,50

193,00

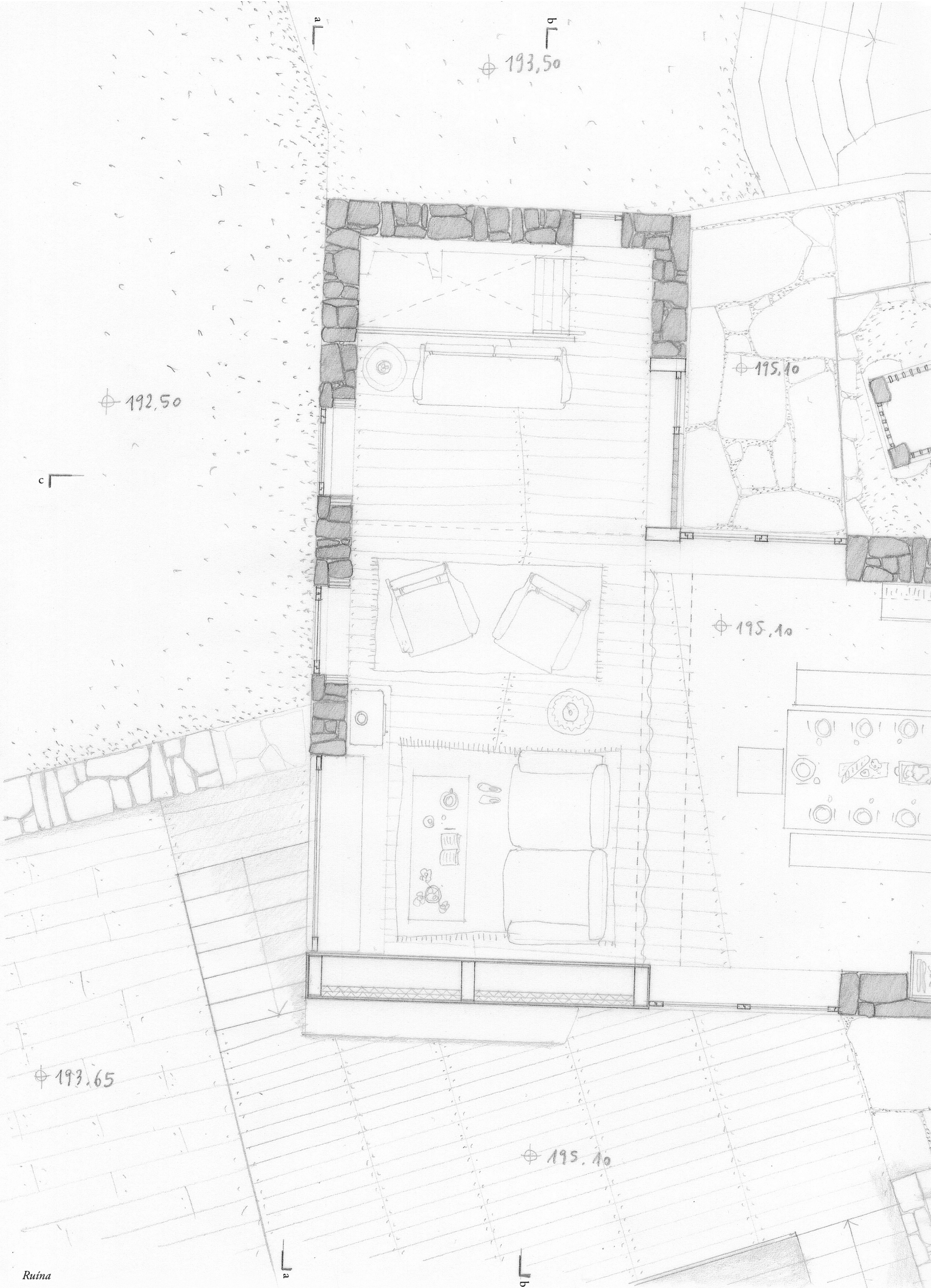
193,65

193,45



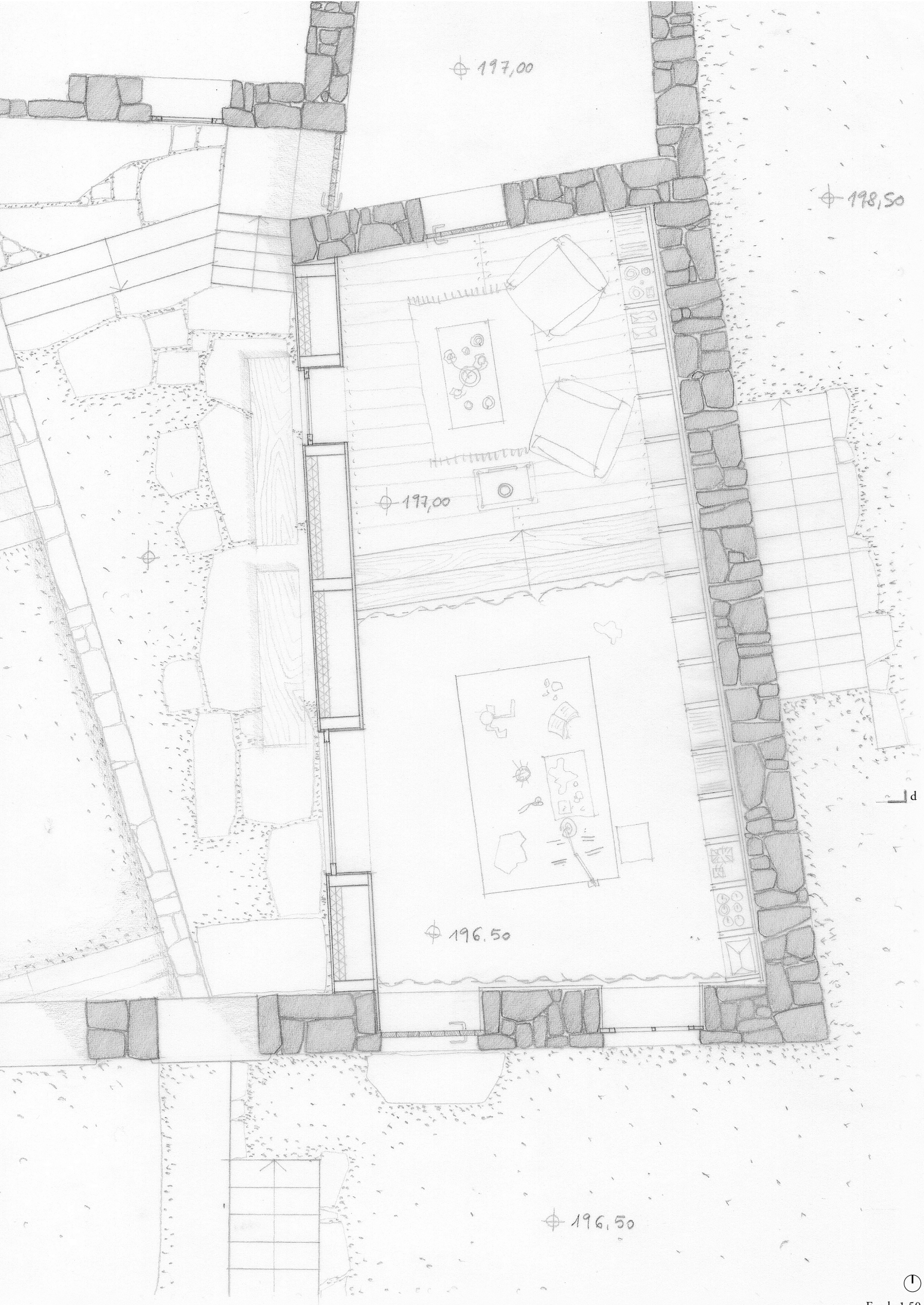
└^c

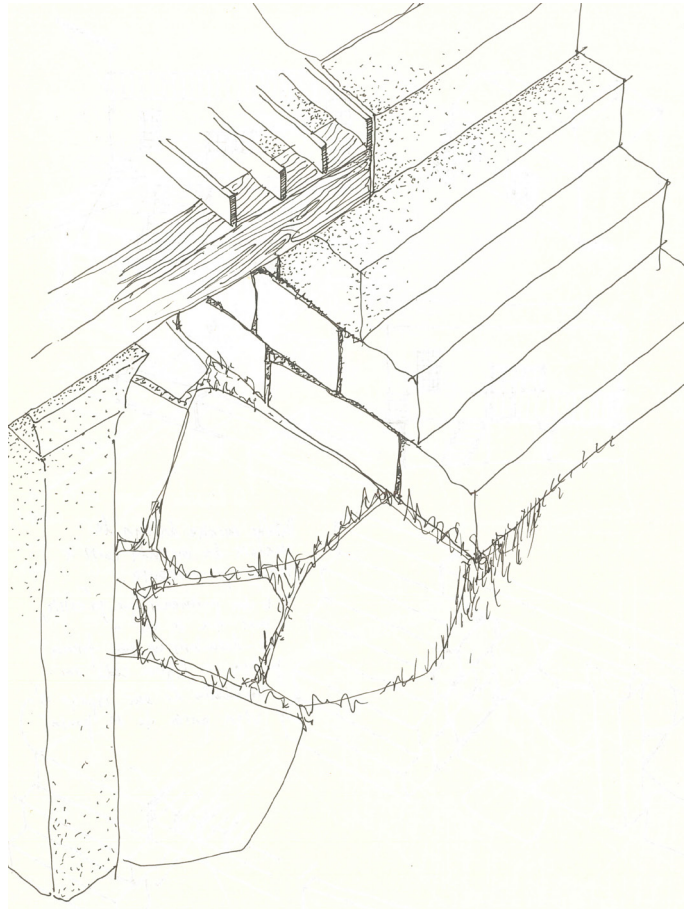








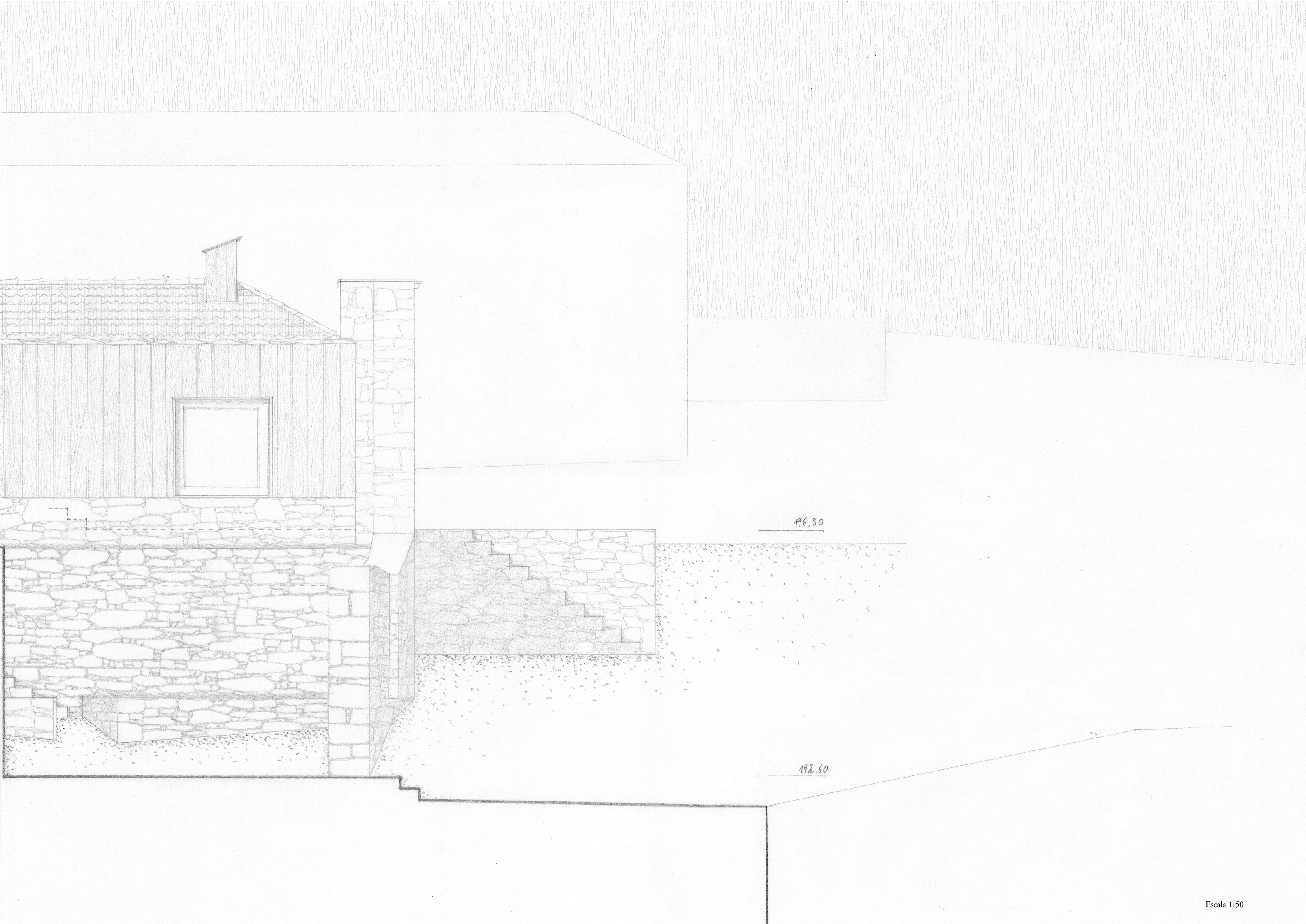






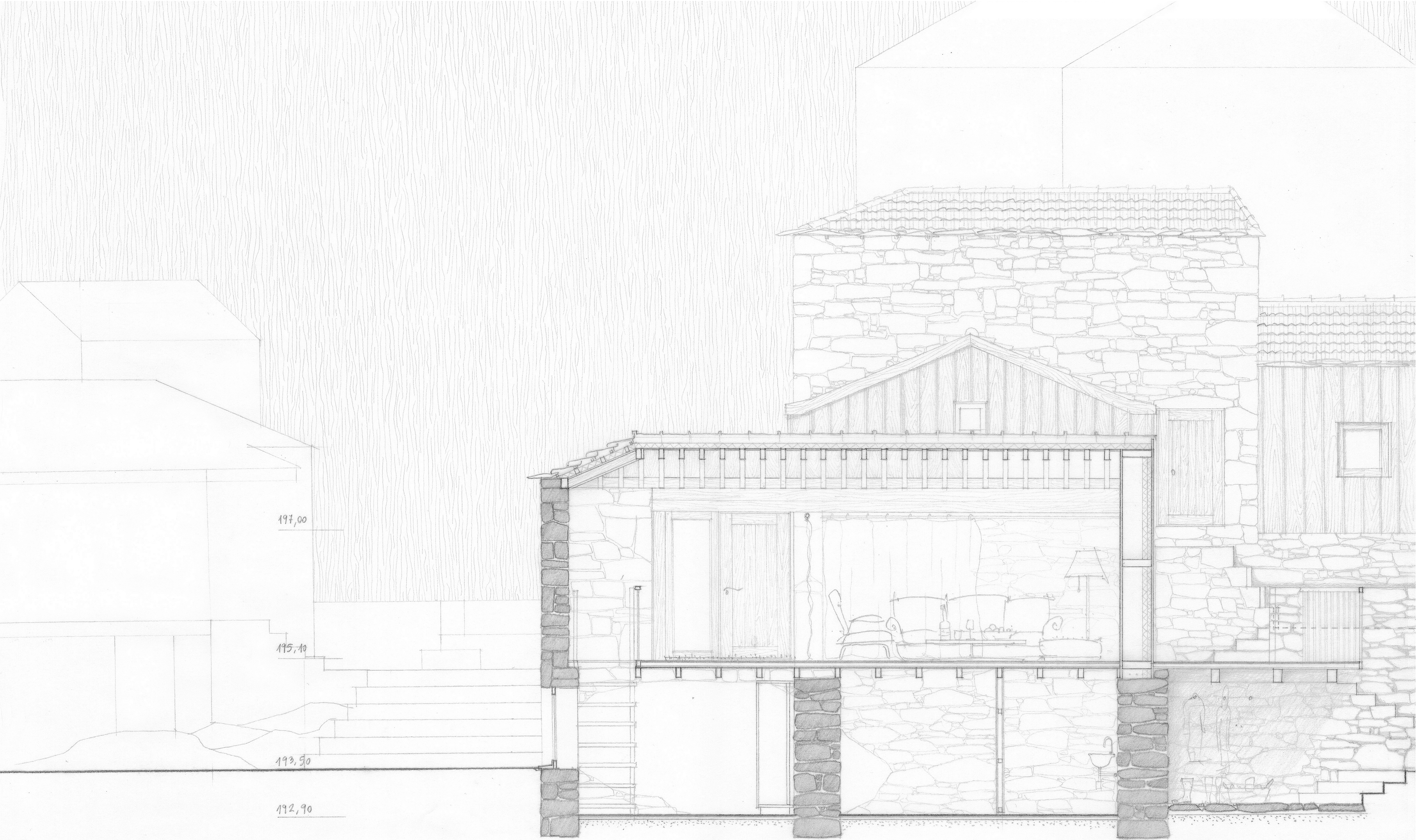


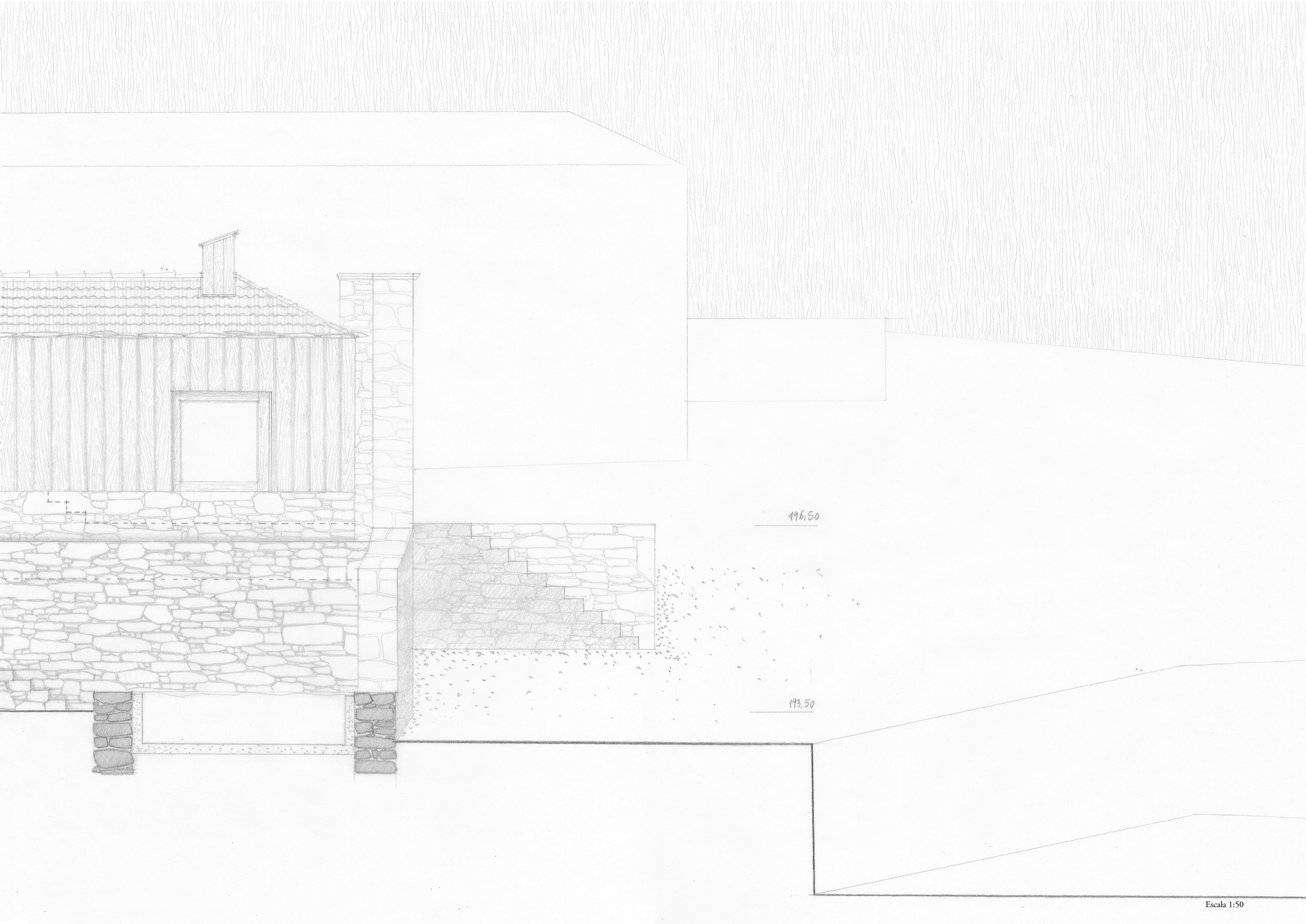
193.65







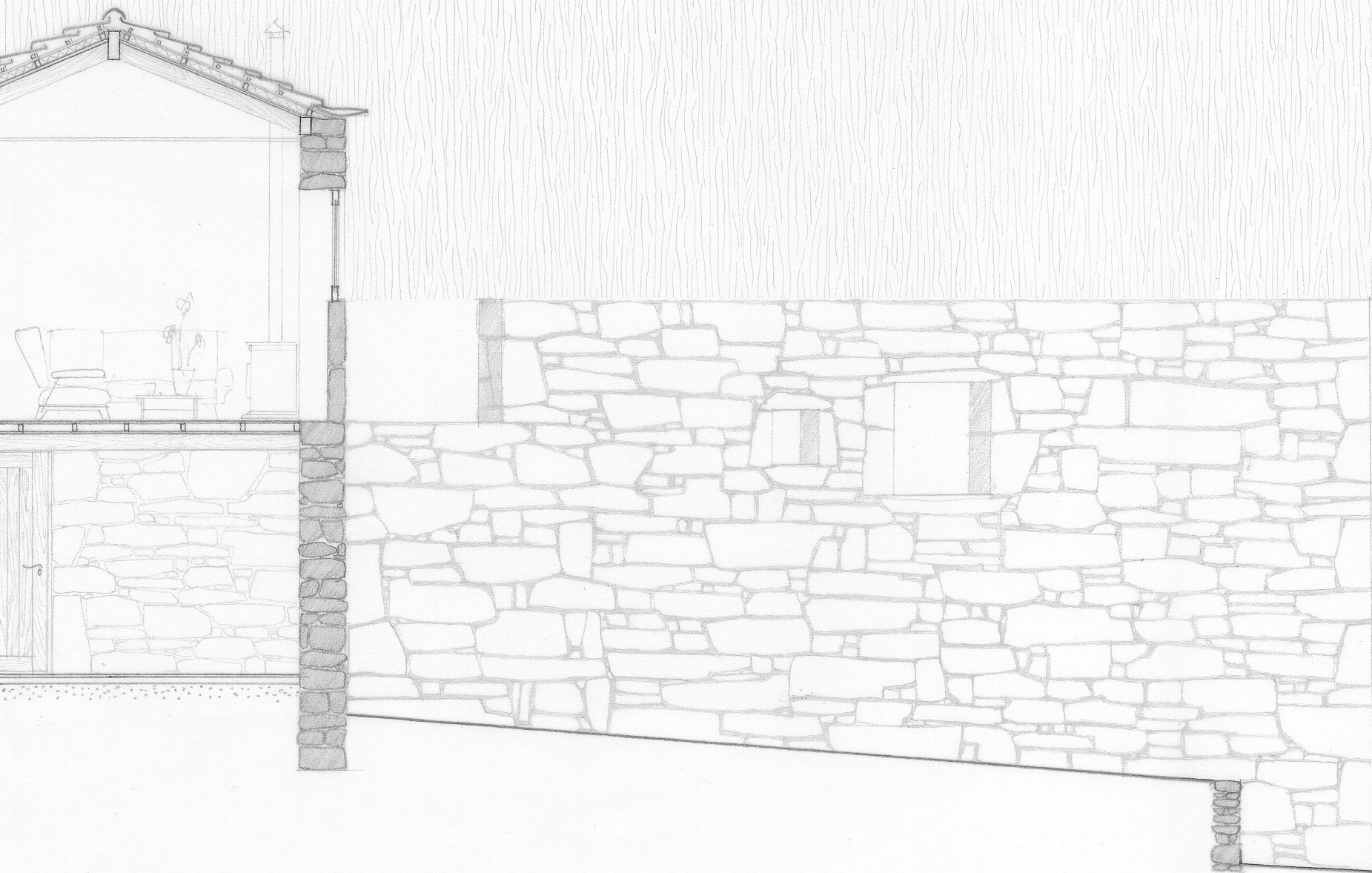










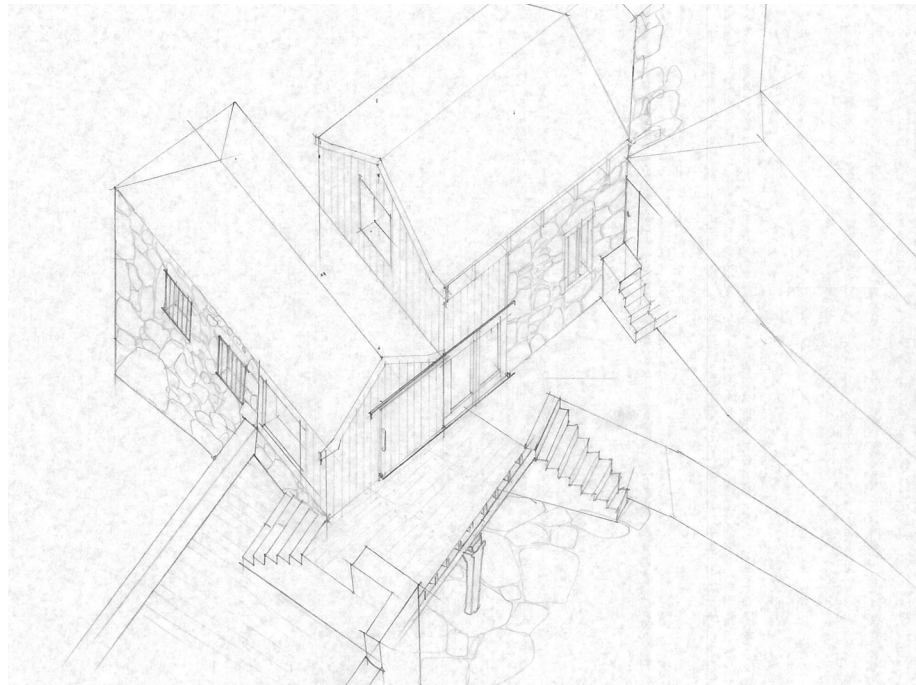


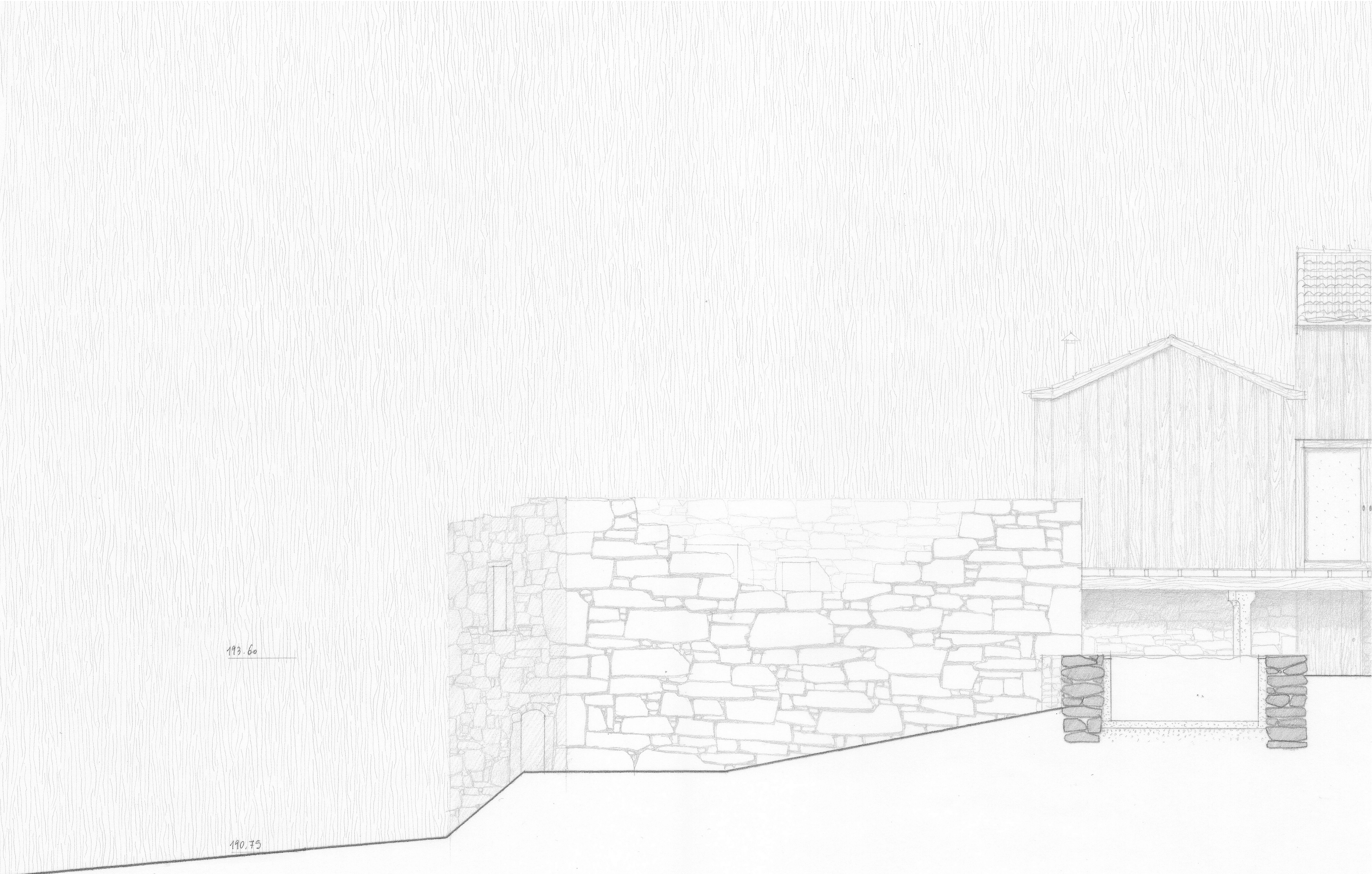
195.10

193.60

192.90







193.60

190.75



197,00

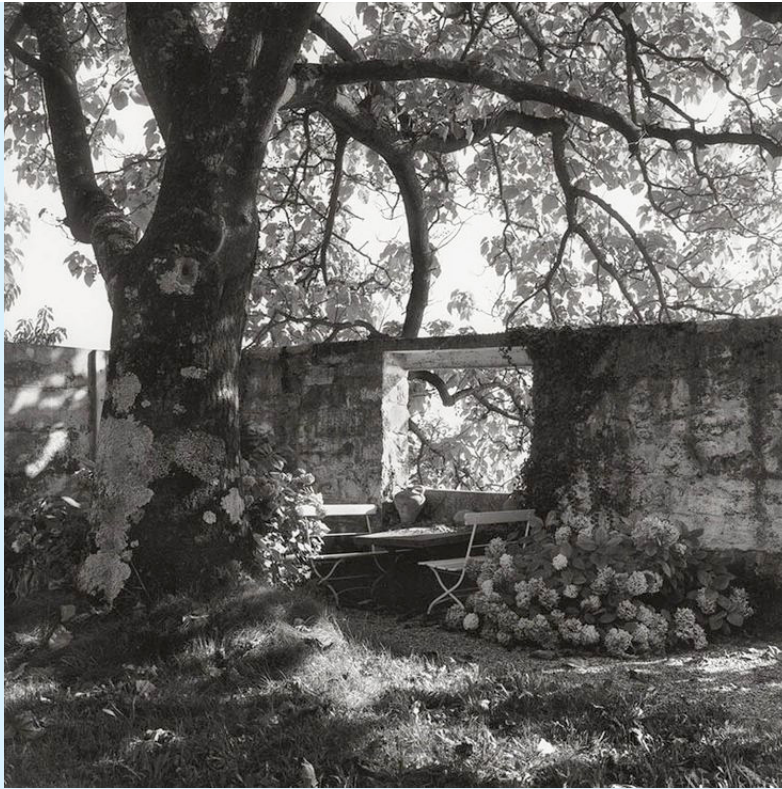
196,75

196,50

195,60

195,40

193,50



Maison “Le Lac”, Corseaux, Suíça, 1923-1924 - Le Corbusier

Le Corbusier construiu a “Maison Le Lac” para a sua mãe entre 1923 e 1924, na margem do Lago Léman, em Corseaux, Suíça.

*“L – C 1954 : 1922, 1923, je prends à plusieurs reprises le rapide Paris-Milan ou l’Orient-Express (Paris-Ankara). J’emporte un plan de maison dans ma poche. Le plan avant le terrain ? Le plan d’une maison pour lui trouver un terrain ? Oui !” **

A Casa nasce de um paradoxo arquitectónico bastante interessante. Foi desenhada pelo arquitecto antes de conhecer o terreno onde seria mais tarde implantada, mas ao mesmo tempo estabelece-se uma relação muito intensa com o lugar.

Insera-se no terreno, encostada a um dos limites curtos do rectângulo que define a propriedade e um muro continuo a delimita, variando a sua altura e estabelecendo relações distintas com a paisagem. Le Corbusier desenvolve aqui um exercício muito subtil. Faz desaparecer o muro quando a Casa pede uma relação directa com o Lago, mas de repente aumenta a sua altura escondendo a paisagem e construindo um recanto mais íntimo, controlado. A paisagem suspende-se numa grande abertura obtida no muro de pedra. Desenha-se um espaço ao ar livre, onde a cobertura se alterna entre o céu e as folhas da paulónia centenária que domina o jardim. Um gesto muito simples, mas sábio, faz com que a mesa que se encosta à janela, seja mais estreita do que o vão, permitindo assim a quem se senta uma vista próspera sobre o Lago. O desejo de contemplação define a geometria.

Fica então a vontade de tornar o salão aberto da Ruína, em Rebordelo, em algo que pareça a o que acontece aqui em Corseaux. Imagino um pequeno almoço, à janela, contemplando o vale do Tâmega... os sinos da igreja a tocar...

Da: Francisca Beirão [REDACTED]
Oggetto: RE: Fragmentos Desenhos Definitivos
Data: 29 gennaio 2016 23:26
A: Bosco Luca [REDACTED]

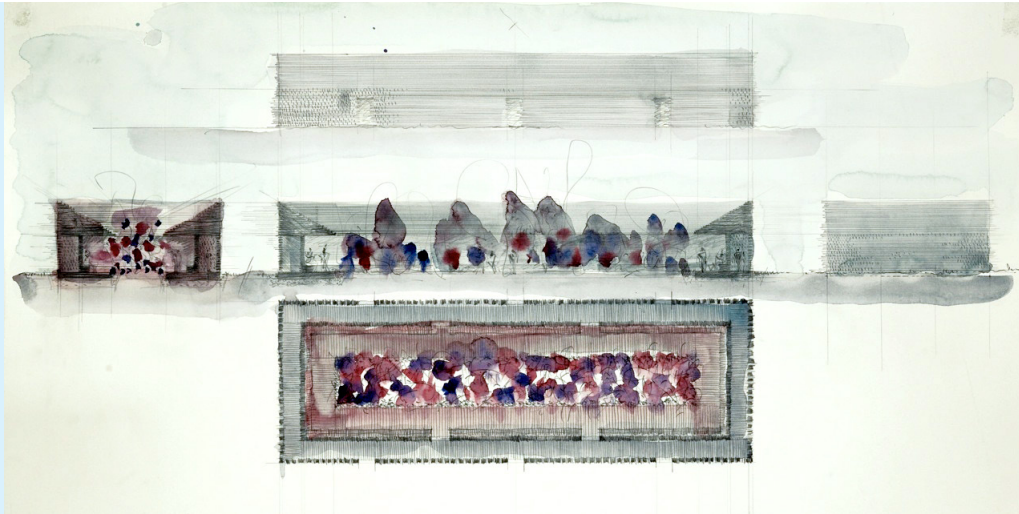
Olá Luca,

Ficamos contentes com o teu entusiasmo e capacidade de trabalho. Vimos todos os desenhos pormenorizadamente e gostámos imenso. O teu traço é muito bom para não falar na concepção.

Quanto ao site, estão os dois de parabéns. Dá mesmo vontade de ver o que vem a seguir... Ficamos à espera da continuação.

Um beijinho e abraço,
Francisca e Ricardo

Antes de imprimir este e-mail pense bem se tem mesmo de o fazer. Há cada vez menos árvores.



Serpentine Pavillion, Londres, Réino Unido, 2011 - Peter Zumthor

O “Serpentine Pavillion” é uma instalação que cada ano, ocorre em Londres, nos “Kensington Gardens”. Nesta ocasião, seleciona-se um arquitecto para que proponha um tema, que se concretizará na construção de um pavilhão temporário.

Em 2011, Peter Zumthor decidiu trazer o tema do “hortus conclusus”, um jardim dentro de um jardim.

*“I love fenced-in gardens, walled garden, inner courtyards, garden courtyards. I love their intimacy, the sense of protection and sanctuary within a larger whole.” **

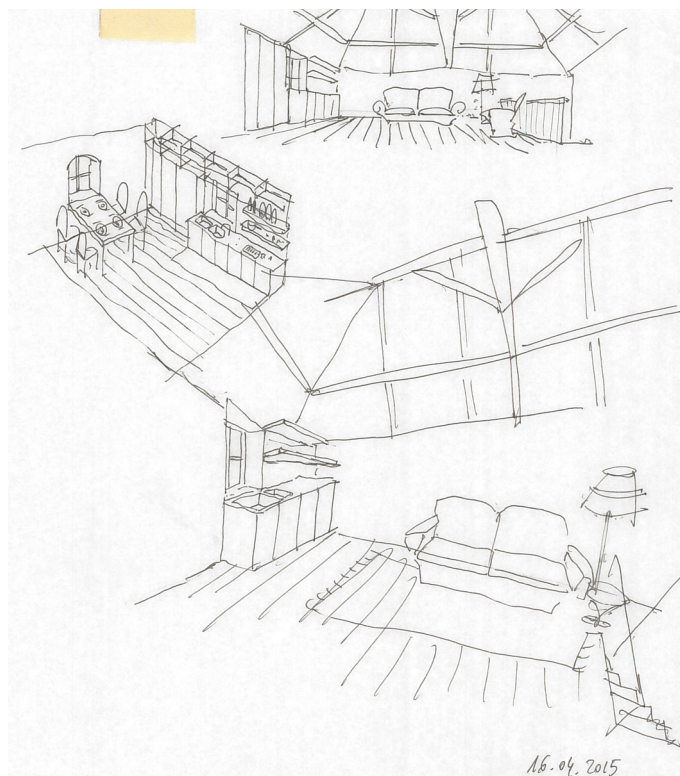
O edifício que propõe está definido por um volume preto, quadrangular, que desenha o perímetro do jardim. Trata-se de um grande corredor que dá acesso ao pátio. No fundo, Zumthor constrói aqui a entrada para o jardim, distribuindo uma sequência de portas ao longo dos alçados do edifício. Define a estrutura, para convidar depois Piet Oudolf, paisagista, que definirá o jardim.

Palavras de Zumthor sobre o papel de Oudolf: *“We gave him the frame, he gave it its heart.” ***

A cor preta do edifício contrasta com a intensidade das cores das flores e das plantas, tornando o jardim um lugar de contemplação onde uma natureza artificial joga o papel principal.

*“a design that aims to help its audience to take the time to relax, to observe and then, perhaps, start to talk again – or maybe not.” ****

Também em Rebordelo se pensa construir algo semelhante. Um “hortus conclusus”, escondido dentro dos muros que delimitam a Ruína. Um espaço por descobrir, um espaço para a contemplação. Uma fonte de inspiração.



A Casa do Lado é a mais pequena. O Ricardo e a Francisca chamam-lhe também Casinha. Talvez seja o nome mais apropriado.

Tendo uma área muito reduzida, pensou-se que a melhor forma de a organizar seria transformá-la numa casa totalmente autónoma.

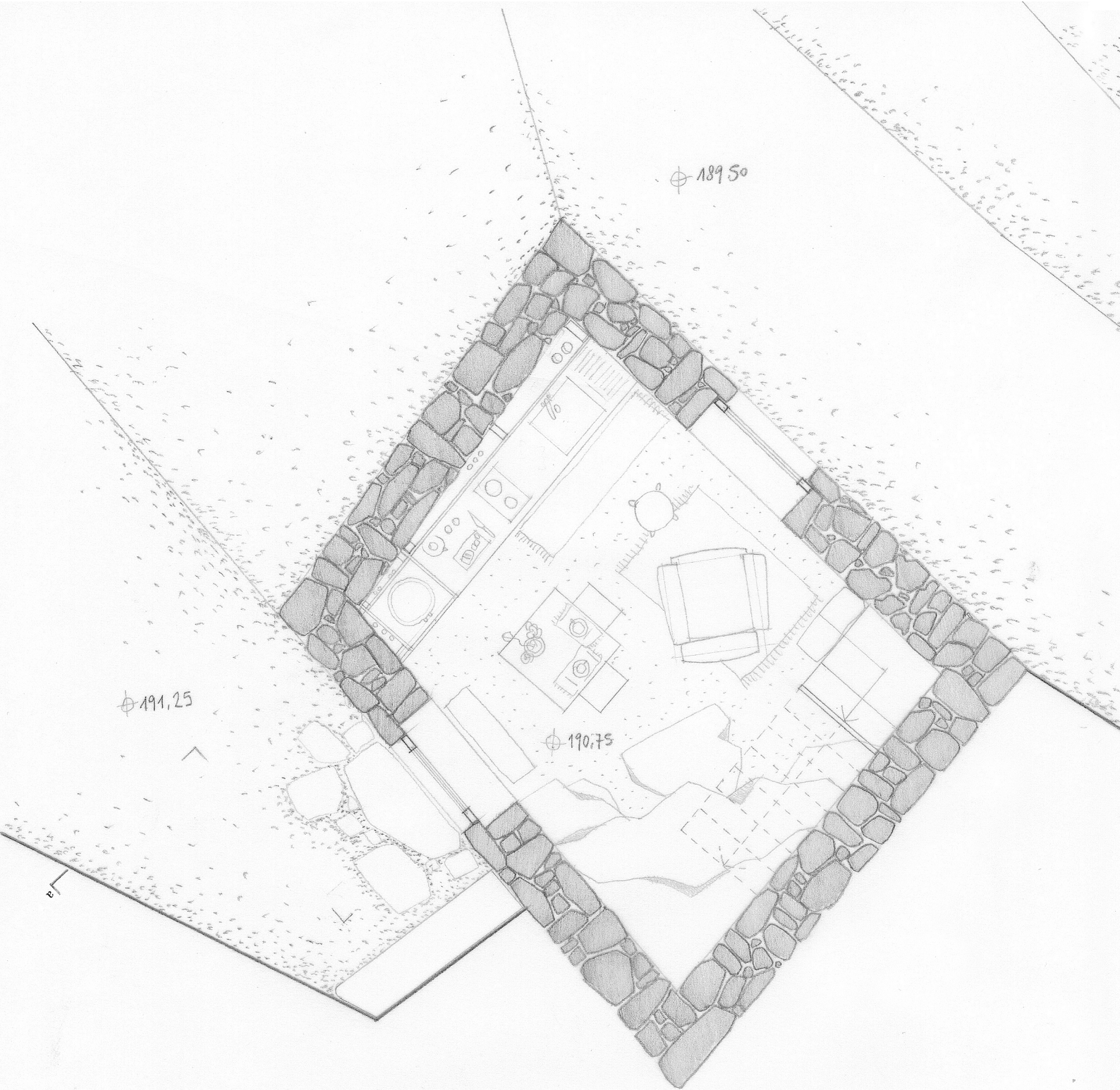
Sem alterar a estrutura do soalho pré-existente, que ainda assim precisará de alguns reparos, introduz-se uma escada em continuidade com a entrada para ligar os dois pisos. Decide-se inverter a ordem comum da organização. Entra-se pelo quarto, que está separado da entrada por uma cortina adjacente à escada, e desce-se para a sala de comer e de estar, podendo aproveitar de um pequeno nicho no jardim para tomar os pequenos almoços ao ar livre, por exemplo.

Dois núcleos estabelecem aqui a organização da Casa. No quarto, encontram-se o quarto de banho e um armário. No piso térreo, uma cozinha com despensa.

Intervem-se também na alteração do alçado norte, introduzindo uma janela, que se abre sobre os campos da Quinta, trazendo luz natural na sala de estar. Uma brecha no plano maciço de pedra, que mostra a vida a acontecer.





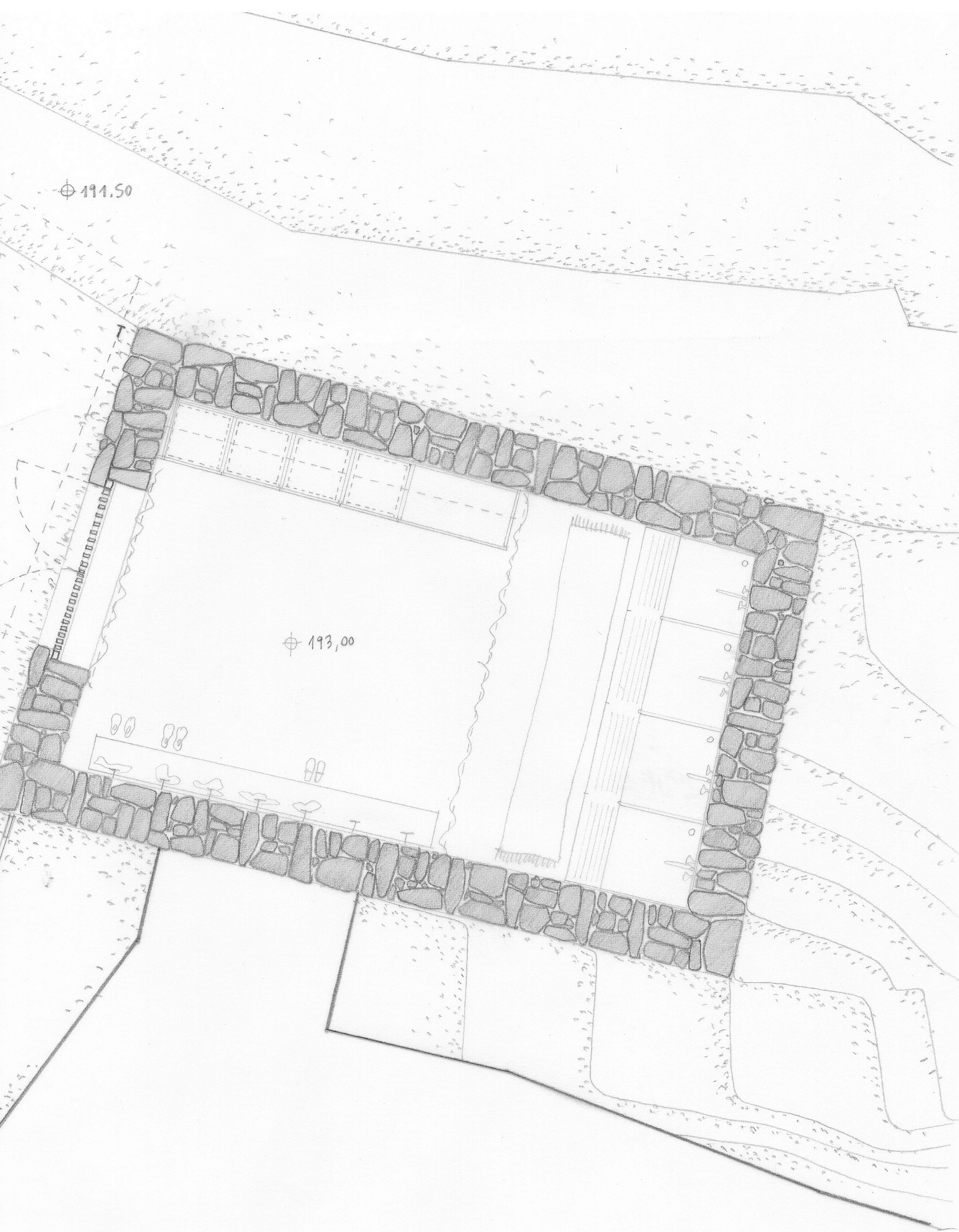


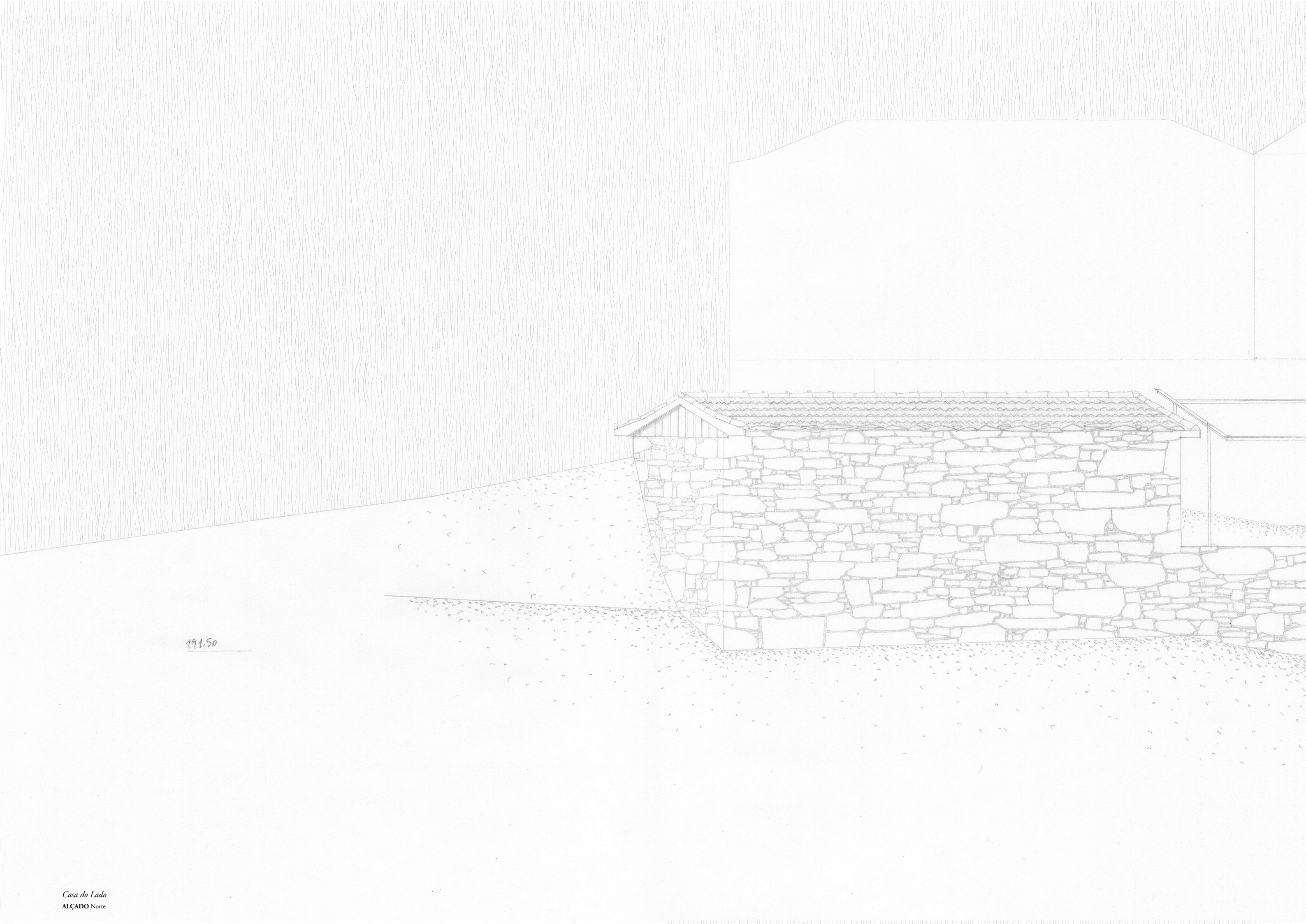




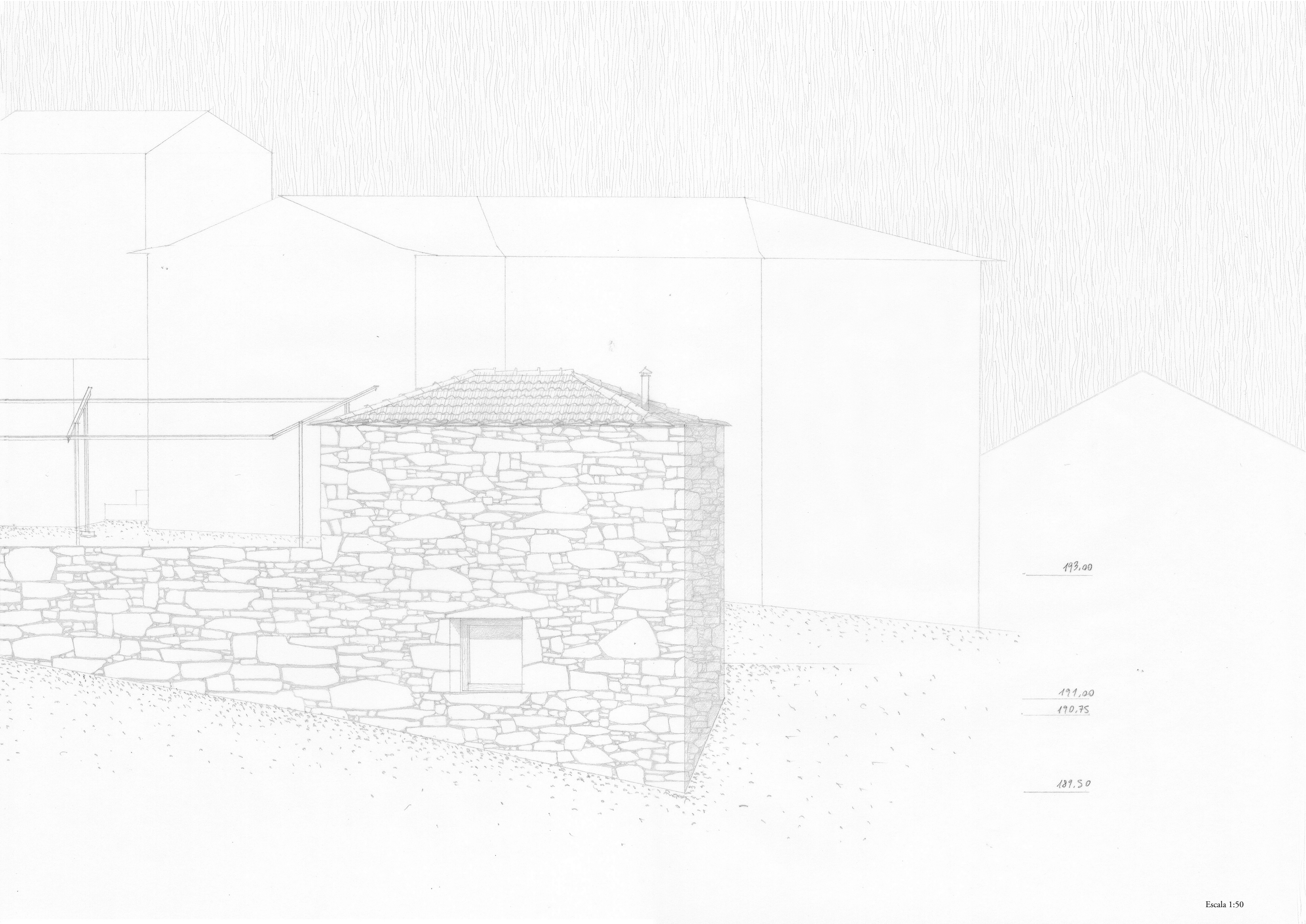








191.50

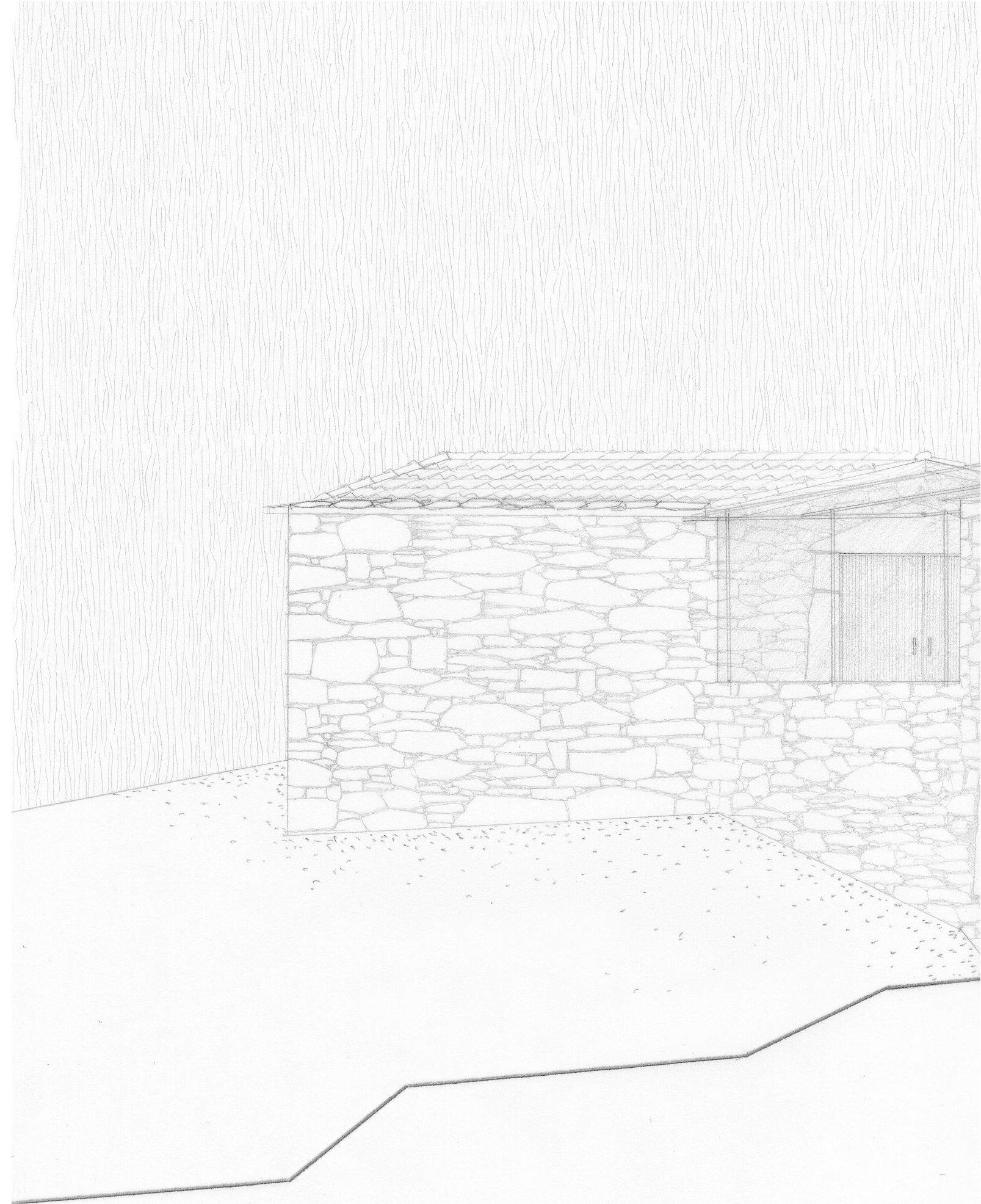


193.00

191.00

190.75

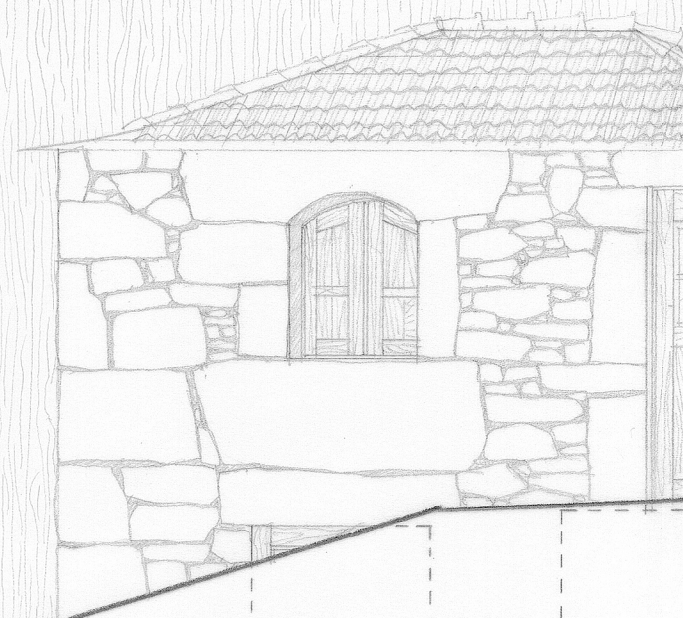
189.50

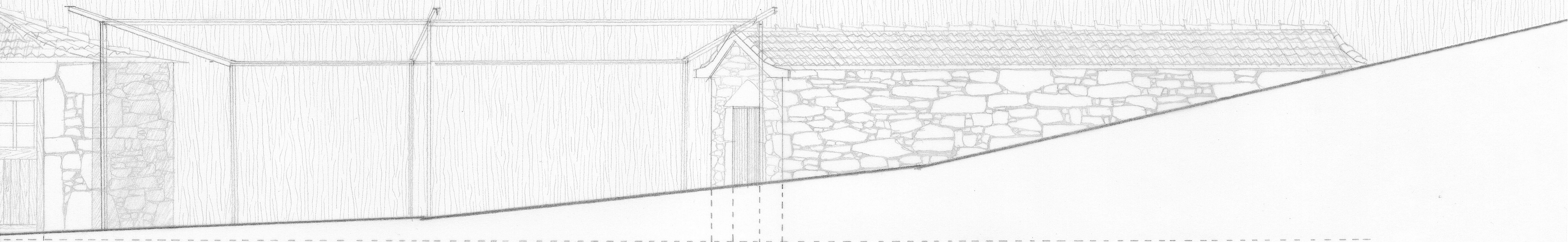


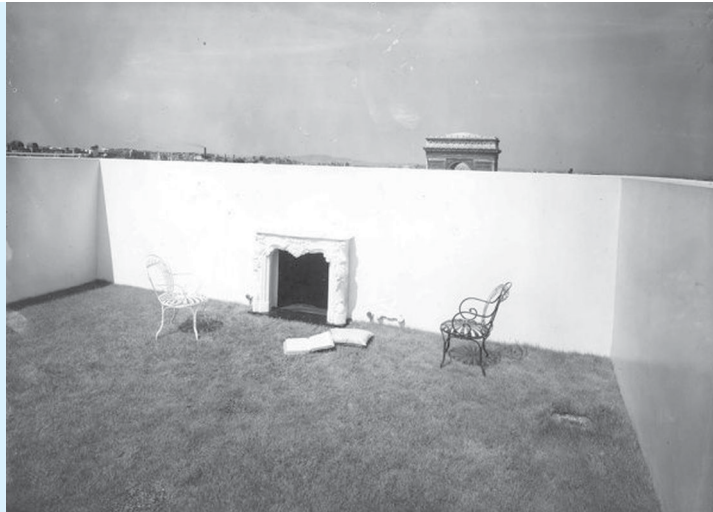


193,00

192,00








Apartamento de Charles de Beistegui, Paris, 1930-1931 - Le Corbusier

O apartamento que Le Corbusier constrói para Charles de Beistegui em 1930-31 em Paris parece contradizer todas as noções de racionalismo de que o arquitecto é com toda a certeza o precursor. Considera-se esta obra, pelo contrario, surrealista, onde se experimenta um jogo de contrastes e paradoxos pouco comuns na sua obra.

*“Recuérdese cómo, en el apartamento Beistegui, en París, en una situación casi límite con lo surrealista, la chimenea que otorga el centro más íntimo de un lugar y que da el calor a la habitación resguardada y que es privilegio del espacio cerrado, se sitúa saltándose todas las reglas, a plena intemperie. La tierra como sala, como el mejor salón. La obra no hace sólo habitaciones sino que tendría como propósito una meta más difícil: hacer del mundo una habitación.” **

Fazer do mundo um quarto! Era este o objectivo de Le Corbusier na cobertura deste apartamento em Paris. Objectivo que também em Rebordelo se pretende alcançar transformando uma parte da Ruína numa grande sala ao ar livre, na contemplação da paisagem.

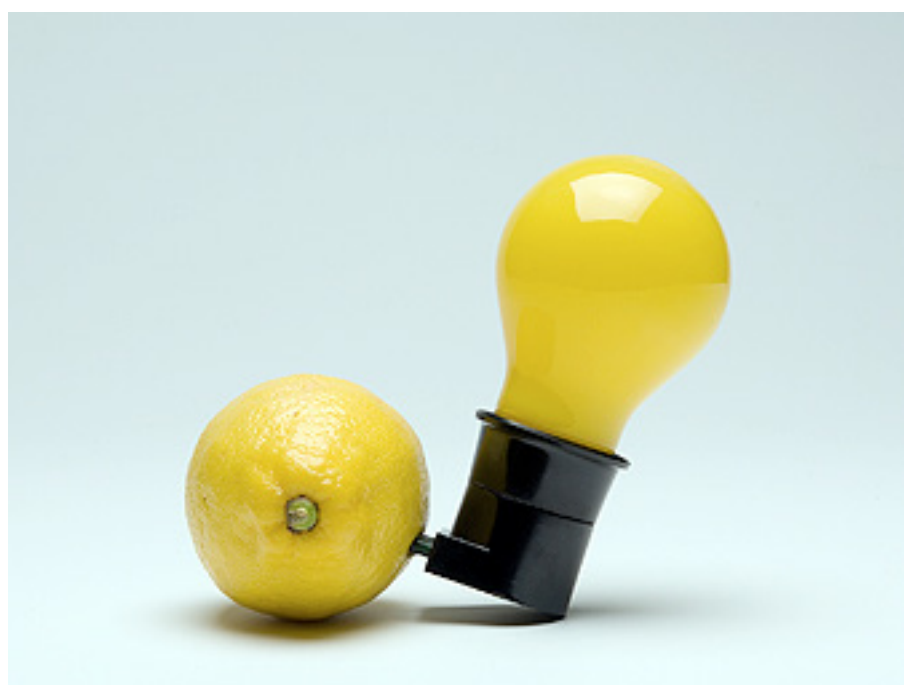
Da: Luca Bosco [REDACTED] 
Oggetto: Proposta Espaço de Meditação
Data: 11 febbraio 2016 19:41
A: [REDACTED]

Olá!

Espero que esteja tudo a correr bem por aí. Aqui está tudo ótimo, finalmente acabei os desenhos em escala 1:50 da proposta. Faltam os em escala 1:200 e depois só isto que estou a mandar. Mandeí-vos esse texto para "repensar" naquele novo espaço de meditação lá no meio da floresta.

Boa leitura.

Um abraço,
Luca



A Casa da Floresta não é propriamente uma Casa. É um abrigo, uma capela ecuménica, um espaço de contemplação para todos.

A presença de um espaço religioso na antiga Casa senhorial foi uma sugestão para pensar que um lugar de retiro pudesse ser importante na Quinta. Foi assim que a Francisca e o Ricardo decidiram pedir que fosse desenhada uma nova capela.

O Ricardo já tinha uma ideia para a sua implantação, mas manteve-a em segredo, esperando que coincidissem com a minha. Não foi o caso. Optámos pelo que ele tinha pensado. No fundo, tinha um significado importante, que eu desconhecia até então.

O lugar encontra-se adjacente a um antigo quelho, caminho que, a partir do conjunto habitado, levava os trabalhadores até aos campos, e que ainda está bem marcado por um riacho de água que agora serve para regar. É também um lugar simbólico porque evidencia a fronteira entre os campos cultivados e a faixa florestal. Rodeado de carvalhos, tem também uma vista privilegiada para o Tâmega.

Joseph Beuys, em 1985, apresenta uma pequena instalação, o “Lemon Light”. Uma lâmpada está inserida num limão fresco, a partir do qual recebe a energia que lhe permite emitir o brilho amarelo. Nesta peça, o artista põe em causa o equilíbrio ecológico da civilização. Beuys concluiu o trabalho na ilha de Capri, lugar onde estava a recuperar de uma doença, daí o outro nome da obra, “Capri Battery”. Esta cor amarela reflecte a atmosfera jovial e o brilhante sol do Mediterrâneo.

Desta peça, quis trazer para o projecto a ideia de que a natureza sustenta de certa forma o artificial, identificando o limão na “passerelle” que nos leva até o abrigo.

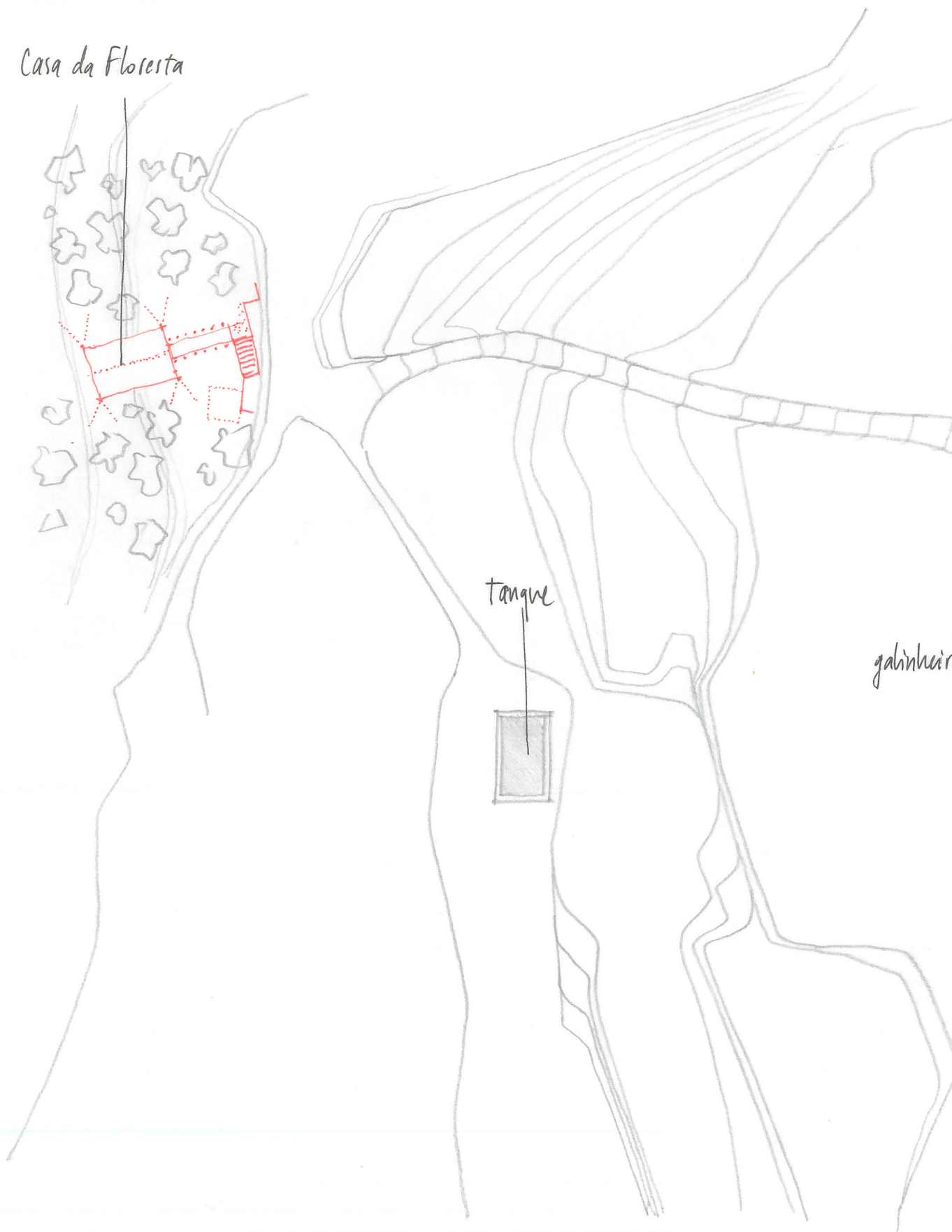
Uma estrutura de madeira que se fixa ao terreno através de uma estrutura metálica secundária, dá espaço à natureza para se afirmar e entrelaçar, transformando o passeio num túnel verde, um momento de transição entre o mundo exterior e o espaço de retiro.

O espaço, “[...] pensei que na sua simplicidade deveria fazer lembrar o mais antigo abrigo, uma cabana. Cobrir tudo com um toldo, vermelho, que se transforma em cobertura. A plataforma sobre a qual se assenta, suspenso sobre paus de madeira. Talvez o chão seja envidraçado a permitir essa percepção de suspensão...poderia ser algo muito interessante. Imaginem retirar um dia o toldo... e essa plataforma voaria entre o céu e a terra... e a cobertura serão as copas das árvores.”

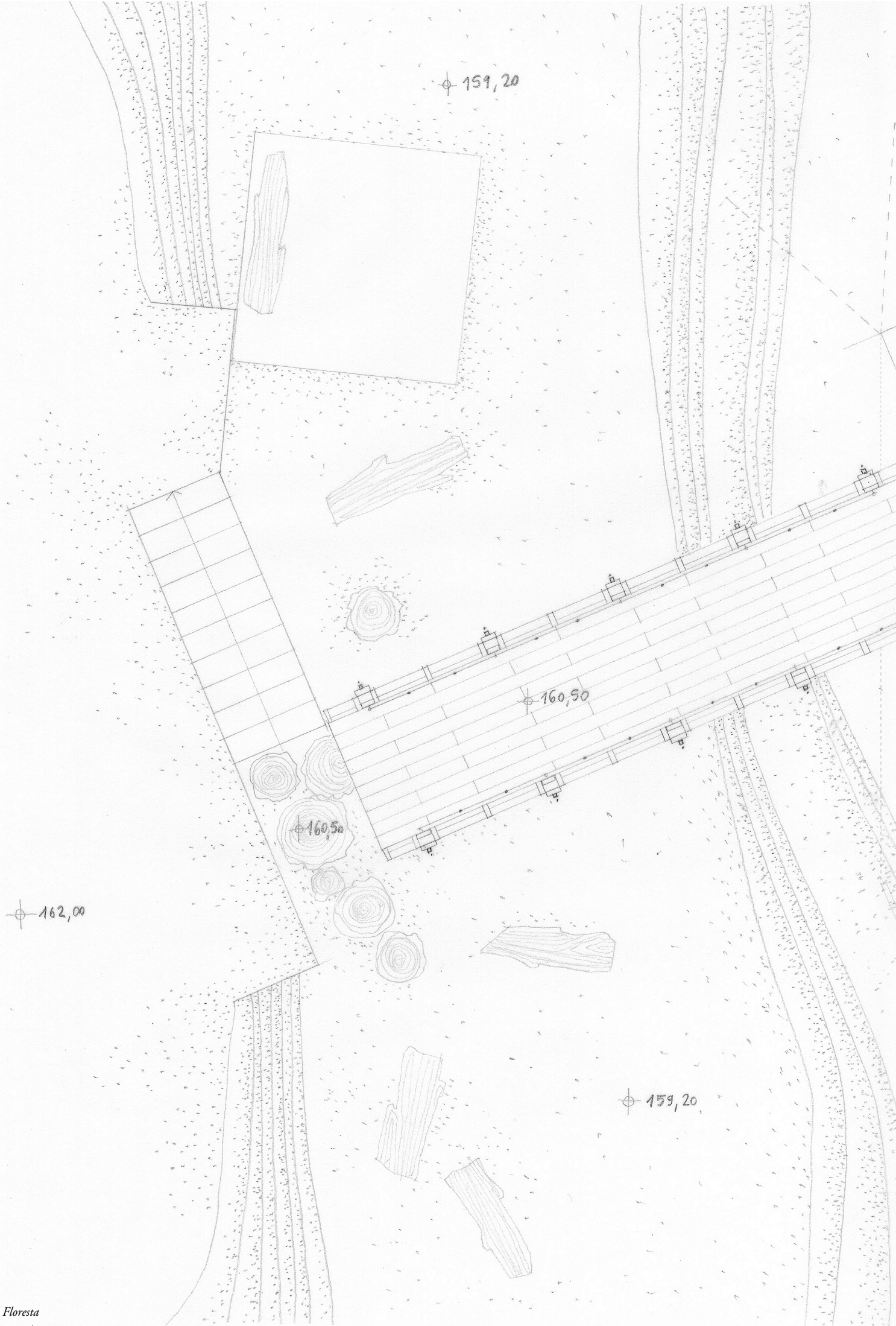


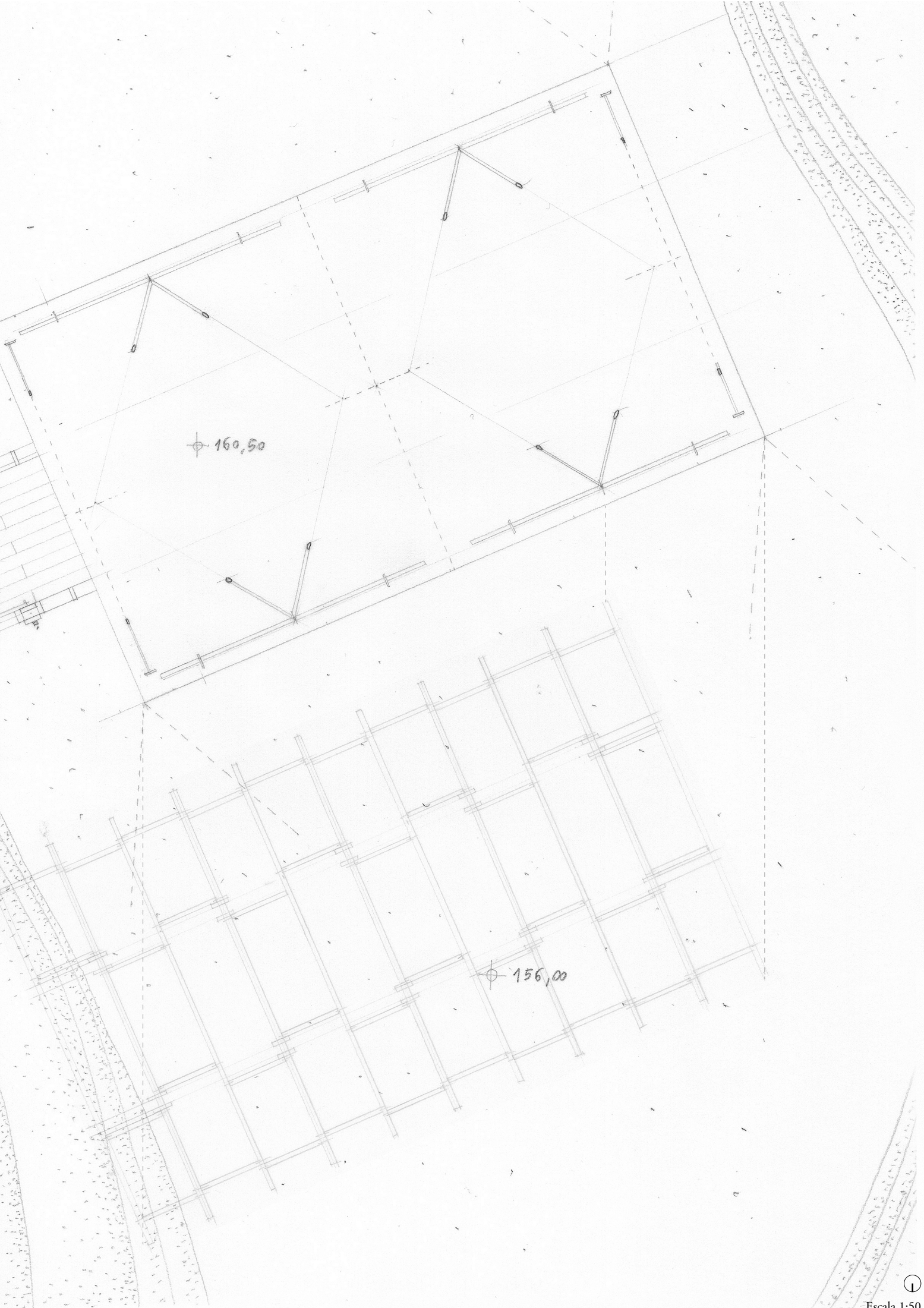


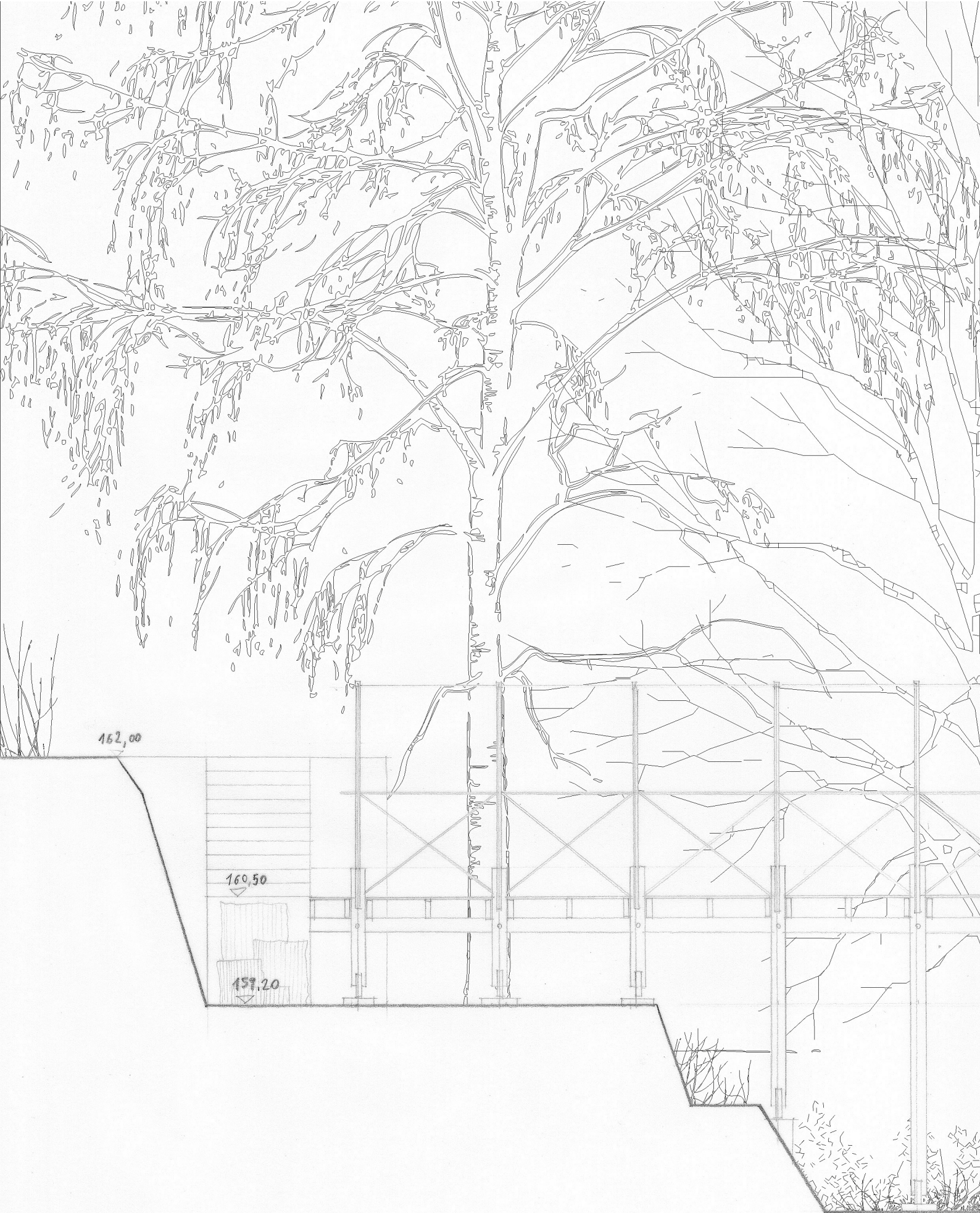
Casa da Floresta

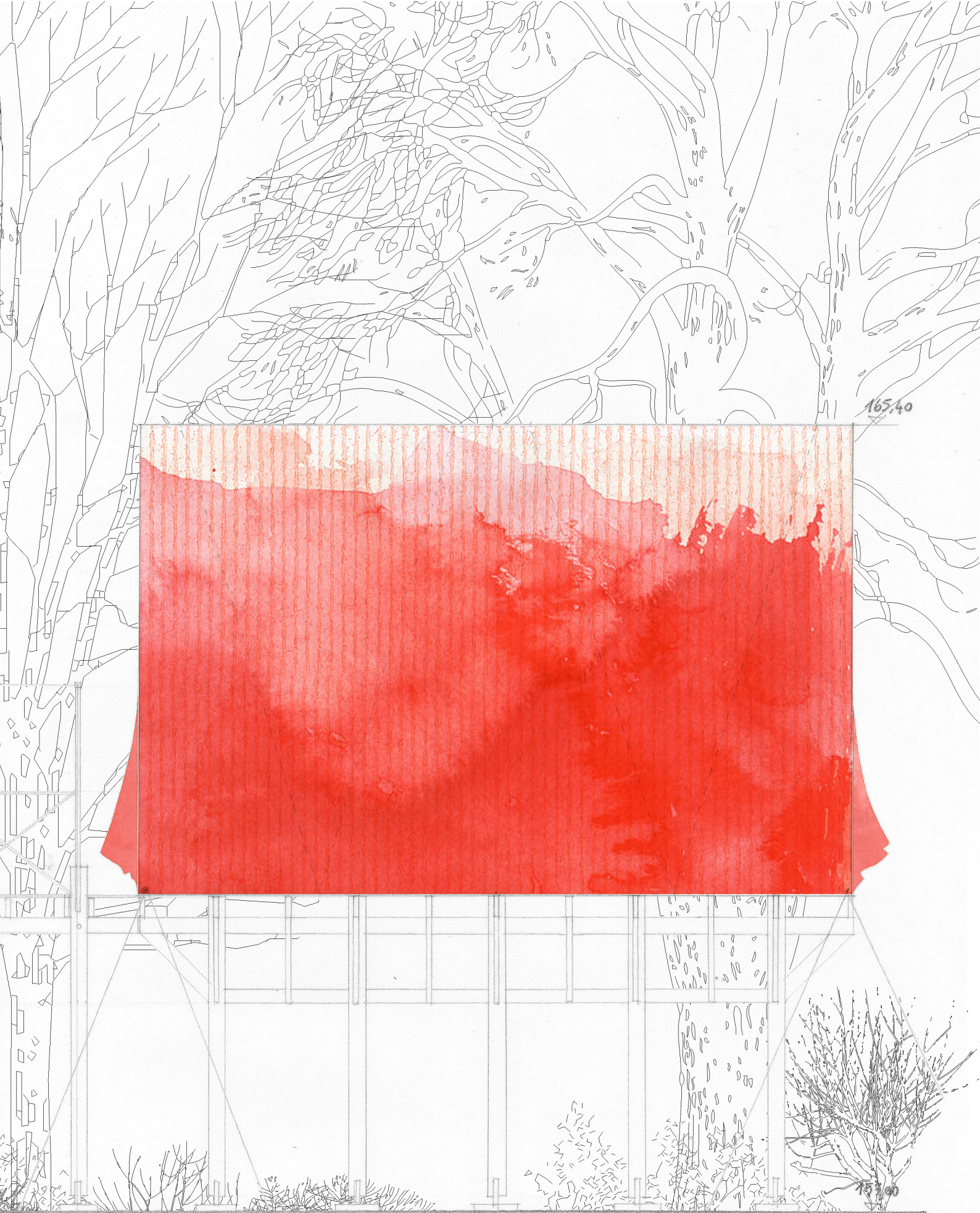






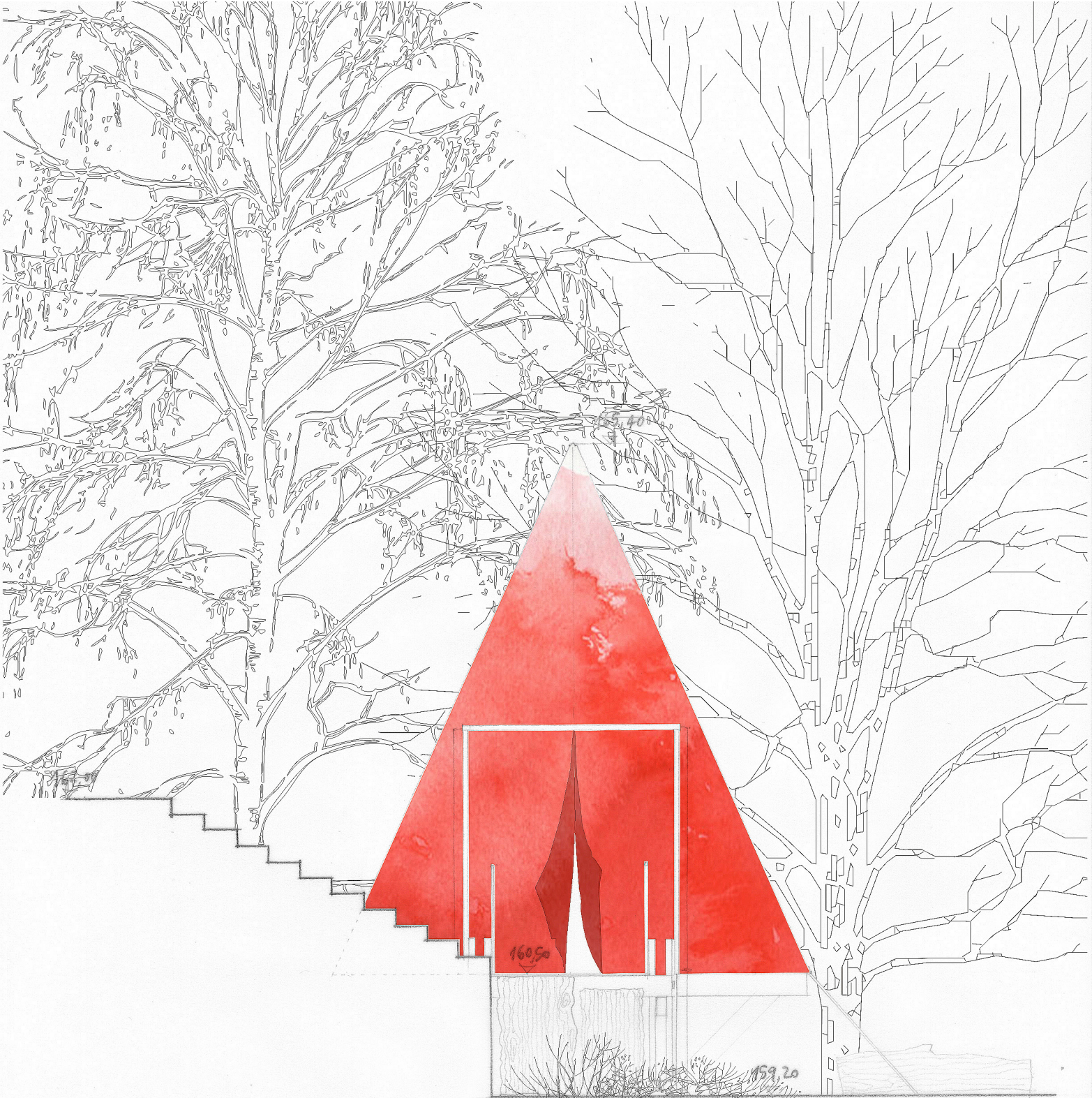


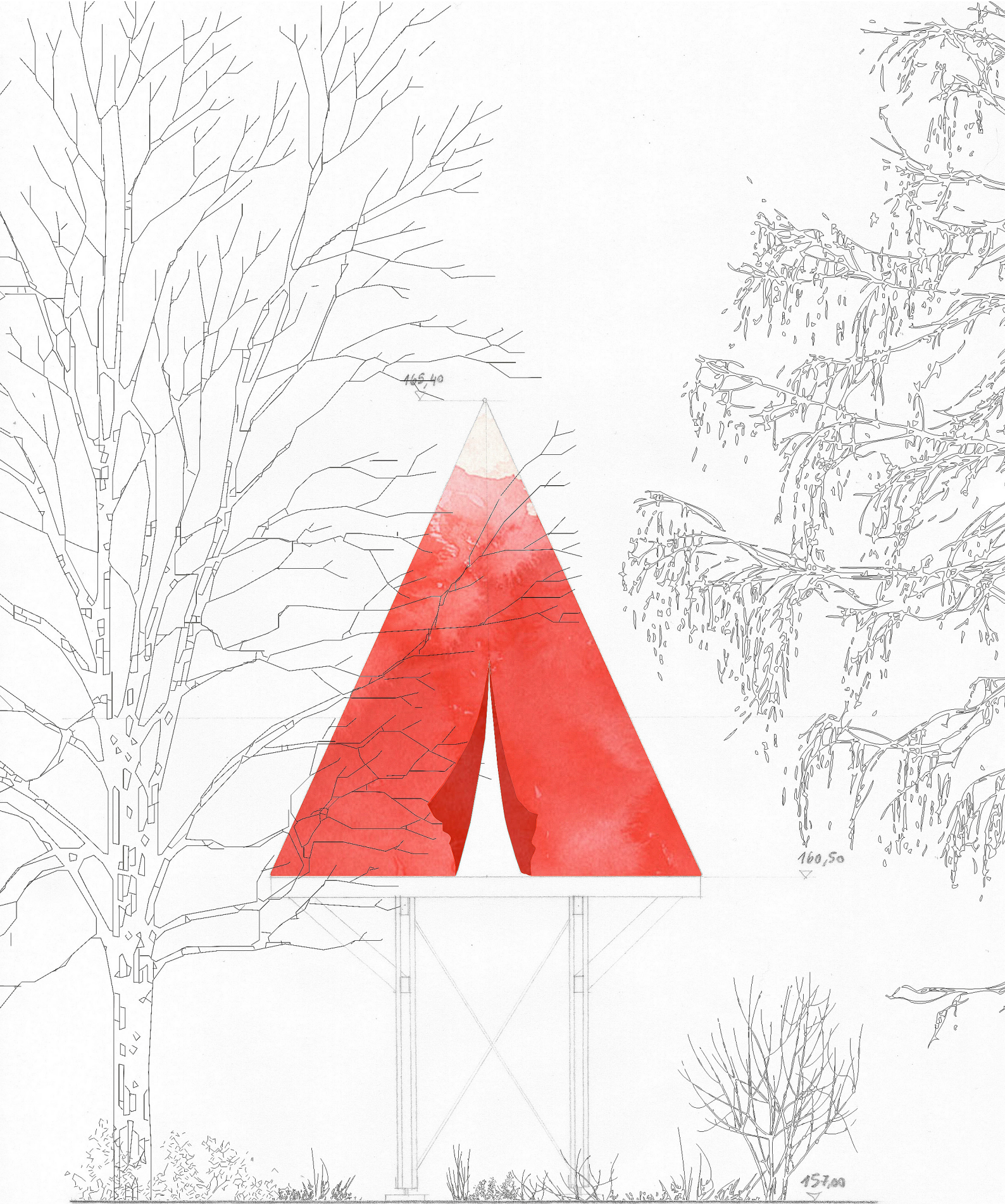




165,40

15,40





ESTRUTURA METÁLICA
ORIZONTAL DE AÇO INOX

ESTRUTURA METÁLICA
VERTICAL DE AÇO INOX

CAVO DE AÇO INOX

SUPORTE VERTICAL DE
AÇO INOX

PARAPEITO DE CAVOS
DE AÇO INOX

VIGA DE MADEIRA
MACIÇA DE PINHO (10X25cm)

SOALHO DE TÁBUAS DE
MADEIRA MACIÇA DE
PINHO (25mm)

ESTRUTURA VERTICAL DE
MADEIRA MACIÇA DE
PINHO (10X30cm)

ZAPATA DE BETÃO
ARMADO

VIGA DE
MADEIRA MACIÇA
DE PINHO
(15X25 cm)

PARAPEITO DE CAVOS DE
AÇO INOX

SOALHO DE TÁBUAS DE
MADEIRA MACIÇA DE
PINHO (25mm)

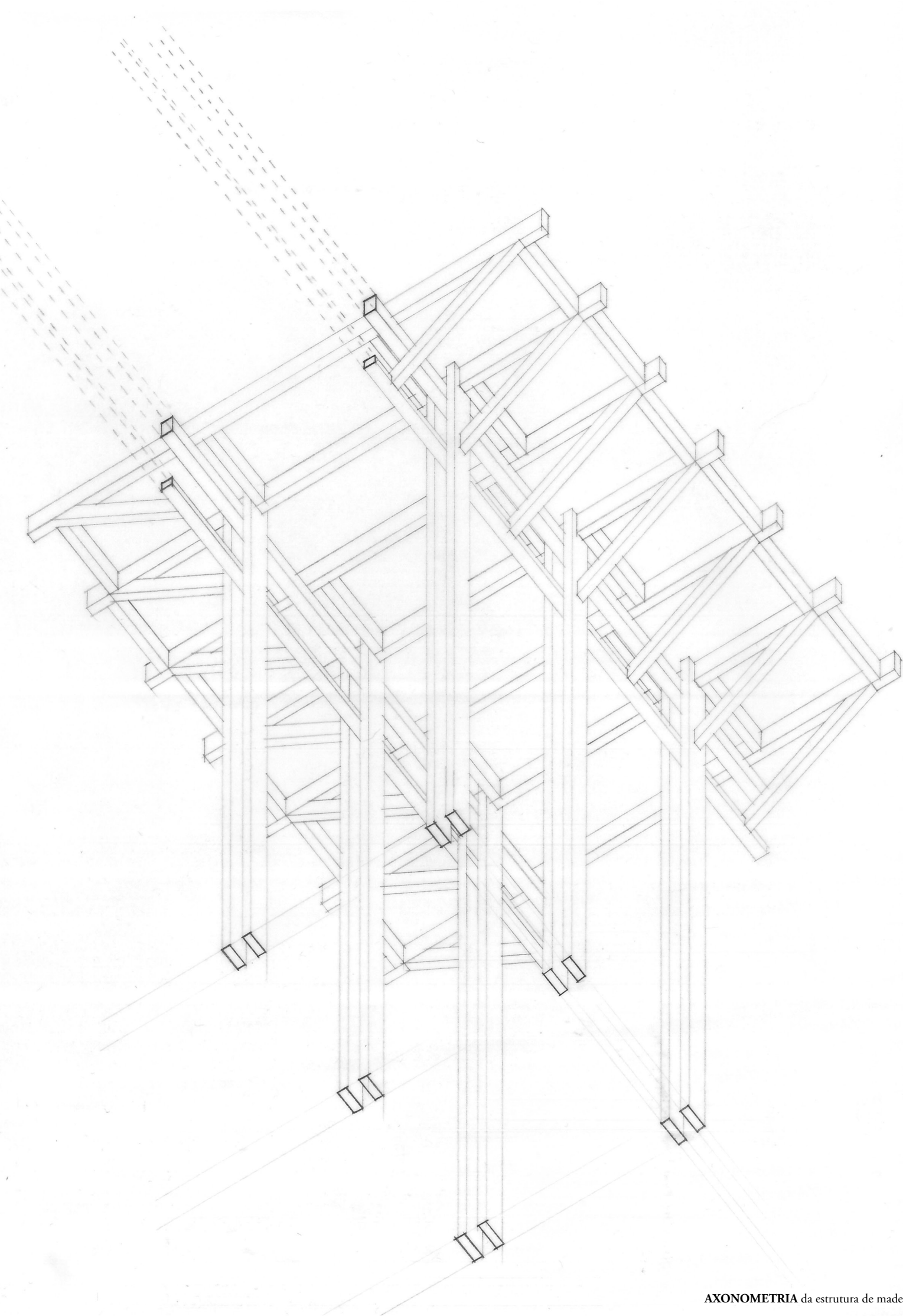
ESTRUTURA VERTICAL DE
MADEIRA DE PINHO
MACIÇA (10X30cm)

VIGA DE MADEIRA MACIÇA
DE PINHO (15X25 cm)

VIGA DE MADEIRA
MACIÇA DE PINHO
(10X25cm)

CAVO DE AÇO INOX

ESTRUTURA VERTICAL
DE AÇO INOX



Da: Francisca Beirão [REDACTED]
Oggetto: RE: Proposta Espaço de Meditação
Data: 12 febbraio 2016 11:13
A: Bosco Luca [REDACTED]

Olá Luca,

Adorámos a tua proposta. Por nós podes continuar livremente, sem condicionantes nossas.
Será que logo à noite estás pelo Skype? Podíamos conversar um bocadinho.
Já tentei mandar este e o outro teu mail à Constança mas ela não recebe os desenhos.
Porque será?
Um beijinho
Francisca



Habitação em São Miguel, Ilha de Chiloé, Chile - Smiljan Radic

Esta Casa, desenhada pelo arquitecto chileno Smiljan Radic, vê a sua origem enraizada na tradição da ilha onde se encontra. Quando um habitante de Chiloé queria mudar de sítio, trazia consigo também a sua Casa.

Carregavam-se as Casas encima de carros de bois, que as traziam até o mar, onde depois se descarregavam e punham a flutuar. Daqui utilizavam-se barcos para conduzi-las para um novo destino. Esta ideia nómada da Casa pode, no início, induzir em erro, fazendo-nos pensar que não exista para esta arquitectura uma relação com um lugar específico, uma vista ou uma certa paisagem com a qual se confronta. Mas pelo contrario, estabelecem imediatamente relações nas novas configurações que vão encontrando.

Trata-se de um abrigo, e como todos os abrigos pretende conservar o afastamento do caos, de tudo o que possa contaminar a privacidade, os lados íntimos de cada pessoa.

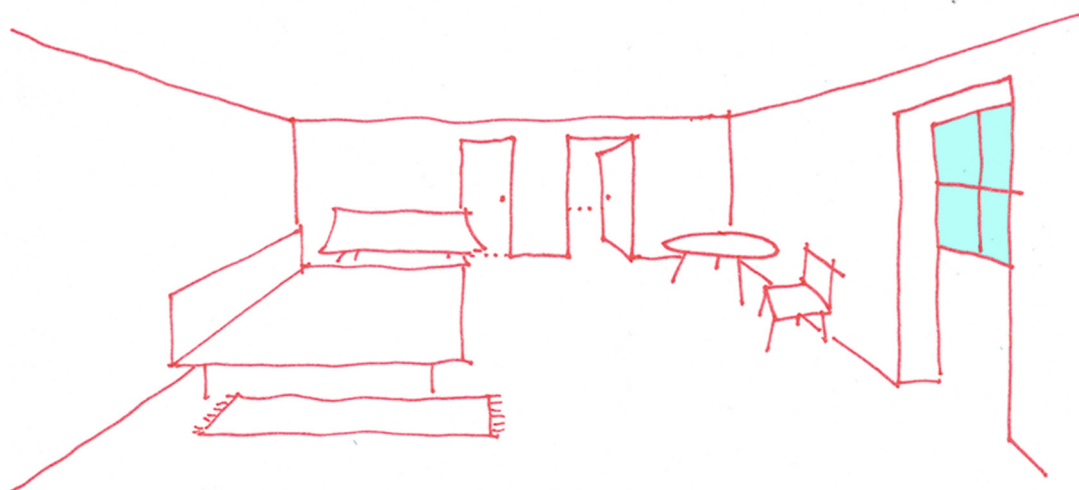
Esta Casa, especificamente, foi construída de acordo com esta tradição. Através de barcos, levaram-se todos os componentes necessários para a sua construção naquele que era o único clarão no bosque onde se implanta.

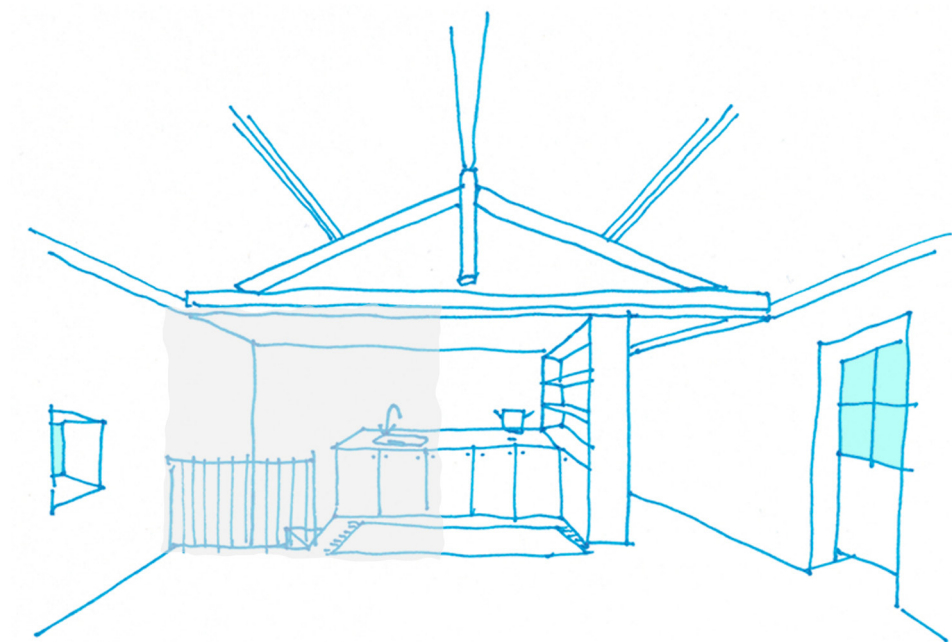
A linguagem da Casa, resulta da própria estrutura. Uma estante, que define o perímetro quadrangular da habitação, suporta o soalho da cobertura, e uma cortina de vidro delimita o interior do exterior. Uma fachada que ganha profundidade e se torna espaço, um dispositivo que se presta a várias funções. Pendura-se a roupa, guardam-se livros...

Inicialmente, na cobertura, organizam-se volumes que fogem da rigidez da planta, criando espacialidades variadas num jogo complexo de volumes. Passados de dez anos da sua construção, decide-se substituir essa cobertura por uma outra, onde se colocou o dormitório. Um toldo vermelho, suportado por uma estrutura metálica, apoia-se agora acima do volume rectangular da Casa. Uma imagem nítida do abrigo mais antigo, a Cabana.

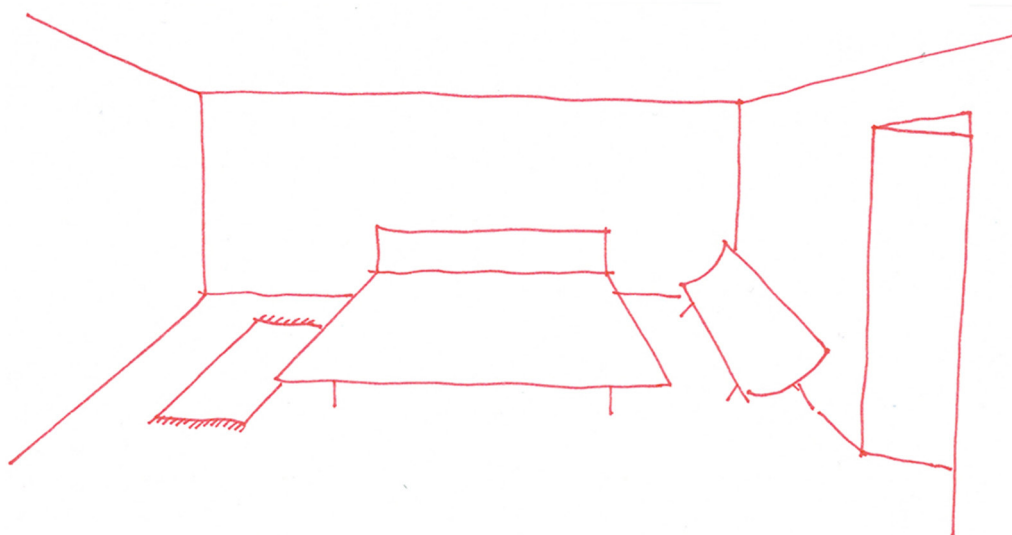
hoje

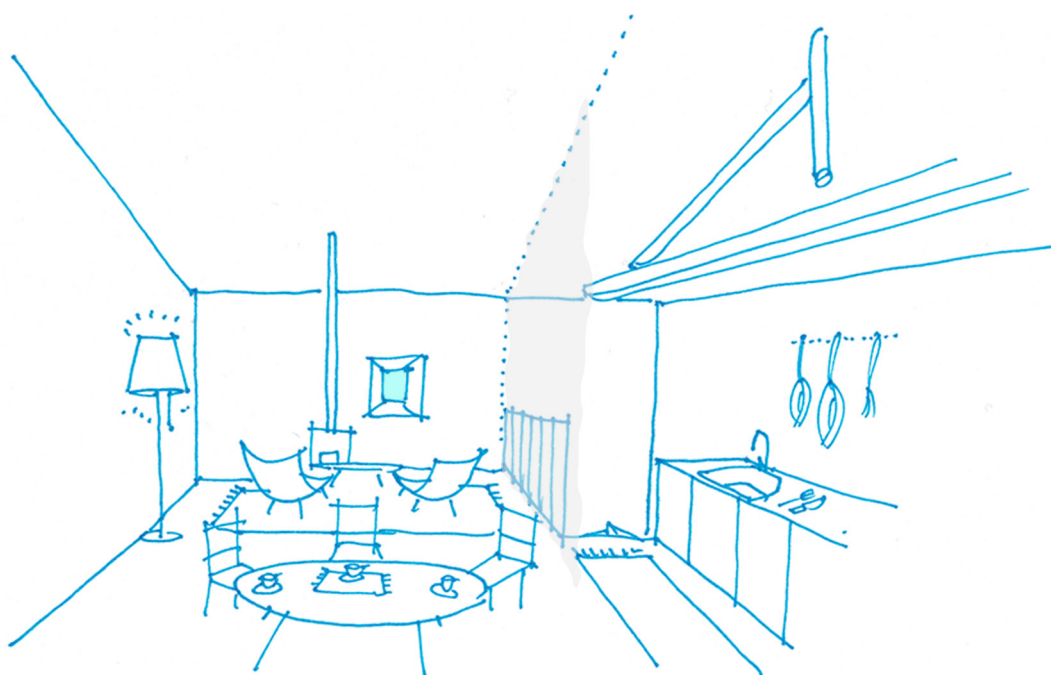
amanhã (?)

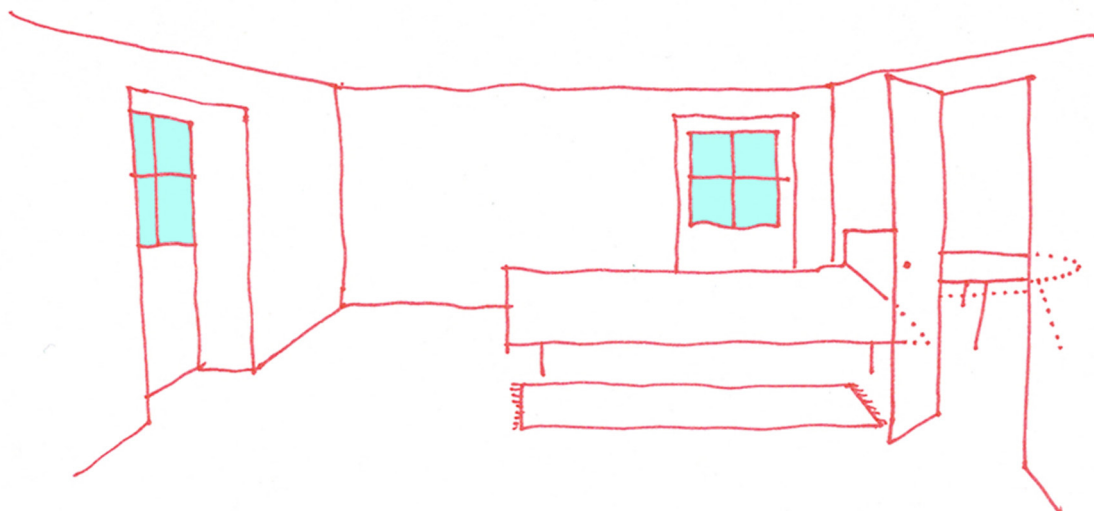


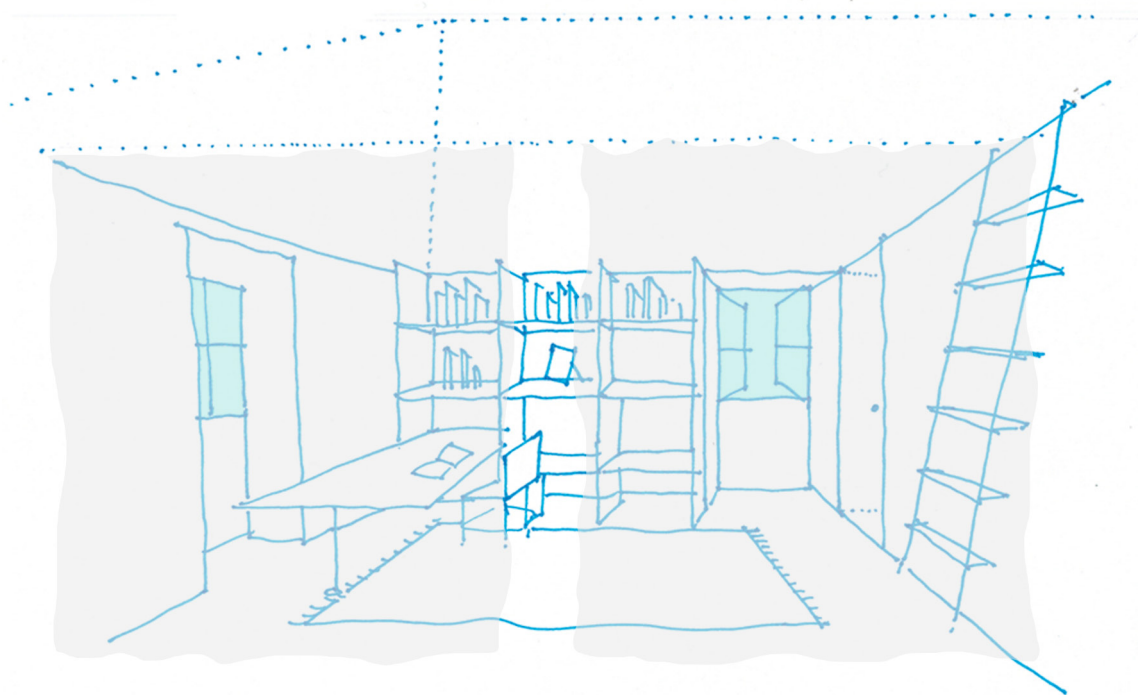


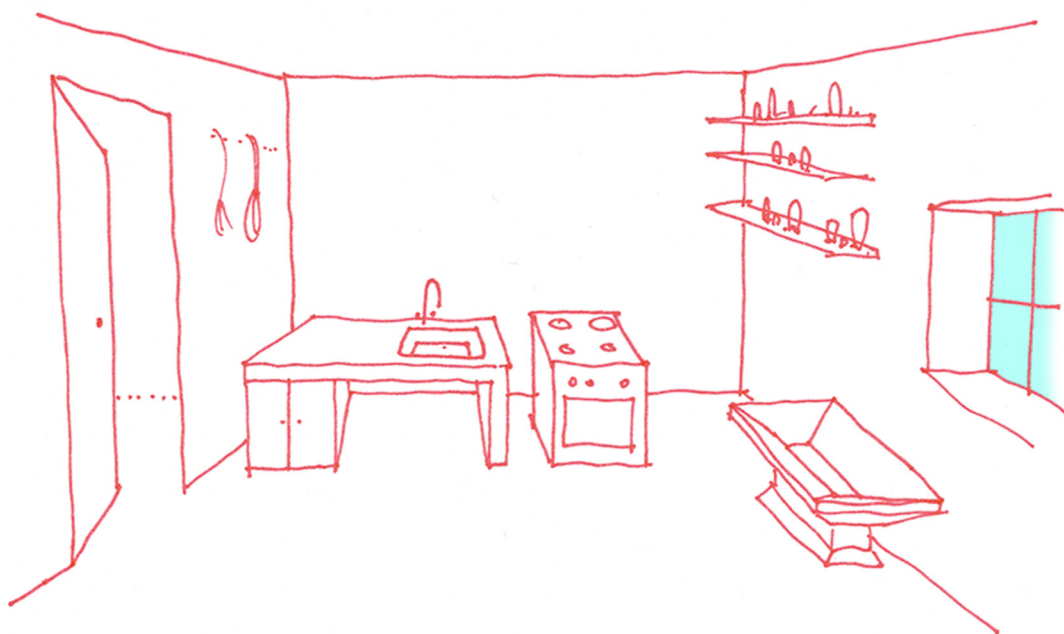
Casa de Cima - proposta 01

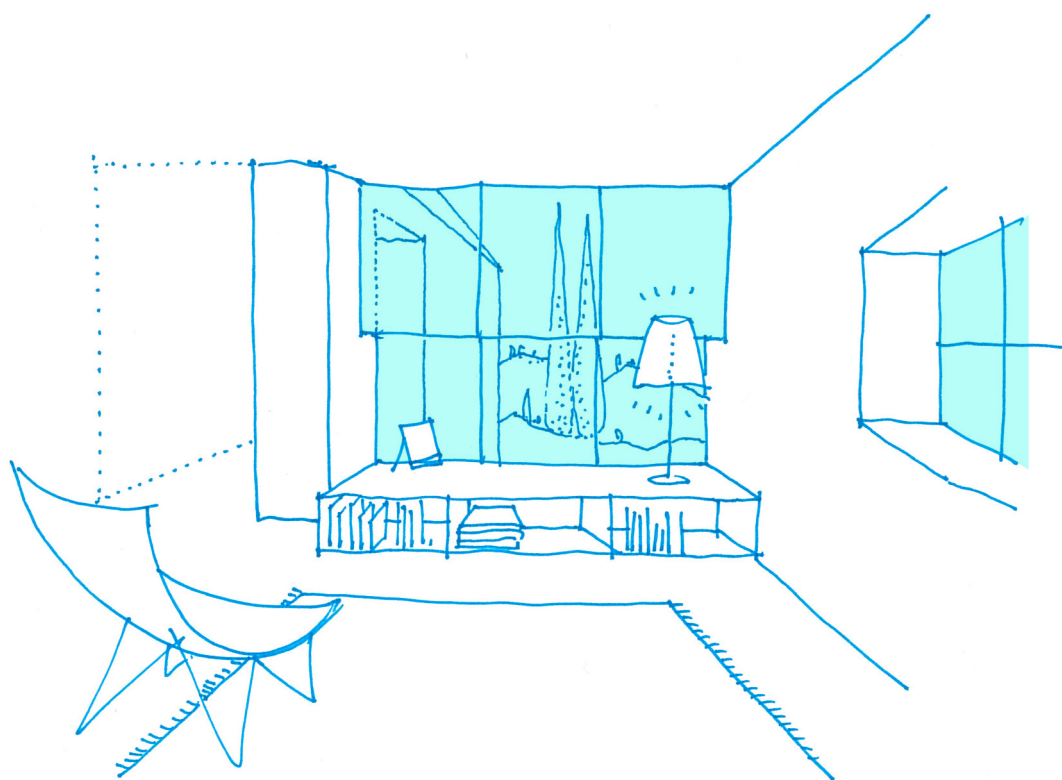


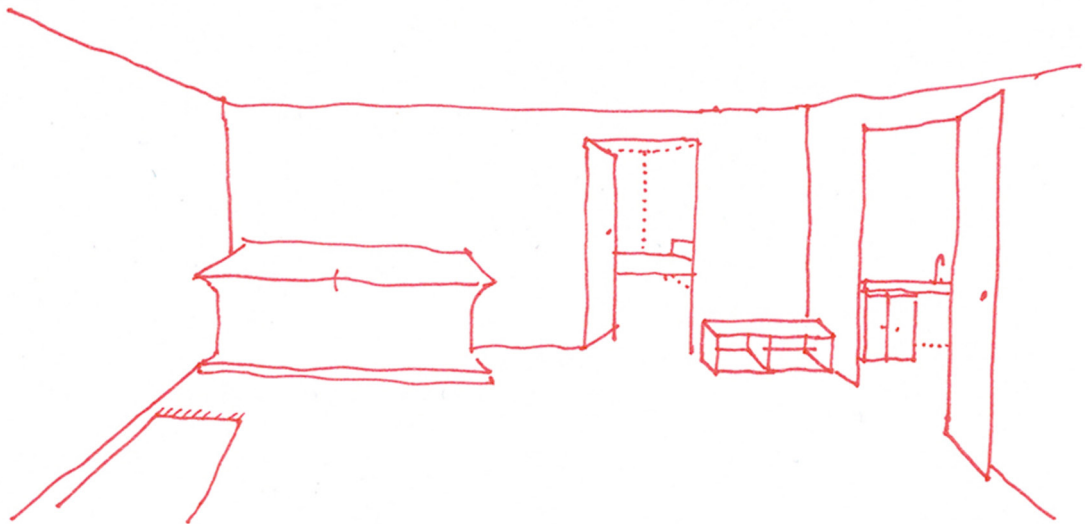


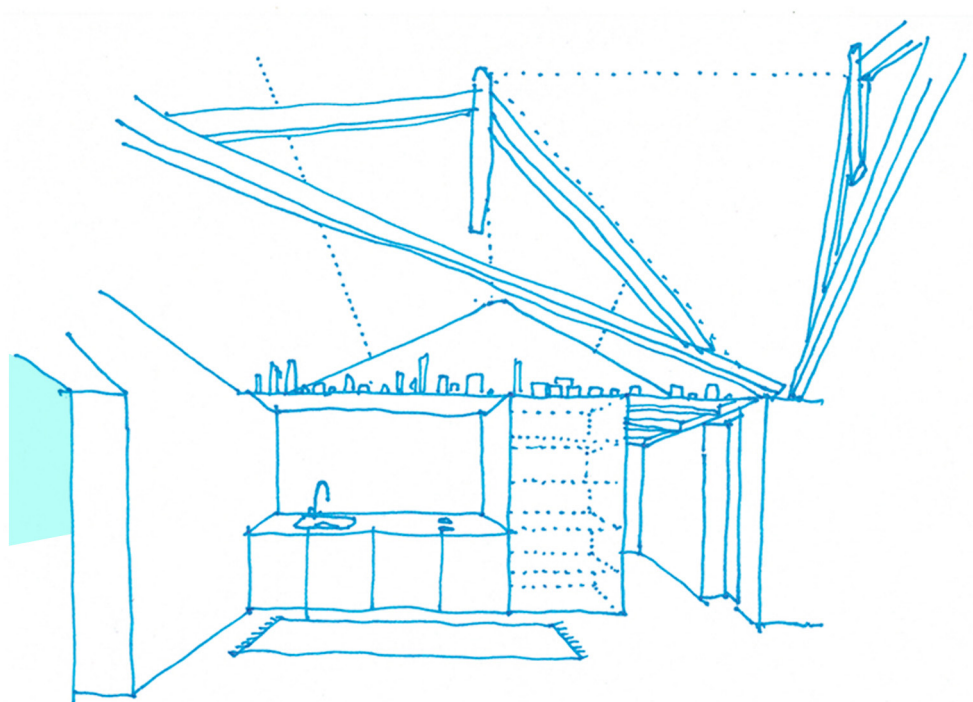


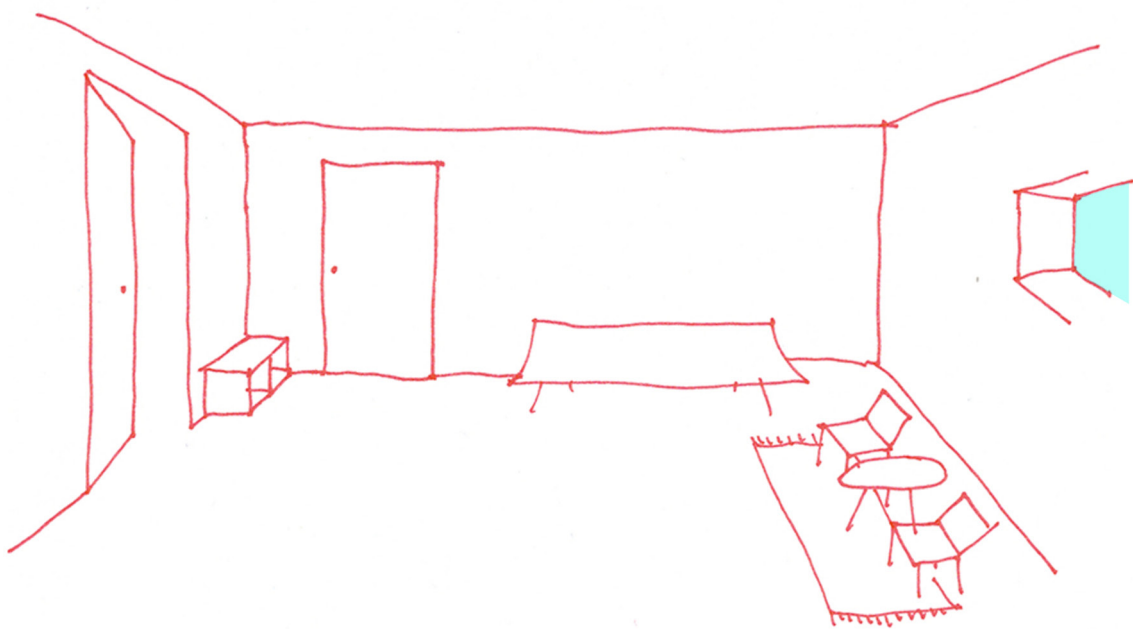


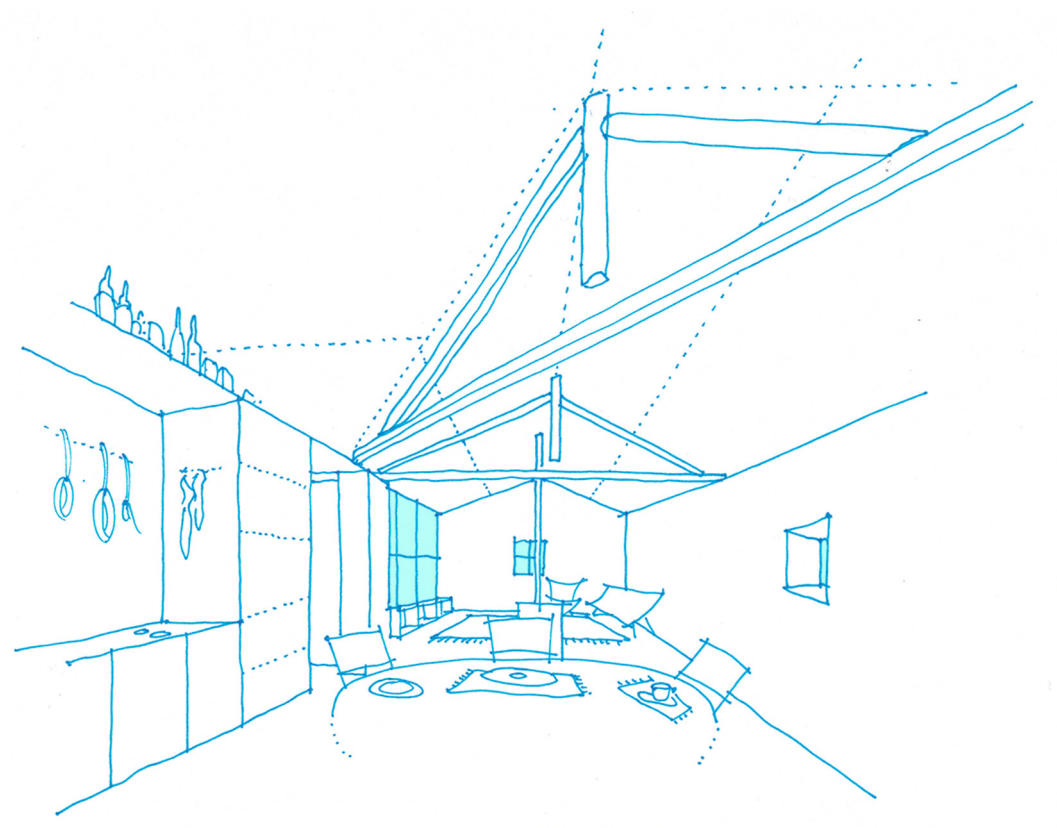


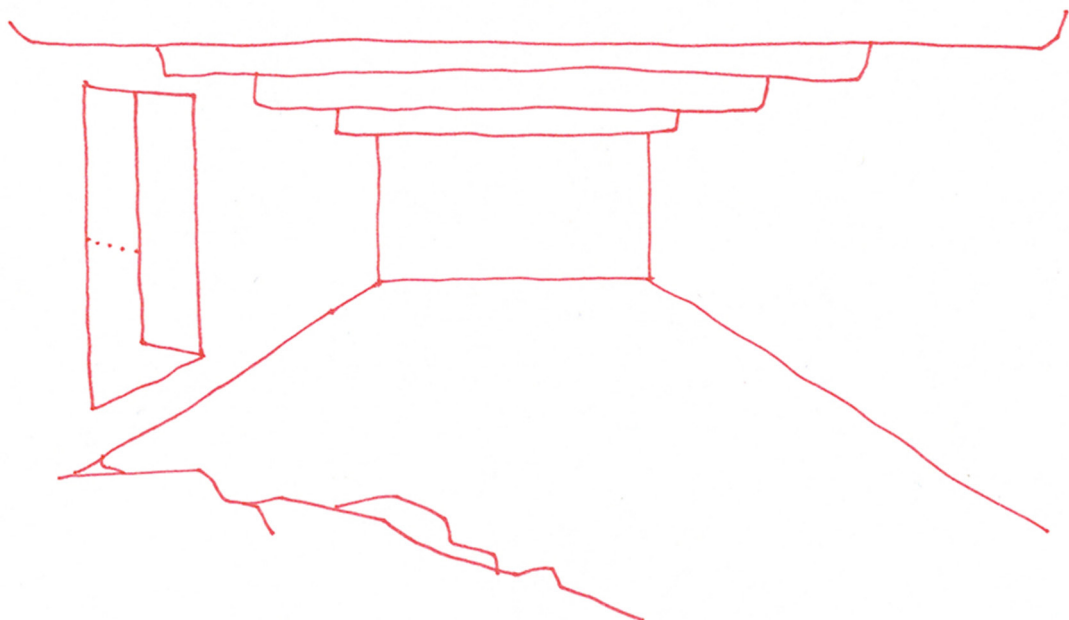


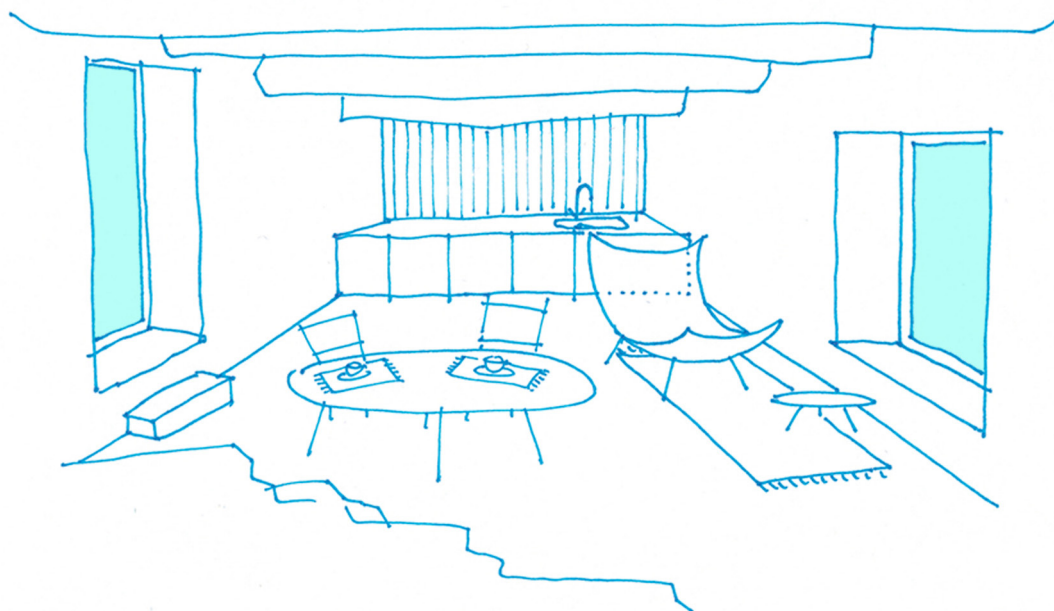


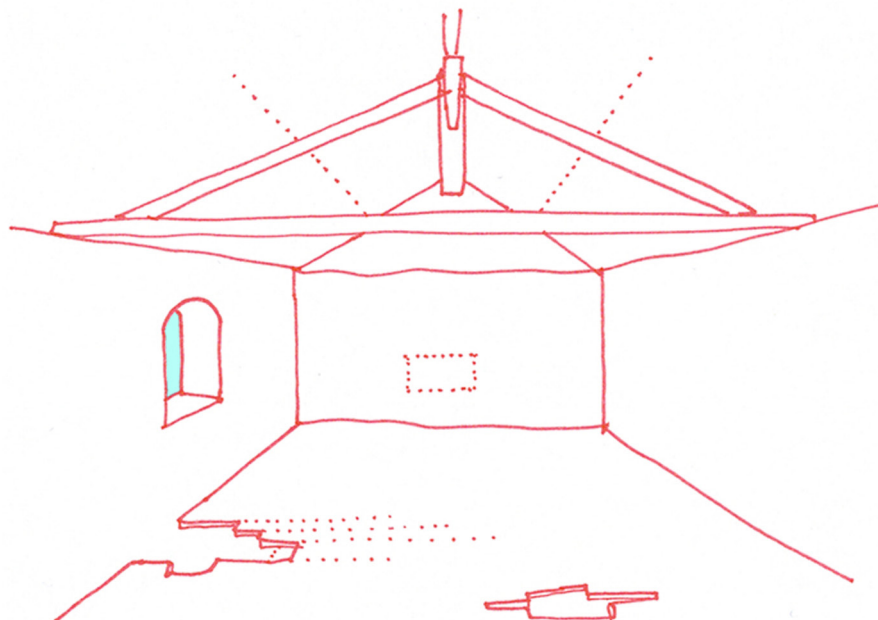


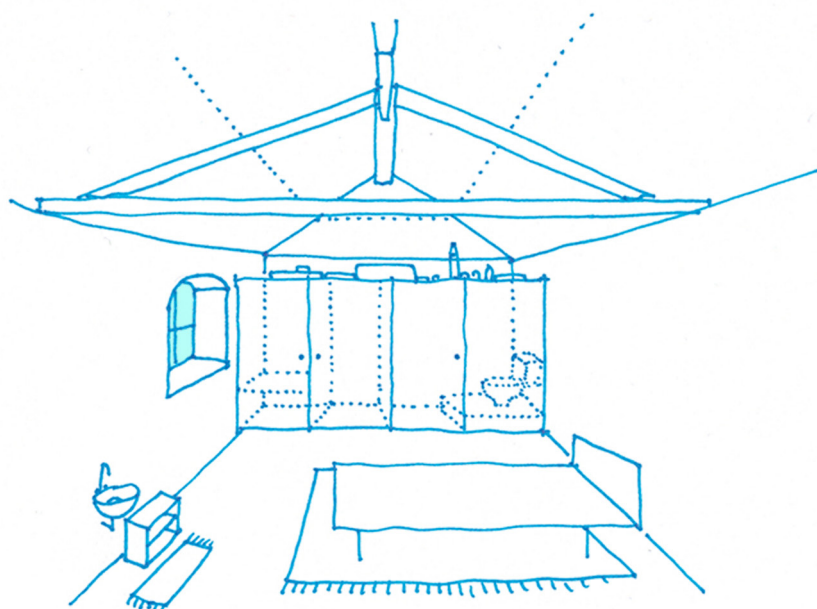


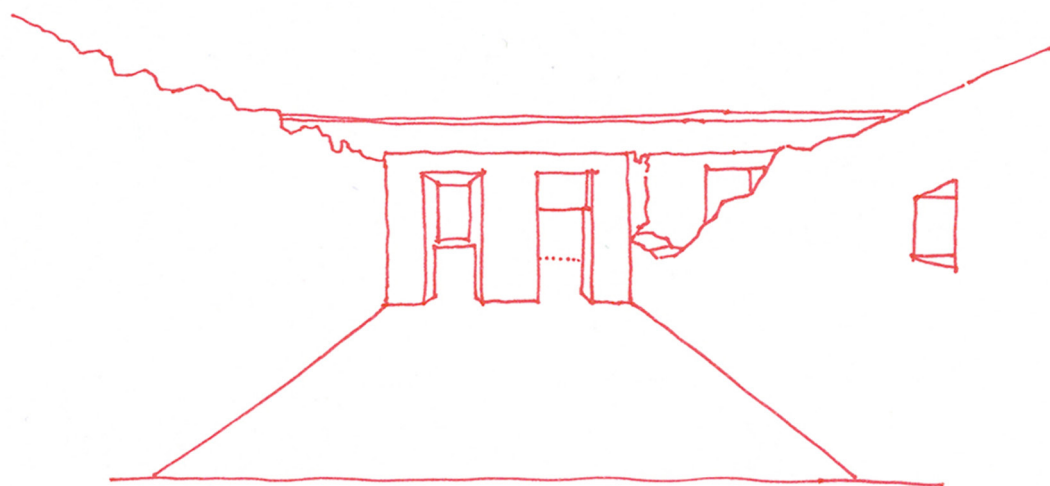


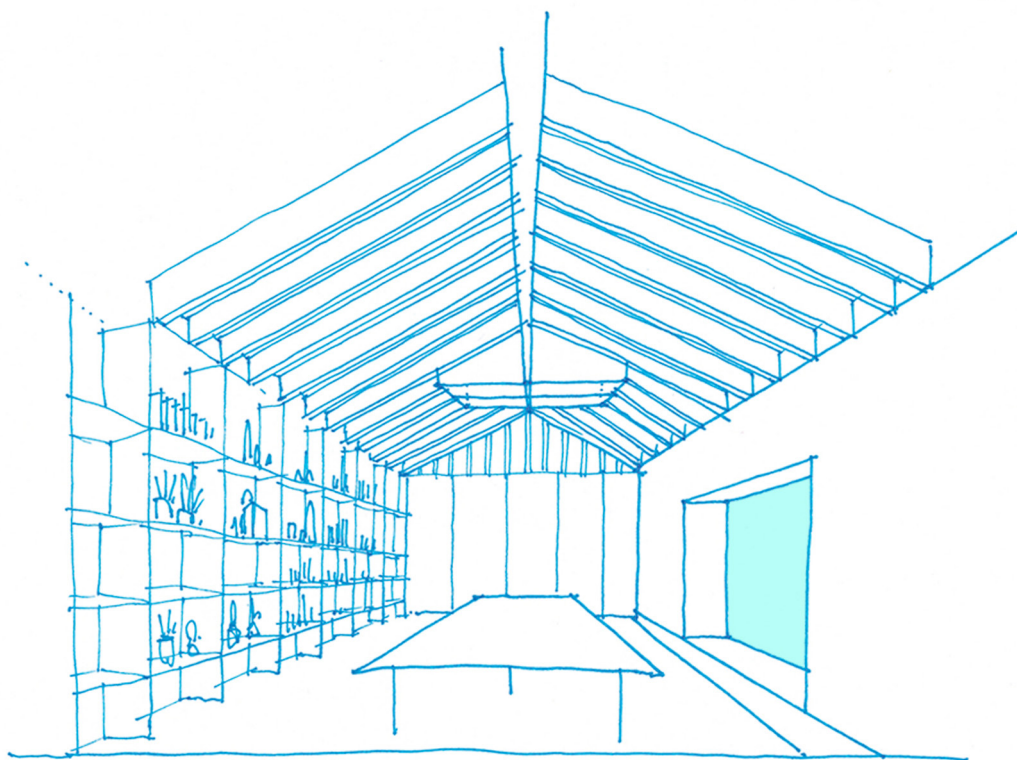


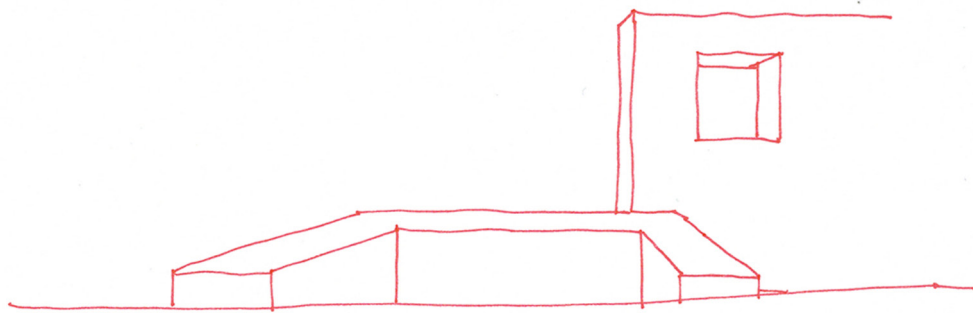


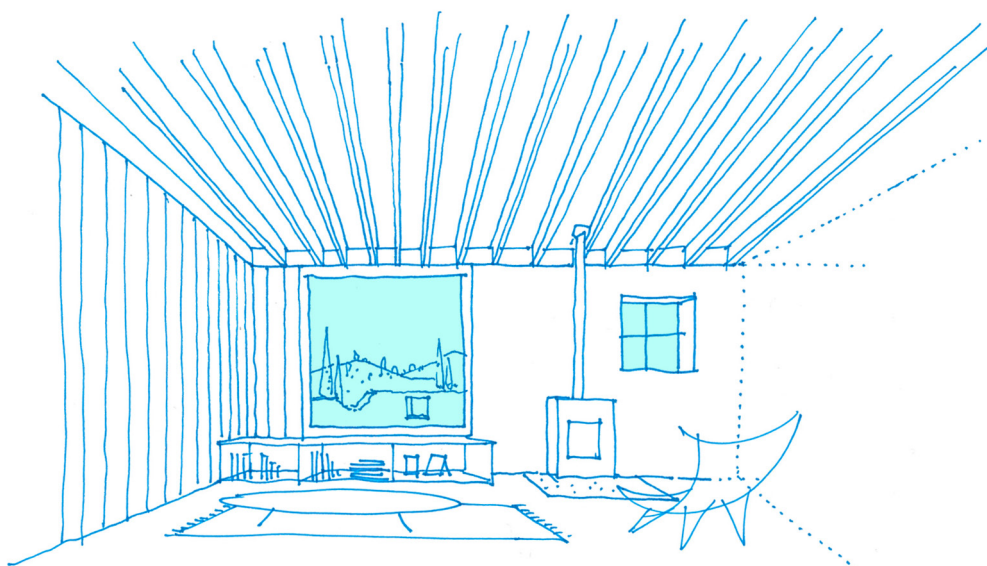


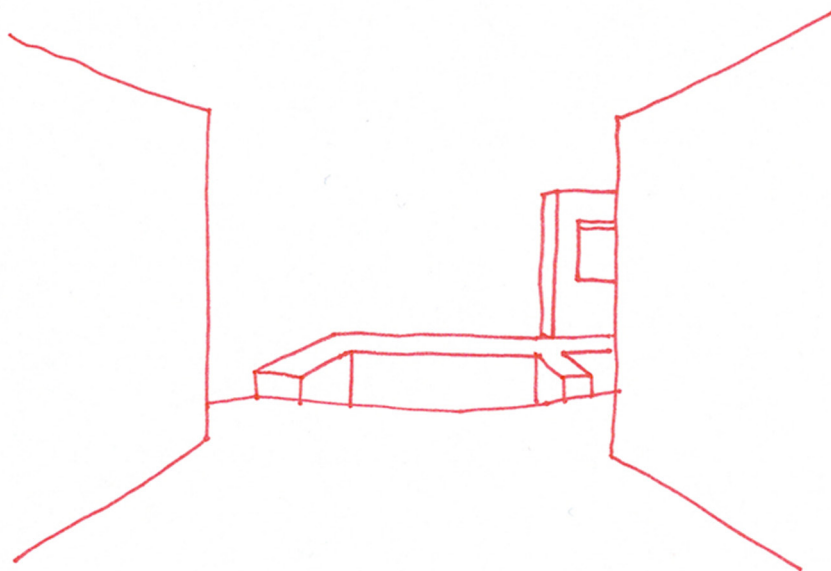


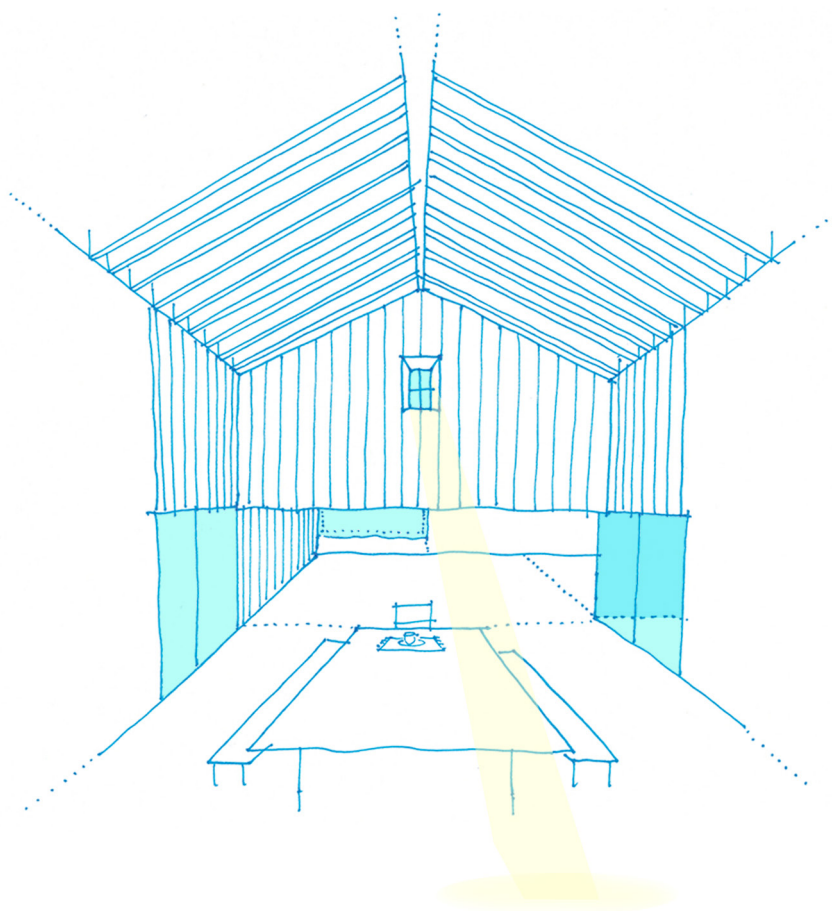












Da: Luca Bosco [REDACTED]
Oggetto: Conclusões
Data: 25 maggio 2016 17:46
A: Beirão Francisca [REDACTED]

Olá Francisca, olá Ricardo!

Que tal? Espero que tudo esteja pelo melhor convosco.

Bem... estou aqui a escrever este mail para avisar-vos que começa-se “a cheirar” a conclusão desta, não breve, mas certamente intensa experiência que tivemos juntos. Estou a fazer as ultimas correções aos textos e a rever algumas pequenas coisas que é preciso alterar, mas está practicamente tudo pronto.

Nem sei se lhes chamar trabalho sinceramente, ou se simplesmente considerar tudo isto uma história, onde os protagonistas, casualmente, se encontraram pelo caminho... e o projecto, no fundo, tornou-se um objecto, à volta do qual, se construíram muitas “conversas interessantes”.

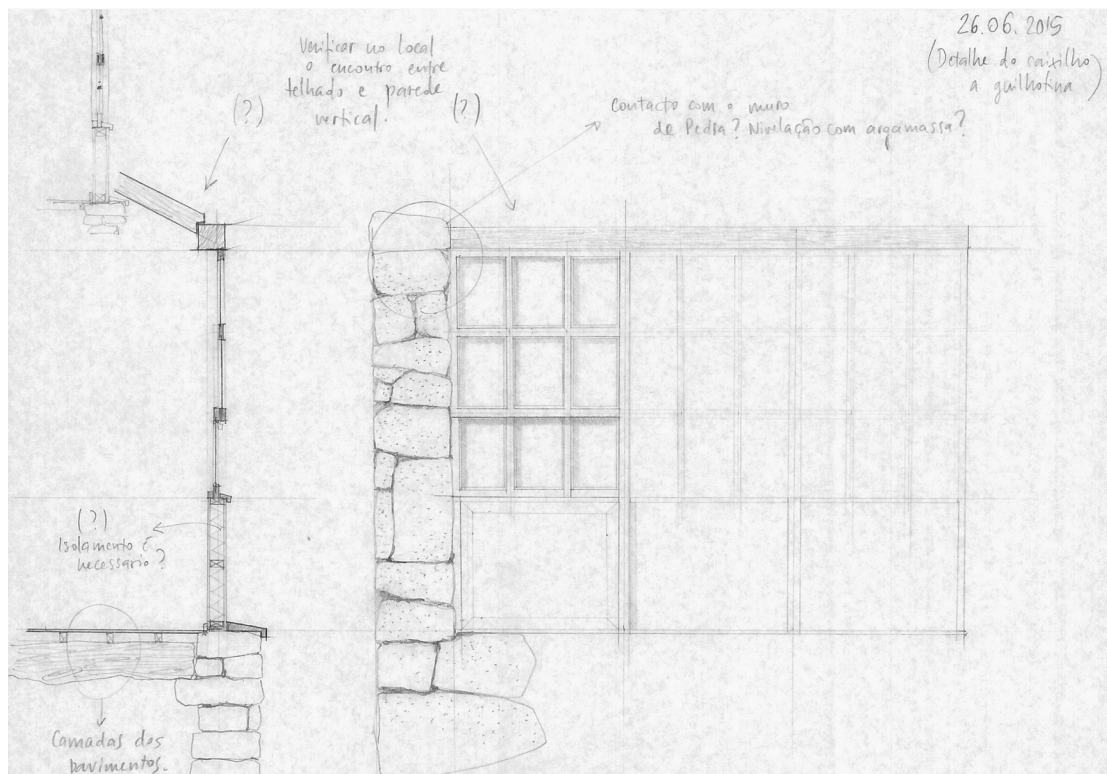
Eu, por exemplo, nas inúmeras voltas que demos pelos campos da Quinta, aprendi a conhecer árvores, ervas... até apanhei milho! Ah! o tempo que se passou lá a descascar as maçarocas...!...Adorei o MILHO REI! Nem sabia que isso existisse.

Fiz também a minha primeira (e espero não última) vindima... que ritual! Acho que nunca bebi vinho com tanta satisfação, a serio... mas pronto... esta é só uma pequena lista das coisas que fui aprendendo durante este ano e meio e é por isto que vos quero agradecer. Espero, contudo, que vocês também possam ter levado algo desta experiência que partilhamos.

Enfim...voltando ao assunto principal, suponho que esta sexta-feira, dia 27, vou fazer um teste de impressão, para depois combinarmos e vocês verem isso tudo montado. Na segunda ou terça-feira, queria mandar imprimir as copias definitivas. Eu amanhã ou mesmo na sexta-feira ligo e a gente depois trata disso.

Entretanto, um grande abraço e até breve.

Luca



“O projecto é o conjunto de uma série de invenções, um conjunto de espaços de vida capazes de se unirem e formar a construção.”

Conscientes de que um acompanhamento diário da obra será fundamental para a definição dos pormenores construtivos deste projecto, decidiu-se então, nesta dissertação, não apresentar uma sequência de desenhos de execução. Escolheu-se simplesmente declarar a abordagem técnica ao problema, que indica e justifica todas as soluções adoptadas conforme à ideia projectual, resultado de uma análise com base nas construções pré-existentes.

Será preciso, nestes aspectos, esclarecer que, na Quinta dos Vinhais, encontram-se dois tipos de problemas por resolver.

1. Deve-se, antes de mais, definir uma linha de intervenção que caracterize todas as Casas que actualmente, mesmo num estado de degradação considerável, mantêm a própria estrutura quase totalmente consolidada, quer os muros portantes de xisto, quer os telhados.

Como conseguir a ideia de conservação do carácter primitivo e vernacular desta Casas, garantindo uma vivência confortável para os seus ocupantes?

2. Há então uma segunda situação. Trata-se do edificado que se encontra em ruína, para o qual será fundamental estabelecer uma abordagem que não impeça, por um lado, a leitura das estratificações históricas que o caracterizam, mas que por outro permita encontrar novas soluções tecnológicas que se adaptem às novas intenções.

No primeiro caso, decidindo conservar o carácter autêntico das Casas pré-existentes, à semelhança do que fez o Ricardo na sua Casa, não se propõe a aplicação de argamassa de cal na face exterior das paredes. Assim, impermeabilizam-se desde o interior, aplicando-a entre as fissuras das pedras sobrepostas que constituem os muros perimetrais.

Considerando a grande espessura das paredes (70/80 cm dependendo das situações), decide-se também evitar a colocação de isolamento térmico pelo interior. Pela sua elevada inércia, estas paredes têm resultados benéficos, sobretudo no verão, porque proporcionam, nesse período mais quente do ano, um amortecimento do efeito do calor durante o dia, retardando a sua libertação até à noite, quando uma adequada ventilação natural pode contribuir para o subsequente arrefecimento nocturno. Quanto às caixilharias, pensou-se manter as janelas com vidros simples, conservando as pré-existentes que pedem só alguns arranjos de carpintaria e aplicando novas caixilharias de madeira onde elas não existam. A aplicação

de vidros duplos, nestas construções, seria desaconselhável, sobretudo se a condutibilidade térmica dos mesmos for inferior à da parede, já que aumentaria a probabilidade da ocorrência de condensações nesta, com os consequentes efeitos degenerativos.

Por outro lado, nas coberturas, cuja inércia térmica é irrelevante, deverá ser aplicado isolamento térmico. Retirar-se-ão todas as telhas, para aplicar uma camada de painéis de aglomerado negro de cortiça, evitando-se assim o sobreaquecimento do espaço interior através do telhado. Deverá também garantir-se uma lâmina de ar ventilado sob as telhas, entre as quais se deverão contar algumas telhas ventiladoras.

No rés-do-chão, que antigamente se destinava ao gado, será fundamental estabelecer um pé-direito que permita a sua fruição, agora que surge a necessidade de organizar o programa de habitação. Baixar-se-á então, onde possível, o nível do chão para que se ganhe a altura desejada, avaliando também a eventual necessidade de forras nas paredes periféricas caso nelas se detecte a presença de salitre (tão comum em áreas onde antes tenham sido guardados animais).

Na ruína, a situação torna-se excepcional e mais complexa. Aqui é preciso reconstruir uma volumetria que já não existe. Opta-se então por paredes que, graças a uma estrutura interna de madeira se fixam nos embasamentos de xisto. O acabamento exterior será constituído por tábuas de madeira de pinho maciço. Isola-se a nova construção na face interior das paredes, intercalando uma caixa de ar ventilada entre o isolamento e o referido revestimento de madeira exterior, útil para dispersar a humidade.

As coberturas, aqui, estão definidas por uma nova estrutura. Para permitir uma leitura das várias intervenções, não se propõe uma cobertura em asnas como nas pré-existentes, mas opta-se por um cobertura composta por uma viga central sobre a qual se seguram as vigas secundárias que garantem a pendente do telhado. Diferencia-se o novo do antigo, permitindo uma nova percepção espacial que difere das pré-existências.

Desde o primeiro contacto com o lugar, houve uma consciência de que o projecto, de certa forma, não se devia impor, não devia ditar nada de mais... simplesmente precisava só acomodar-se em silêncio, respeitando a atmosfera que já existe.

TELHA VENTILADORA

BEIRAL DE PLACA DE
ARDOSIA

ESTRUTURA ORIZONTAL DE
MADEIRA LAMINADA

ESTRUTURA VERTICAL DE
MADEIRA LAMINADA

ESPAÇO DE AR VENTILADO

REVESTIMENTO EXTERIOR
DE TÁBUAS DE MADEIRA
MACIÇA DE PINHO (25mm)
(VERTICAIS)

CAIXILHARIA DE
MADEIRA COM VIDRO DUPLO

AGLOMERADO NEGRO DE
CORTIÇA

PAREDE DE XISTO
PRÉ-EXISTENTE (50cm)

VIGA DE MADEIRA
LAMINADA (NOVA ESTRUTURA)

AGLOMERADO NEGRO DE
CORTIÇA (10cm)

FORRO DE MADEIRA
MACIÇA DE PINHO (15mm)
REVESTIMENTO INTERIOR DE
TÁBUAS DE MADEIRA
MACIÇA DE PINHO (25mm)
(VERTICAIS)

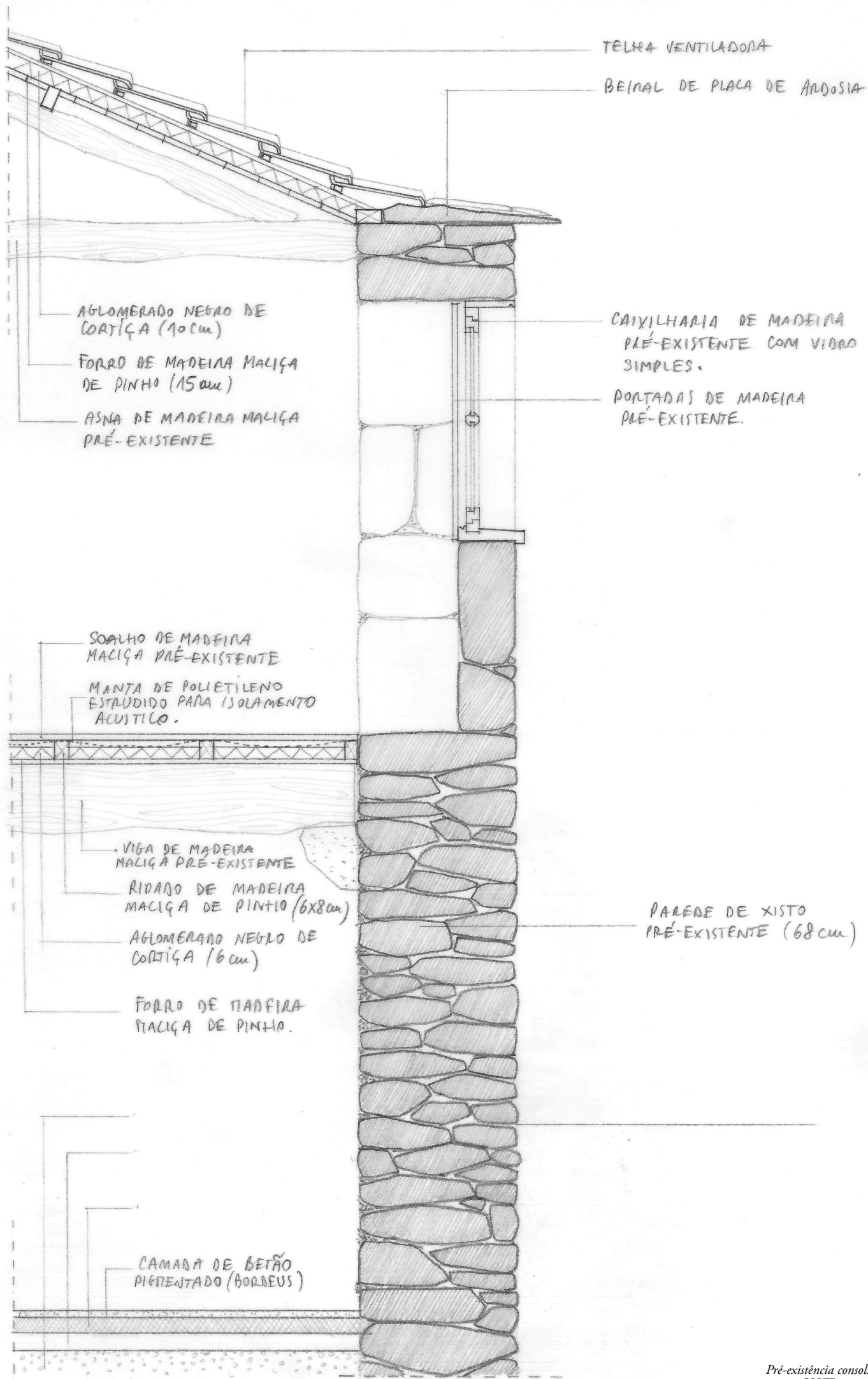
SOALHO DE MADEIRA MACIÇA
DE PINHO (25mm)

ARGAMASSA DE REGULARIZAÇÃO

PAINEL DE POLIESTIRENO
ESTRUDIDO (3cm)

TELA BITUMINOSA

RIPADO DE MADEIRA
MACIÇA DE PINHO



Da: RFBlanc . [REDACTED]
Oggetto: Re: Conclusões
Data: 26 maggio 2016 23:22
A: Luca Bosco [REDACTED]

Olá Luca,

Mais uma vez uma mensagem muito agradável e simpática. É para nós sempre um gosto! Na verdade este percurso tem sido muito frutífero também para nós, é sempre uma "lufada de ar fresco" encontrar pessoas com quem possamos falar e que nos ouçam, coisa que não é muito comum.

Obrigada por tudo o que nos trouxeste, penso que conseguimos criar uma boa e grande amizade.

Quanto ao trabalho fica no ar um possível encontro antes de terça-feira mas combinamos isso por telefone.

Um beijo e abraço,
Francisca e Ricardo

19.05.2016

Não me lembro perfeitamente quando a conversa surgiu, mas foi certamente num dia em que o Ricardo e a Francisca vieram no Porto para falar sobre o projecto. Para fazer um ponto da situação. Tinha pendurado na parede do meu estúdio todos os esboços e desenhos do projecto que até então tinha feito, juntamente com algumas fotos da Quinta que me tinham passado no início do trabalho. Fotos que representavam a Quinta na altura em que foi adquirida. Ainda não viviam em Rebordelo. A Quinta estava totalmente abandonada, num estado de degradação bastante avançado. Os terrenos estavam cobertos de ervas. Não estavam cultivados. Apareciam apenas aqui e ali algumas árvores espalhadas pela Quinta. Um pequeno deserto, quando comparado com a Quinta actualmente.

Disse o Ricardo ao ver estas fotos: *“Se voltasse para atrás, não sei se tinha coragem pra fazer tudo o que fizemos em tão pouco tempo...”*

Na sequência narrativa que se segue, proponho algumas visões da Quinta. Numa primeira fase, mostram-se imagens desfocadas, granuladas, que deixam transparecer de forma pouco nítida o seu estado de abandono inicial, estabelecendo pela sua representação uma analogia à sua anterior definição difusa, ou confusa. Depois, segue-se uma representação clara do seu estado actual, revelando os frutos do esforço que foi necessário para transformar o lugar no paraíso que agora parece ser.

Deixa-se ao tempo, e às circunstâncias, enfim, decidir se resta ainda vontade para terminar a aventura que, com coragem, este casal começou há cinco anos. Fica com esta proposta, o desejo de que, um dia, o projecto se torne realidade.









Da: Luca Bosco [REDACTED]
Oggetto: Re: Conclusões
Data: 28 maggio 2016 16:26
A: RFBlanc . [REDACTED]

Olá Francisca, Olá Ricardo!

Pois, Muito Obrigado pelas palavras...a serio. Vamos então falar nos próximos dias.

Até breve,
um beijinho e um abraço.

Luca

